



RUBEM
FONSECA

O Romance
Morreu

Rubem Fonseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

RUBEM
FONSECA
2007

Rubem Fonseca
O ROMANCE MORREU - CRÔNICAS



Amem

Romance

O ROMANCE MORREU
Rubem Fonseca

Copyright © 2007 by Rubem Fonseca

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 21042-235

Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

R747r

2. ed. Fonseca, Rubem, 1925—

O romance morreu : crônicas / Rubem Fonseca. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2014.

ISBN 978.85.209.4021-1

1. Contos brasileiros. I. Título.

CDD: 869.98

CDU: 821.134.3(81)-8

SUMÁRIO

O romance morreu?
A pornografia começou com a *Vênus de Willendorf*?
Primeiras lembranças de Nova York
La rubia cabeza de Fonseca
Exitus letalis
Ambiguidades, simbolismos, metáforas, obscuridades, enigmas, alegorias
Pipoca
Cinema e literatura
Jack, o Estripador
Viagens
Reminiscências de Berlim
O maior órgão do corpo
O mar, a praia e o sol
Macacos escritores
Rosalía de Castro
Masturbação
Desventuras de um dendrólatra
Copa do Mundo: alegria e sofrimento
Michael Jackson
O som e a fúria
Viveca
Loja de botox a varejo
Dinheiro, magreza & livros
O macho está com os dias contados?
Spam
Visitando Israel
O quinto suspeito
José — uma história em cinco capítulos

As crônicas do José (*Sérgio Augusto*)
Fonseca exhibe lado íntimo em coletânea (*Marcelo Pen*)
O autor
Notas

O ROMANCE MORREU?

Muito antes de publicar o meu primeiro livro eu já ouvia dizer que o romance, a literatura de ficção estavam mortos. Parece que a primeira morte teria sido anunciada ainda em 1880, não obstante, como todos sabem, Emily Dickinson, Tchekhov, Proust, Joyce, Kafka, Maupassant, Henry James, o nosso Machado, Eça, Mallarmé, as Brontë, Fernando Pessoa (um pouco mais tarde) estivessem ativos naquela época.

No início do século XX, com o lançamento, por Henry Ford, do Ford Model T, um automóvel popular, construído numa linha de montagem, um carro barato que em poucos anos vendeu mais de 15 milhões de unidades, as cassandras afirmaram que agora a literatura de ficção, na qual se incluía a poesia, estava mesmo com os dias contados. Dentro de pouco tempo todas as pessoas teriam automóvel e usariam o carro para passear, fazer compras, namorar em vez de ficar em casa lendo. Ou porque não soubessem o que lhes reservava o futuro ou lá porque fosse, o certo é que muitos escritores, como Yeats, Benavente, Galsworthy, Selma Lagerlöf, Rilke, Kavafis, Edna St. Vincent Millay, continuaram escrevendo, e talvez até tivessem um Model T na garagem.

Nova anúncio mortal veio logo em seguida, causada pelo cinema, denominado de sétima arte. Uma pesquisa da época mostrou que em cada cem pessoas oitenta frequentavam o cinema e duas (duas!) liam livros de ficção. Agora mesmo é que a literatura, enfim, havia morrido. Desta vez não tinha salvação. Mas Sinclair Lewis, Thomas Mann, Bunin, Céline, Anna Akhmatova, O'Neill, Pirandello e muitos outros não sabiam disso. (Os dois últimos são autores de teatro, mas o teatro começou a morrer antes.) Depois, nova morte foi profetizada quando do advento da televisão. Mas William Faulkner, Eliot, Gide, Hesse, Quasimodo, Pasternak, Camus, Hemingway, Beckett, Seféris, Kawabata, Mauriac, Steinbeck e muitos mais não pararam

de escrever. Que diabo, esses caras não liam os jornais? Não sabiam que a literatura de ficção havia morrido?

Afinal veio o golpe de misericórdia: o computador e a internet. Era a pá de cal. Mas o que estava acontecendo? Quem são (ou eram) esses loucos escrevendo poesia e romance — Carlos Drummond de Andrade, Czesław Miłosz, João Cabral, Pablo Neruda, Montale, Heinrich Böll, Saul Bellow, Isaac Bashevis Singer, Octavio Paz, Brodsky, García Márquez (“se você diz que o romance está morto, não é o romance, é você que está morto”), Canetti, Günter Grass, Kenzaburo Oe, Saramago, João Ubaldo, Ferreira Gullar e um montão de outros? O que na realidade está acontecendo?

Existem muitos estudos interessantes e extensos sobre o assunto, como o da ensaísta Leyla Perrone-Moisés, em seu livro *Altas literaturas* (Companhia das Letras, 1998). Uma coisa talvez esteja acontecendo: a literatura de ficção não acabou, o que está acabando é o leitor. Poderá vir a ocorrer esse paradoxo, o leitor acaba mas não o escritor? Ou seja, a literatura de ficção e a poesia continuam existindo, mesmo que os escritores escrevam apenas para meia dúzia de gatos-pingados?

Uma pesquisa recente sobre hábitos de leitura no meio universitário chegou a conclusões espantosas: 36% dos pesquisados nunca, repito, nunca haviam lido sequer um livro de ficção. Uma minoria lia um ou dois livros de ficção durante o ano. Um número grande lera apenas um livro a vida inteira. Estamos falando de universitários.

Não quero tirar conclusões a partir dessa pesquisa. Elas seriam sombrias demais. Li recentemente, em um estudo das professoras Isabel Sampaio e Acácia Angeli dos Santos, que as chamadas dificuldades de leitura e redação referem-se, na verdade, a deficiências em capacidades cognitivas básicas, como a habilidade de compreender variáveis, fazer proposições, identificar lacunas de informação, distinguir entre observações e inferências, raciocinar

hipoteticamente e exercitar a metacognição. Vivendo numa sociedade em que a capacidade de processamento de informações deixou de ser apenas habilidade intelectual para transformar-se em condição de sobrevivência econômica, o indivíduo privado das ferramentas da leitura e da escrita está sujeito à marginalização — pessoal, profissional e social.

Será que os universitários sabem disso?

Kafka escrevia para um único leitor: ele mesmo. Recordo Camões. Ele era um arruaceiro e acabou na prisão, ou por suas rixas ou por ter se envolvido com a infanta dona Maria, irmã do rei João III. Para obter o perdão do rei ele se propôs a servi-lo na Índia, como soldado. Lá ficou 16 anos e, afinal, voltou para Portugal a bordo de um navio, acompanhado de uma jovem indiana que ele amava e a quem dedicou o lindo soneto “Alma minha gentil, que te partiste”. O navio naufragou, e Camões só pensou, durante o naufrágio, em uma coisa: salvar o manuscrito *d’Os Lusíadas* e dos seus poemas. Deixou a mulher amada morrer afogada (confesso que especulo) e perdeu todos os seus bens, mas salvou os seus manuscritos. Para quem ler? Estávamos no século XVI e muito pouca gente em Portugal sabia ler. Mas Camões pensou nesse punhado de leitores, era para eles que Camões escrevia, não importava quantos fossem.

Os leitores vão acabar? Talvez. Mas os escritores não. A síndrome de Camões vai continuar. O escritor vai resistir.

A PORNOGRAFIA COMEÇOU COM A *VÊNUS DE WILLENDORF*?

A mais antiga representação conhecida de um ser humano é a *Vênus de Willendorf*, uma mulher nua da época paleolítica, esculpida em calcário, com cerca de 11 centímetros de altura e provavelmente vinte mil anos de idade.

Assim a descreveu J. Szombathy, um dos seus descobridores: “A escultura representa uma mulher gorda, inchada, com grandes glândulas mamárias, uma barriga saliente, cadeiras e coxas grossas [...] Os lábia minora estão claramente indicados [...] Toda a figura mostra que o artista possuía um excelente domínio da forma humana e que deliberadamente enfatizou as partes referentes à função reprodutora.”

O rosto — olhos, nariz, boca — é pouco definido. Pode-se dizer que o artista, ao representar a figura humana da *Vênus de Willendorf* de maneira distorcida, planejou produzir não apenas a primeira escultura como também a primeira “caricatura” (do italiano *caricare*, exagerar) conhecida.

A caricatura surgiu realmente na Renascença e na Reforma, ainda que já tivesse existido no Egito antigo e na Grécia, porém sem relevância. Leonardo, Holbein, Dürer, Brueghel, Bosch fizeram caricatura, mas os especialistas afirmam que ela teria começado com Agostino Carracci, nascido em Bolonha em 1557 e falecido em Parma antes de completar 45 anos. É interessante notar que existe outra escultura do mesmo período aurinhacense em que foi esculpida a *Willendorf*, só que alguns mil anos mais nova, a *Vênus de Brassempouy*, cuja forma, apesar de mutilada, permite supor uma acentuada e caricatural linha esteatopígica.

Seria esse escultor da Idade da Pedra que esculpiu a *Vênus de Willendorf* destacando e deformando as suas características sexuais “o primeiro artista pornográfico da história”, como querem alguns? “Mesmo comparada com as construções repelentes que os antropólogos fazem da mulher de

Neandertal, a *Vênus de Willendorf* é simplesmente repulsiva”, disse um historiador. Repulsiva? Por terem sido realçados os seus órgãos sexuais, certamente. O conceito de pornografia tem variado no tempo e no espaço, mas sempre subordinado ao corpo humano, sua nudez e suas secreções e excreções — espermatozoides, fezes, urina —, refletindo o preconceito antibiológico presente, em maior ou menor grau, em quase toda a história da civilização. É comum ouvir-se, hoje, de maneira lamuriante na maioria das vezes, que esse tabu milenar não existiria mais, principalmente nas sociedades urbanas, depois que a ciência e os meios de divulgação se encarregaram de desmitificá-lo. (“O único ato sexual anormal é aquele que você não pode realizar”, Kinsey.) O critério de moralidade, dizem, teria sofrido profundas modificações, e pornografia (como sinônimo de obscenidade) não mais se aplicaria ao corpo e ao sexo. O surgimento de “novas pornografias” — a da morte, a da violência, a da miséria — comprovaria esse ponto de vista. A liberdade sexual teria sido afinal conquistada.

Na verdade, o preconceito não cessou de existir. “A liberdade sexual acabou virando uma nova forma de puritanismo. Eu defino puritanismo como um estado de alienação: a emoção separada da razão, o corpo usado como máquina” (Rollo May). Muitos alegam que o cinema, o teatro e a literatura nunca tiveram tanta franquia para exibir as obras “repulsivamente mais pornográficas”. Para essas pessoas, entre as quais se incluem escritores, educadores, sociólogos, filósofos, “a pornografia deve ser controlada porque é uma fantasia infantil sem fundamento na realidade, um sonho sórdido em que o sexo é separado do seu contexto humano”. A utilização da censura não podia deixar de ser defendida por essas pessoas: “Se tolerarmos a pornografia e não permitirmos que a censura a restrinja, nossa sociedade se tornará cada vez mais vulgar, brutal, ansiosa, indiferente, desumana e, afinal, poderá se desintegrar totalmente” (Ernest van den Haag). Curioso o ponto

de vista de um escritor que, no seu horror à pornografia, disse isto: “Como um ato contra a sociedade, escrever, publicar e distribuir um livro como *Trópico de Câncer* é mais grave do que escrever, publicar e distribuir um panfleto que advogue a derrubada violenta do governo” (George P. Elliott). Outra curiosidade: o decreto-lei nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970, usado para proibir a publicação e a circulação de livros no Brasil — *Feliz Ano Novo* foi um deles —, diz, numa das suas justificativas, que as manifestações contrárias à moral e aos bons costumes, que pretende coibir, “fazem parte de um plano subversivo que põe em risco a segurança nacional”.

Cabe aqui uma pequena digressão. A censura não deve ser encarada apenas como a ação reacionária e obscurantista de certas agências e agentes do Estado. A censura é um subsistema cultural (e ideológico) que serve para preservar os valores que uma determinada cultura considera ameaçados. O agente do Estado não passa de alguém que “trata do negócio por conta alheia”, ainda que exorbite, muitas vezes — e quanto mais autoritário o Estado, mais oportunidade têm o agente e a agência de desviarem-se da norma. Mas não é preciso que se excedam “os justos limites da regra” para reprimir o comportamento individual ou a manifestação artística. Os piores censores são aqueles que obedecem estritamente à norma do sistema cultural dominante. A literatura, evidentemente, não tem escapado dessa ação repressiva. O caso Moors, ocorrido na Inglaterra, em que dois criminosos, um homem e uma mulher, mataram suas vítimas com requintes de crueldade, foi usado como prova definitiva e exemplar da influência deletéria da literatura pornográfica, devido ao fato de o assassino, de nome Brady, ser leitor e admirador de Sade. Mas, como disse Anthony Burgess, “uma natureza perversa pode ser estimulada por qualquer coisa. Um assassino de crianças, nos Estados Unidos, confessou que ao cometer os crimes fora inspirado pelo episódio de Abraão e Isaac no Velho Testamento.

Proibindo-se o Marquês de Sade, a Bíblia teria também que ser proibida, pelos mesmos motivos”.

Pesquisa feita na Brown University comprovou que a pornografia não tem a menor influência prejudicial sobre as pessoas. Na verdade, quer seja encarada do ponto de vista da história social, da psicologia ou da arte (“perspectivas essenciais” do fenômeno, conforme Susan Sontag), ela nunca será realmente nociva. Certo tipo de pessoa pode até se beneficiar da pornografia, tanto mental como emocionalmente. (E também comercialmente, como editores, distribuidores e autores...) Teriam existido e sido destruídas pelos defensores da moral, dos bons costumes, do bom gosto, outras *Vênus de Willendorf*? Por querer dizer o indizível e mostrar o invisível (aquilo que não deve ser visto), os artistas começaram a sofrer na Idade da Pedra. Mas esses milhares de séculos de coerção não foram fortes e longos o suficiente para destruir no artista a sua coragem de criar — uma das maiores virtudes do ser humano.

PRIMEIRAS LEMBRANÇAS DE NOVA YORK

No aeroporto do Galeão, esperando para embarcar no moderno Constellation que me levaria a Nova York em mais ou menos vinte horas, um sujeito me perguntou por que eu não ia à Europa, a Paris, como ele, em vez de perder o meu tempo nos Estados Unidos. Havia desdém em sua voz. Os *connaisseurs* de nossa burguesia ainda não haviam descoberto Manhattan. Era setembro de 1953.

“Times Square é igual à rua Larga”, ele afirmou, convicto. E talvez tivesse alguma razão: ambas eram sujas e povoadas por uma rafameia de otários e marginais. No Rio, olhando as armas nas vitrinas das lojas de caça e pesca; em Manhattan, os letreiros luminosos. Nas manhãs dos dias úteis, centenas de indivíduos de dentes cariados e roupas desbotadas ocupavam a calçada da rua Larga, caminhando no sentido da Rio Branco “como uma enorme lagarta”. Em Times Square, era à noite que caipiras e burgueses e delinquentes se misturavam num clima cafajeste de quimera e violência. Duas ruas ameaçadoras.

Chegando a Nova York, fui morar no hotel Albert, que tinha a veleidade de se chamar *The Albert*. Situava-se numa rua, a University Place, próxima de Greenwich Village. Ali, trinta anos antes, vindo de Harvard para ensinar na Universidade de Nova York, Thomas Wolfe residira e escrevera um dos seus livros.

The Albert era um hotel em ruínas que ainda ostentava algo do seu antigo esplendor. Lustres de cristal faziam brilhar os corrimões de metal das suas escadarias, e os tapetes vermelhos esburacados davam-lhe um ar decadente, mas grandioso e digno. Depois de algumas noites, porém, o Albert começou a me parecer sinistro. As luzes do meu enorme quarto eram fracas, e na penumbra amarelada as cortinas e os móveis escuros me deixavam deprimido. Naquele quarto li Wolfe pela primeira vez. Um dos

porteiros do hotel, um negro de cabelos brancos e jeito mentiroso e inofensivo, me assegurara que eu estava no mesmo quarto de Wolfe, e que ele vira o escritor trabalhando — isto é, rasgando os papéis que escrevia. “Writers are crazy people”, ele dissera.

O livro que Wolfe escrevia no hotel seria *Of Time and the River*, a história de um jovem que sai de casa para estudar numa universidade distante esperando fugir das recordações da infância e tornar-se um grande escritor. Ele sofre decepções amorosas, viaja para fora do país, mas as lembranças que pensava ter apagado da memória voltam todas — ruas, cores, cheiros e paladares, rostos de sua família. Movido pela saudade e reconciliado consigo mesmo, o jovem volta para casa.

No Albert sofri de insônias que me levaram várias vezes a sair pela rua de madrugada, quase sempre em direção a Washington Square, que ficava perto do hotel. Envolvido num sobretudo grosso, preto, comprado assim que cheguei, eu me recostava no círculo de cimento do centro da praça, a cabeça apoiada na borda que o circundava, e ficava olhando para o céu, vendo o dia raiar e o sol fazer refulgir as alamedas já cobertas de vermelhas folhas outonais, enquanto vagabundos dos dois sexos me pediam cigarros e contavam suas desgraças, ainda com um bafo entranhado de álcool que nem o frio relento conseguira dissipar.

Antes de setembro acabar, mudei-me, fui morar, pela primeira de várias vezes, no hotel Chelsea. O Chelsea ficava na rua 23, entre a Sétima e a Oitava avenidas. Alguém o chamara de anomalia gótica vitoriana, talvez devido ao telhado de ardósia, às torres e aos balcões de ferro batido lavrado. Construído em 1884, foi, desde aquela época, residência de artistas e escritores. Lá residiram, como hóspedes permanentes, Mark Twain, William Dean Howells, O. Henry, Edgar Lee Masters, James T. Farrell, Mary McCarthy, Virgil Thomson (o compositor), Brendam Beham, Nelson

Algren, William Burroughs, Vladimir Nabokov, Gregory Corso, Arthur Miller e outros, inclusive Wolfe, hóspede em 1937 e 1938, provavelmente evadido, como eu, do Albert. No Chelsea, Wolfe terminou os seus dois últimos livros antes de viajar para Baltimore. Certamente não existia hotel neste planeta onde houvessem residido tantos escritores importantes. Uma pesquisa nos livros de registro do Chelsea revelaria ainda muitos outros além dos citados, não só americanos e europeus, como de outras partes do mundo. O prédio era considerado monumento histórico da cidade, e sua fachada ostentava uma placa de bronze com o nome de alguns dos seus ilustres residentes.

Passei a frequentar o bar do Chelsea (depois transformado em um restaurante espanhol chamado El Quijote, onde, pelo menos até 1977, bebia-se um bom vinho e comia-se uma paella medíocre). O bar ficava cheio de escritores e artistas. Entre eles destacava-se Dylan Thomas, considerado um dos mais importantes poetas de sua geração. Nascido no País de Gales, publicara aos vinte anos seu primeiro livro, *Eighteen Poems*, logo reconhecido como um trabalho de forte originalidade. Dylan Thomas realizava sua quarta turnê pelos Estados Unidos, obtendo, mais uma vez, grande sucesso, principalmente em Nova York, pela maneira violentamente emocional que usava na leitura dos seus poemas e pela percepção penetrante com que tratava os temas nascimento e morte, alegria, dor e beleza. E o poeta também era famoso por suas bebedeiras e grosserias, que eram relevadas por ser ele, como disse um dos seus cronistas, John Brinnin, “o mais puro poeta lírico do século XX”.

Um dia ele estava encostado no balcão do bar e coincidiu de ficarmos lado a lado. Dylan bebia cerveja e uísque, alternadamente. Não me lembro do que foi que conversamos. Recordo-me dos seus olhos levemente esbugalhados, inteligentes, com a luz que só existe no olhar dos poetas que

se despedem da vida. O branco da esclerótica era estriado de finas veias sanguinolentas que pareciam mudar a cor da íris. Seu rosto era gordo e vulnerável como uma disforme bola de encher. A voz era levemente gutural, mas sem arestas, velada, porém mostrando todas as tensões da sua mente. Escritores alcoólatras são uma coisa comum. Conversas de bêbados não são para ser levadas a sério. Não lhe dei importância. É assim que os poetas mais jovens tratam os mais velhos.

Mas ao chegar ao meu quarto, antes de dormir, escrevi numa carta: “O bar era escuro e abafado; Dylan bebia acuado, parecia temer que lhe pisassem os pés, sentindo-se velho e inchado, essas pequenas coisas horríveis que acontecem a todos nós, bêbados cansados e tristes. Onde a fúria, onde a ira contra a luz escurecendo nesse bar da rua 23? Ao seu lado senti o bafo do animal afinal domesticado; ele parece prestes a entrar na noite plena e misericordiosa de que fala em sua poesia.”

Na madrugada desse dia uma ambulância veio apanhar Dylan Thomas e o levou para morrer no hospital St. Vincent. Era novembro. Logo veio a neve e não demorou muito para a cidade esquecer o poeta.

LA RUBIA CABEZA DE FONSECA

Poesia e charutos

*Cuando llegue la luna llena iré a Santiago de Cuba, iré a Santiago,
en un coche de agua negra.*

Iré a Santiago.

Cantarán los techos de palmera.

Iré a Santiago.

Cuando la palma quiere ser cigüeña, iré a Santiago.

Y cuando quiere ser medusa el plátano, iré a Santiago.

Iré a Santiago

con la rubia cabeza de Fonseca.

Federico García Lorca

Quando li esse poema de Lorca, há muitos anos, fiquei intrigado com o significado daquele verso “Irei a Santiago com a cabeça loura de Fonseca”. Escrevi, alhures, que poesia não tem que ser entendida e sim sentida, mas os escritores são contraditórios e esta história é antiga; naquela ocasião eu estava mais interessado em entender do que em sentir o poema. Que cabeça seria aquela? Nos ombros de alguém ou decapitada? Um dia procurei a coletânea de Lorca para ler novamente o poema — um bom poema, como é do conhecimento geral, pode ser lido, com prazer, centenas de vezes — mas não encontrei o livro. (Achado muito depois: *Federico García Lorca — Obras completas*, recompilação e notas de Arturo del Hoyo, prólogo de Jorge Guillén, epílogo de Vicente Aleixandre, Aguilar, oitava edição, Madri, 1965.) Existe uma grande balbúrdia nas minhas estantes. Quase que diariamente novos livros são acrescentados ao meu acervo e, como não há espaço nas prateleiras, eles acabam se espalhando pela casa toda, o que contribui para que eu nunca consiga achar um livro que estou procurando. Hoje a situação é caótica, mas, mesmo naquela ocasião, quando os livros

eram em menor número, o problema já se apresentava. O certo é que esqueci, por algum tempo, a rubia cabeça de Fonseca.

Fumei charutos durante muitos e muitos anos. Por um longo tempo o meu preferido era um Pimentel escuro, negro, que hoje não mais existe, de odor tão forte que impregnava cortinas, tapetes, roupas, papéis, livros, poltronas, paredes — a casa inteira. Era o preferido dos bons macumbeiros, um charuto barato, de arquitetura imperfeita (se é que se podia chamar de arquitetura o seu tosco enrolamento) e de combustão tão deficiente que, em uma caixa de vinte ou 25 charutos, apenas uns oito, no máximo, podiam ser acesos corretamente e ter o seu fumo aspirado. Mas o sacrifício de tentar acender um charuto e jogá-lo fora, sucessivas vezes, era compensado quando afinal um deles comburia do princípio ao fim, proporcionando um prazer inefável.

Evidentemente eu não fumava esse Pimentel negro na presença de outras pessoas. Lembro-me de que, em certa ocasião, fui almoçar com o Ruy Guerra, que estava interessado em filmar “O cobrador”, o que infelizmente não ocorreu, por problemas ligados à cessão dos direitos autorais. Depois do almoço, saímos caminhando pelas ruas, eu com vontade de acender o meu charuto fedorento, mas não querendo ofender o olfato do Ruy, mesmo considerando que estávamos ao ar livre. Inesperadamente, Ruy me perguntou: “O fumo de charuto o incomoda? O meu é muito forte.” Respondi que não. Então, Ruy sacou do bolso um genuíno Pimentel escuro. Imediatamente tirei o que carregava no meu bolso e, para felicidade nossa, os dois charutos arderam de maneira perfeita, enquanto caminhávamos calmamente e uma leve brisa tranquilizava as nossas consciências.

Como disse, esse Pimentel negro acabou e talvez apenas eu, o Ruy e alguns velhos macumbeiros sintam falta dele. Passei a fumar uns puros baianos de boa qualidade, até que um dia fui convidado para ir a Cuba

participar, como jurado, do prêmio Casa de las Américas. (Já escrevi com mais vagar sobre essa viagem, falando do encanto do povo cubano e da riqueza cultural de Cuba; posso voltar a fazer o mesmo em outra ocasião.) Em Cuba, comecei a fumar os charutos cubanos. Quem gosta de charutos, depois de fumar um puro cubano não consegue fumar com grande prazer outro que não seja originário das terras de Vuelta Abajo. Nessa viagem, como na seguinte, que fiz alguns anos depois, permaneci a maior parte do tempo em Havana, mas passei alguns dias, creio que uma semana, em Santiago.

“Iré a Santiago con la rubia cabeza de Fonseca”, lembrei-me então. Em Santiago, me deram uma caixa de charutos Fonseca. Quando abri a caixa, lá estava, impressa em cores, na parte de dentro da tampa, a singular figura de um homem jovem com uma vasta cabeleira loura, o Fonseca de rubia cabeza do poema. (Fumei muitos charutos Fonseca e confesso que não estão entre os meus preferidos, mas essa história fica para depois.) Voltando para Havana, visitei a fábrica dos Fonseca, fundada em 1891. Nas primeiras décadas de 1900, os Fonseca eram muito apreciados na Espanha. Lorca devia conhecer o charuto, não sei se o fumava, mas certamente se impressionou com a figura da caixa. O poeta fala da *rubia cabeza* de Fonseca no poema “Som de negros em Cuba”, que escreveu e recitou em Nova York, por volta de 1930, quando estudava na Columbia University. Todos os textos da coletânea *Poeta en Nueva York* estão entre os melhores do grande poeta. Lorca tinha um estilo admirável, como conferencista e recitador dos próprios poemas. “Som de negros em Cuba” teria sido escrito para ser cantado e bailado. Gostaria de ver um dia esse espetáculo.

O poema na íntegra, numa tradução de William Agel de Mello (*In Federico García Lorca, Obra poética completa*, Editora UnB, 1996):

Quando chegar a lua cheia irei a Santiago de Cuba, irei a Santiago

em um carro de água negra, irei a Santiago.

Cantarão os tetos de palmeira.

Irei a Santiago.

E quando quiser ser medusa o plátano, irei a Santiago.

*Irei a Santiago
com a loura cabeça de Fonseca.
Irei a Santiago.
E com a cor rosada de Romeu e Julieta irei a Santiago.
Mar de papel e prata de moedas.
Irei a Santiago.
Oh, Cuba! Oh, ritmo de sementes secas!
Irei a Santiago.
Oh, cintura quente e gota de madeira!
Irei a Santiago.
Harpa de troncos vivos. Caimão. Flor de tabaco.
Irei a Santiago.
Sempre disse que iria a Santiago em um carro de água negra.
Irei a Santiago.
Brisa e álcool nas rodas, irei a Santiago.
Meu coral na treva,
irei a Santiago.
O mar afogado na areia, irei a Santiago.
Calor branco, fruta morta.
Irei a Santiago.
Oh, bovino frescor de canaviais!
Oh, Cuba! Oh, curva de suspiro e barro!
Irei a Santiago.*

EXITUS LETALIS

Em matéria de leitura eu sou onívoro, ou polífono, se preferem. Leio tudo que aparece na minha frente. Mas as duas leituras que prefiro são poesia e bula de remédio. Guardo, ou guardava, todas as bulas dos remédios que consumia (mas não sou hipocondríaco), e fiquei muito desgostoso quando a caixa cheia delas sumiu. Até hoje não sei se alguém a furtou (havia bulas não apenas em português, mas em inglês, francês, espanhol e alemão; muitas vezes eu comprava um remédio só para ter uma bula, mesmo se fosse em uma língua com a qual eu estivesse pouco familiarizado), se foi uma vingança soez de algum inimigo ou excesso de zelo da faxineira ao limpar o chamado Quarto dos Macacos, um cômodo que tenho na minha casa. O que aconteceu, o sumiço da caixa de bulas, é um mistério. Ela não possuía nenhum valor de mercado, e eu não tenho inimigos, ainda mais terríveis a ponto de fazer um agravo dessa natureza, roubar um bem que me era tão precioso. E as faxineiras estão proibidas de entrar no Quarto dos Macacos, a não ser acompanhadas por mim. A minha empregada fixa é maníaca por limpeza e sempre diz palavras desanimadoras sobre a bagunça do Quarto dos Macacos. Não obstante ela seja obrigada a ler uma hora por dia — qualquer um das centenas de livros que tenho na minha estante — sob pena de eu torcer o braço dela, nunca a obriguei a ler bula de remédio. Ela não pode ser a responsável. Mas o certo é que aquele acervo fantástico de mais de mil bulas desapareceu, para meu profundo desgosto.

A bula, da mesma forma que a poesia, tem as suas metáforas, os seus eufemismos, os seus mistérios, e as partes melhores são sempre as que vêm sob os títulos “precauções” e/ou “advertências” e “reações adversas”. Essa parte da bula certamente é produzida por uma equipe da qual fazem parte cientistas, gramáticos, advogados especializados em ações indenizatórias, poetas, criptógrafos, advogados criminalistas, marqueteiros, financistas e planejadores gráficos. Você tem que alertar o usuário dos riscos que ele corre

(e, não se iludam, todo remédio tem um potencial de risco), ainda que eufemicamente, pois se o doente sofrer uma reação grave ao ingerir o remédio, o laboratório, por intermédio dos seus advogados, se defenderá dizendo que o doente e o seu médico conheciam esses riscos, devidamente explicitados na bula.

Vejam esta maravilha de eufemismo, de figura de retórica usada para amenizar, maquiar ou camuflar expressões desagradáveis empregando outras mais amenas ou incompreensíveis. Trecho da bula de determinado remédio: “Uma proporção maior ou mesmo menor do que 10% de...” (não cito o nome do remédio, aconselhado pelo meu advogado) “pode causar uma toxicidade que pode evoluir para *exitus letalis*” (o itálico é da bula).

Qual o poeta, mesmo entre os modernos, os herméticos ou os concretistas, capaz de eufemizar, camuflando de maneira tão rica, o risco de morte — “evoluir para *exitus letalis*”?

Ao criar essa bula, seus autores precisavam evitar todos os vocábulos que pudessem dizer diretamente, em bom vernáculo, o que significa esse risco — *exitus letalis* — que o usuário do remédio enfrenta: falecer, morrer, expirar, perecer. Mas isso tem que ser evitado, é assustador, muito mais do que as gírias bem-humoradas do cotidiano, como abotoar o paletó, apagar, bater as botas, comer capim pela raiz, embarcar deste mundo para melhor, empacotar, entregar a rapadura, esticar a canela, ir para a cidade dos pés juntos, ir para a cucuia, vestir o pijama de madeira, virar presunto. (Eles, os autores da bula, evidentemente não poderiam dizer, como deviam, para que a choldra os entendesse: “Se você tomar este remédio pode bater as botas” ou “ir para a cucuia”. O departamento jurídico não deixaria.) Para dar apenas dois exemplos de como essas duas palavras latinas juntas são sedutoras: existe uma banda de rock com esse nome na Alemanha, ou pelo menos existia da última vez que estive nesse país comprando bulas de

remédio; a editora Geração Editorial publicou um livro intitulado *Exitus letalis: direito a uma morte digna*, do dr. Reginaldo Ustariz Arze. O dr. Kevorkian devia ter usado essa terminologia quando ajudava os seus pacientes a morrer. Talvez não se desse tão mal.

Cenário de filme dramático. Dois velhos hospitalizados, doentes, em cadeiras de rodas, conversam.

Primeiro doente: “O meu médico resolveu marcar o meu *exitus letalis* para a semana que vem.”

Segundo doente: “O que é isso?”

Primeiro doente: “Não sei. Acho que tem a ver com essas pintas escuras da minha cabeça. Deve ser uma daquelas intervenções a laser. Mas não estou preocupado, o meu médico e a minha família cuidam bem de mim.”

Segundo doente: “A medicina está muito adiantada.”

Infelizmente não tenho mais a minha coleção universal de bulas de remédio. Mas hoje comprei, ao acaso, um remédio na farmácia e fui logo atraído por este trecho da bula, esta maravilha escrita em letras miudinhas, a famosa *small print* usada pelos advogados vigaristas americanos nos contratos que realizam com os otários: “O produto é bem-tolerado, podendo causar dor de cabeça, edema, fadiga, sonolência, náusea, dor abdominal, rubor, palpitações, tonturas” (juro que não estou inventando coisa alguma, agora é que vem a parte melhor), “alopecia, função intestinal alterada” (um bom eufemismo para caganeira, com perdão da palavra), “artralgia, astenia, dispepsia, dispneia, hiperglicemia, hiperplasia gengival, ginecomastia, impotência” (caramba!, o cara pode ficar brocha!), “aumento da frequência urinária, leucopenia, mal-estar, mudança nos humores” (Cenário: Paciente: “Doutor, não fui alertado de que podia sentir vontade de me matar.” Médico: “Como não? Veja aqui, mudança de humores, mal-estar. Vontade de se matar é, conforme a literatura médica, o pior de todos os mal-estares.”),

“neuropatia periférica, pancreatite, sudorese, síncope, trombocitopenia, vasculite e distúrbios visuais, hipotireoidismo, hepatite, icterícia”.

Tenho esta obra-prima aqui na minha frente. Estou pensando em mandar enquadrá-la. Encerro por aqui. Quem estiver interessado em saber o que é alopecia, ginecomastia, artralgia, leucopenia e outros termos que não conhece, que vá ao dicionário. Que passem bem, todos.

AMBIGUIDADES, SIMBOLISMOS, METÁFORAS,
OBSCURIDADES, ENIGMAS, ALEGORIAS

A pessoa quando lê um livro pode ter várias reações. Pode cochilar (há quem leia apenas na cama, duas ou três páginas, para ter sono e dormir), pode se divertir, aprender, criar, sonhar. Mas pode também ter reações como se emocionar sem saber bem por quê; ou ficar perplexa, na dúvida se é cinza ou é preto; ou não entender, mas sentir, com admiração, que há algo sendo dito. Ou coçar a cabeça e perguntar-se, espantada, “Que diabo é isto?”.

Toda literatura tem sua dosagem de ambiguidades, simbolismos, metáforas, obscuridades, enigmas, alegorias, mas é rara a peça literária em que todos esses elementos se apresentam simultaneamente. Talvez o *Finnegans Wake*, do James Joyce, seja o único caso em que ocorra esse tautocronismo. Entre os exegetas não há acordo sobre o que é o *Finnegans Wake*; ou se ele é “sobre alguma coisa”. Todos concordam que o texto é quase ilegível. As poucas pessoas que conheço que tentaram ler o livro coçaram a cabeça e se perguntaram: “Que diabo é isto?” Perderam um enigma instigante.

Então o texto literário pode ser enigmático? Pode, desde que não seja um criptograma maçante. A poesia pode ter uma imponderabilidade desconcertante, mas ao mesmo tempo atraente. O poeta Wallace Stevens, ao examinar os principais critérios referentes à criação poética, disse que ela deve ser abstrata, além, é claro, de dar prazer.

Os jornais publicaram recentemente que o professor Philip Edwards finalmente decifrou um poema de T.S. Eliot que há setenta anos era incompreensível para eruditos e amantes da literatura. O breve poema “Usk” era considerado um dos mais “difíceis” do escritor, ganhador do prêmio Nobel. Vejamos o poema, cujo conteúdo vinha sendo debatido há décadas pelos “estudiosos”: Sem alarde quebre-se o ramo,/ Ou a esperança de encontrar/ O cervo branco atrás da límpida nascente./ Relanceia o olhar, mas não lanceia, não soletra/ Antigos sortilégios. Deixa-os dormir./

“Docemente imersos, mas não tanto submersos.”/ Ergue teus olhos/ Até onde mergulha e emerge a estrada/ Busca apenas onde/ A luz cinzenta o verde espaço tangencia/ A capela do eremita, a prece do peregrino.

(Tradução do consagrado poeta e tradutor Ivan Junqueira. Vale a pena reler.) O chato professor Edwards, depois de minuciosas e fúteis pesquisas, chegou à conclusão de que Eliot não fala de nenhum animal, mas da taverna “O Cervo Branco”, de uma pequena aldeia britânica chamada Usk. Ou seja, deixou de haver espaço para as interpretações que se faziam do poema. O cervo branco não simboliza mais, como sugeriram os críticos, a “busca da ascese”, “a redenção” *etc.*

Adiantou alguma coisa desvendar o mistério? Claro que não, apenas permite que se estabeleçam diálogos deste tipo: “O ‘Usk’ é sobre o quê?” “É sobre um boteco onde o Eliot enchia a cara.” Poesia não precisa ser entendida (“No meio do caminho tinha uma pedra/ tinha uma pedra no meio do caminho”), basta deixar o leitor perturbado e/ou emocionado. Ela não é bula de remédio ou vade-mécum.

Literatura de ficção pode e deve ter suas ambiguidades, possuir vários significados, ser analisada de várias maneiras. Exemplo de ambiguidade: *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Até hoje os estudiosos discutem exaustivamente se a esposa de Bentinho, Capitu, era amante de Escobar; se Bentinho era homossexual e estaria apaixonado por Escobar desde o tempo em que estudaram juntos no seminário; se Ezequiel, o filho de Bentinho com Capitu, era, na verdade, filho de Escobar. Essa ambiguidade nunca fez mal ao livro, ao contrário.

Mas a ambiguidade dos ficcionistas nada tem a ver com aquela dos chamados “profetas”. Estes sabem que têm que ser ambíguos e obscuros para poder acertar sempre. Nostradamus, um dos mais renomados profetas da história, é reverenciado até hoje pelos ingênuos (nasce um otário a cada

minuto, como disse o empresário circense Barnum), exatamente porque suas previsões sobre a morte de papas, catástrofes naturais etc., escritas em estrofes de quatro versos, podiam ser interpretadas de inúmeras maneiras. Sua astuta obscuridade facilitava sua adaptabilidade aos novos fatos. O mesmo vale para o *I Ching*, o Oráculo da Mudança, que há três mil anos tem dado inspiração, orientação (e conforto, afinal pode ser interpretado à vontade do freguês) a milhões de crédulos.

Em matéria de polissemia textual, nenhum livro ganha de *Essay on Silence*, de Elbert Hubbard, talvez o primeiro a publicar um livro apenas de páginas em branco, sendo fiel a um dos seus inúmeros ditados: “Para evitar a crítica, não faça nada, não diga nada, não seja nada.” (Hubbard escreveu e publicou muitos livros, o mais conhecido é *Mensagem a Garcia*, que teve duas versões cinematográficas, a primeira, ainda muda, em 1916, no auge da popularidade do livro, e a outra em 1936, com artistas famosos como Wallace Beery e Barbara Stanwyck.) Existem muitos outros livros de páginas em branco; os mais conhecidos são *Memória de um amnésico* e *O livro do nada* — não confundir com *The Book of Nothing: A Natural History of Zero*, do matemático John D. Barrow, definido por um crítico como “um livro essencial que mostra como nada pode ser alguma coisa, ao contrário da terrível ideia de que nada pode ser qualquer coisa”.

Não faltam ambiguidades e enigmas na ficção e na poesia. Aliás, todo texto literário (mesmo o de caráter religioso, como a Bíblia) é, de certa maneira, uma charada a ser resolvida.

Dê uma olhada mais atenta no romance, no conto ou no poema que está lendo.

PIPOCA

O milho — ainda não estou falando da pipoca — é originário das Américas. O nome científico dessa gramínea, *Zea mays*, foi tirado da língua dos tainos, um povo indígena das Antilhas, já extinto. Colombo teria levado essa planta para a Europa, e os portugueses a espalharam pelo resto do planeta. Hoje é o terceiro cereal mais produzido no mundo, depois do trigo e do arroz. O nosso vocábulo “milho” é, possivelmente, uma derivação de “mil”, em razão da quantidade de grãos da espiga fêmea do dito.

A pipoca é o grão de uma variedade de milho que, levado ao fogo com algum tipo de gordura, arrebenta aumentando de volume. A palavra, em nossa língua, vem do tupi *pi'poka*, que significa “estalando a pele”. Sim, os índios comiam pipoca. Na verdade o ser humano comeu milho pela primeira vez em sua história sob a forma de pipoca. Espigas encontradas numa caverna do Novo México teriam 5.600 anos de idade. Os índios punham a espiga em areia aquecida pelo fogo e a mexiam até que estourasse. A pipoca foi o primeiro uso do milho como alimento.

Seu consumo foi se difundindo pelo mundo. A partir do final do século XIX, tornou-se extremamente popular nos Estados Unidos. Em 1885 Charles Cretors inventou uma maneira de fazer pipoca em um utensílio que podia ser empurrado a pé ou puxado por um cavalo ou veículo motorizado e levado até onde estavam os consumidores. A parafernália de Cretors acabou sendo transferida da porta para dentro do recinto dos cinemas, e até hoje sua invenção continua sendo usada, com pequenas modificações, tanto nas casas de espetáculos quanto nas carrocinhas.

Os americanos comem mais pipoca que todos os povos do globo. Durante a Grande Depressão, como a pipoca era muito barata, esse era o único “luxo” de que as famílias dos americanos pobres podiam usufruir.

Com a crescente propagação do cinema, o consumo da pipoca aumentou ainda mais. Cinema e pipoca fizeram um casamento perfeito no mundo inteiro.

Nos anos 1950, quando a televisão se tornou corriqueira, causando forte diminuição na frequência aos cinemas, o consumo da pipoca caiu de maneira acentuada. Mas aos poucos o público habituou-se a comer pipoca em casa vendo TV e o grão voltou a tornar-se popular. Nos Estados Unidos são consumidos anualmente milhões de metros cúbicos de pipoca.

Para os americanos, tempo é dinheiro, e o trabalho doméstico enlouquece as donas de casa, por isso não demoraram a inventar, e difundir pelo mundo, o micro-ondas, originalmente criado para fazer pipoca. Em 1945 um sujeito chamado Percy Spencer descobriu que o grão desse milho especial estourava quando era submetido à energia de ondas curtas. Isso levou a experiências com outros alimentos e à invenção do forno de micro-ondas.

Como se deve fazer e comer pipoca?

O micro-ondas deve ser evitado. Esse aparelho perverte o gosto do grão, tornando-o mais uma festifude (ainda não existe no dicionário) de gordura hidrogenada. Os infelizes, preguiçosos ou muito ocupados, que só provaram a microwave popcorn, podem achá-la palatável, mas qualquer outra é melhor que ela, até essas de carrocinha, feitas com óleos de origem suspeita. Que esses pobres-diabos façam no micro-ondas os seus ovos estralados de gemas perfuradas, mas não corrompam a pipoca, que deve ser preparada de maneira artesanal, em um fogão, utilizando recipientes adequados, fáceis de encontrar entre as panelas de qualquer cozinha. Há apreciadores intransigentes que afirmam que a melhor pipoca é aquela feita em fogão de lenha, mas não precisamos chegar a tanto.

Existem pipocas com centenas de sabores diferentes, assim como existem pizzas de banana e salsichas de carne de galinha. Não aceite invencionices, pipoca tem que ser pura e pode ser preparada em casa, artisticamente, usando em quantidade suficiente a substância correta para ajudá-la a estourar, de preferência manteiga. A pipoca, depois de pronta, não deve sair engordurada do recipiente, mas sim seca, crocante, clara, permitindo vislumbrar a leve coloração amarelada do seu interior. O sal deve ser posto depois, ao gosto do consumidor, mas ele não é imprescindível. Quem não quer usar o cloreto de sódio, por motivos medicinais ou outros, habitua-se facilmente a degustar a pipoca sem esse tempero. Em seguida, você deve saboreá-la assistindo a um filme (na TV, em VHS, antes que ele acabe, ou em DVD), em boa companhia ou mesmo desacompanhado — a pipoca alivia a solidão. Comer pipoca lendo um livro é também agradável, mas deve ser evitado: pode sujar os dedos e as páginas do volume, um pecado sem perdão. E não encha a boca de grãos: pegue um ou dois e mastigue devagar, pipoca não é mata-fome, é para ser apreciada com requinte epicurista.

O melhor é mesmo comer pipoca vendo um filme em tela grande. Os índios provavelmente gostavam de comer as suas *pi'pokas* contemplando o voo de pássaros canoros durante o pôr do sol, um espetáculo com som, cores e movimento — o cinema é isso.

Cinema e pipoca: não existe união mais perfeita. Vá comer pipoca no cinema, é um procedimento universal. Mas não faça barulho, cuidado com os sacos de papel, eles podem emitir um ruído desagradável se forem malmanipulados. Cinema é para ser visto em silêncio.

Conforme a minha lembrança, os cinemas da cidade onde vivo há muitos anos — estou falando do Rio de Janeiro, e cercanias, mas aí na sua

cidade a história talvez seja igual — sempre tiveram pipoca para oferecer aos seus frequentadores.

Os bons cinemas metropolitanos de antigamente, locais enormes e imponentes, com largos saguões, plateia e balcões, forneciam pipoca em sacos de papel. Você precisava usar paletó e gravata para ingressar no São Luiz, por exemplo, mesmo nas matinês. Hoje nem o Teatro Municipal, não importa se o espetáculo é de ópera, música sinfônica ou balé, exige essa formalidade. Os grandes cinemas, como o São Luiz original, acabaram; outros, como o Roxy, em Copacabana, o Palácio, no centro, o Leblon, no bairro de mesmo nome, transformaram-se em várias salas menores. Mesmo assim, a sala 1, do Palácio, é a maior do Rio, com 974 lugares.

Muitas salas pequenas surgiram no Rio, parte localizada em shoppings ou centros culturais. A menor sala é a da Casa França-Brasil, no centro, com 53 lugares, e funciona apenas de terça a domingo. Outras salas com poucos lugares, como a do Instituto Moreira Salles, na Gávea, e a do Centro Cultural Banco do Brasil, no Centro, funcionam, como a França-Brasil, em centros culturais que oferecem inúmeras atrações aos seus visitantes, mas não pipoca. Essa falta também era notada em novas salas como as do Estação Ipanema, para citar apenas um exemplo, pequenas e bem-equipadas em matéria de som e imagem, que vendem café expresso, balas e guloseimas, mas só há pouco tempo começaram a vender pipoca.

Mas a maioria dos cinemas ainda tem pipoca. Às vezes ela é feita numa máquina automática, como nas salas do Nilópolis Square ou nas do Estação Botafogo. Você coloca uma ficha, aperta um botão e a pipoca já sai ensacada, mas o produto tem um gosto medíocre. Pipoca não pode ser feita sem um mínimo de intervenção direta da vontade e da inteligência humanas, inexistentes nos processos estritamente mecânicos.

Os novos complexos de exibição cinematográfica, na Barra da Tijuca, em Botafogo e em outros bairros, com suas dezenas de salas, vendem a pipoca em recipientes de vários tamanhos, mas ela é amarela e enjoativa, em nada compatível com a excelência do som e da imagem dos filmes que exibem.

Atualmente, a melhor pipoca dos cinemas do Rio me parece ser a do cinema Leblon, hoje dividido em duas salas. Já fiz o teste várias vezes, e a qualidade tem se mantido inalterada há bastante tempo.

Tenho medo de que um dia o Leblon, que tem projeção e som de aceitável qualidade, abandone a pipoca e em seu lugar passe a oferecer café expresso aos frequentadores, para ser consumido na sala de espera — tente assistir a um filme bebendo cafezinho —, e que outros cinemas também sigam esse mau exemplo de exclusão. Café expresso é uma delícia que pode ser provada em inúmeros lugares da cidade, até em açougues, como o ótimo cafezinho da delicatessen do Talho Capixaba. Mas pipoca boa, fora de casa, já que as das carrocinhas decaíram muito, só existe nos cinemas, o lugar ideal para ser desfrutada. É preciso preservar essa tradição.

CINEMA E LITERATURA

Os jovens da minha geração queriam ser poetas, mas alguns sonhavam com a poesia porque o cinema era um sonho que parecia impossível. Hoje os jovens sonham e se realizam com o cinema. Eu sempre gostei de cinema, mas tornei-me apenas um cinéfilo. Só fui me envolver com essa atividade depois de ter escrito duas dúzias de livros, mas o meu envolvimento tem sido como roteirista. Não obstante, devo confessar que gostaria também de ser diretor.

Já escrevi roteiros baseados em romances ou contos meus — *A grande arte*, *O caso Morel*, que infelizmente não foi terminado, *Bufo & Spallanzani*, *Relatório de um homem casado*, e acabo de escrever o roteiro de *Diário de um fescenino*. Já escrevi roteiros originais (*Stelinha*, *A extorsão*) e, finalmente, escrevi roteiros baseados em romances dos outros — *O homem do ano*, baseado no livro *O matador*, de Patrícia Melo, dirigido por José Henrique Fonseca.

O que foi mais difícil?

O mais difícil é fazer um roteiro baseado em obra literária já publicada, como no caso de *O homem do ano*. Até nos casos em que eu mesmo havia escrito a obra, como com *Bufo & Spallanzani*, o roteiro foi mais difícil de escrever. Se vocês perguntarem ao Jean-Claude Carrière, que já escreveu dezenas de roteiros, o que foi mais trabalhoso e difícil de fazer, o roteiro de *A insustentável leveza do ser*, baseado no livro de Milan Kundera, ou o roteiro original de *O discreto charme da burguesia*, estou certo de que ele responderá que foi o roteiro baseado no romance do Kundera.

Um roteiro é escrito várias vezes. Isso, aliás, é comum na feitura de textos literários em geral, principalmente na poesia. (Um poema nunca termina de ser escrito, ele é abandonado, como disse Valéry, o que vale para os textos literários também.) Consta que Platão escreveu a primeira frase de

A república cinquenta vezes. Flaubert ficou trinta anos escrevendo *A tentação de santo Antônio*. Melville escreveu dezenas de vezes a frase de abertura de *Moby Dick* — “Call me Ishmael”. Poderia citar dezenas de exemplos dessa fúria revisória, nos vários gêneros literários, mas toda citação excessiva de nomes, até em textos acadêmicos, é uma chatice.

Com os roteiros cinematográficos ocorre a mesma coisa, a diferença é que, além do autor do roteiro, outras pessoas participam dessa revisão, quase sempre o diretor do filme, notadamente aqui no nosso país, e também o produtor. Isso aconteceu comigo, quando trabalhei, entre outros, com os Tambellini (pai e filho, em épocas diferentes), a Suzana Amaral, o Walter Salles, o Miguel Faria e, mais recentemente, o José Henrique Fonseca.

O que queremos todos nós, envolvidos nesse processo? Os mais pretensiosos (e todo aquele que quer criar alguma coisa deve ser “pretensioso”, buscar o seu nível de excelência) querem realizar uma obra de arte. Wagner, quando compôs suas óperas, buscava alcançar aquilo que ele denominava *Gesamtkunstwerk* — a obra de arte completa, que englobasse a música, a poesia e o drama, a pintura, a arquitetura, a dança. Estávamos no século XIX, e se alguma arte poderia megalomaniacamente dizer isso era a ópera.

Já existia uma coisa chamada “lanterna mágica”, surgida no século XVII, um foco de luz que iluminava placas de vidro pintadas à mão. Essas imagens eram projetadas numa parede branca, e os temas representados estavam ligados à religião. Chamava a atenção tanto de adultos como de crianças. Certamente não era a *Gesamtkunstwerk* apregoada por Wagner.

Demorou algum tempo até que os irmãos Lumière — Auguste e Louis —, no fim do século XIX, 1895, criassem o cinematógrafo, uma espécie de ancestral da filmadora, movido a manivela, utilizando negativos perfurados para registrar o movimento. O cinematógrafo tornou possível a projeção de

imagens para o público. Eram imagens em movimento, não aquela coisa parada da lanterna mágica.

Há mais de cem anos, em 28 de dezembro de 1895, ocorreu a primeira exibição pública das obras dos Lumière, no Grand Café em Paris — *A saída dos operários das usinas Lumière*, *A chegada do trem na estação*, *O almoço do bebê*, *O mar* foram alguns dos filmes apresentados, que deixaram os espectadores atônitos. As produções eram rudimentares e, como vimos, documentários curtos sobre a vida cotidiana, de dois minutos de projeção, filmados. A apresentação pública do cinematógrafo marcou oficialmente o início da história do cinema. Porém faltava uma coisa muito importante — o som, que somente apareceu três décadas depois, no final dos anos 1920.

O invento dos Lumière se desenvolveu. Os cineastas, depois dos documentários, partiram para a ficção. Surgiram Max Linder (que teria inspirado Chaplin) e outros comediantes, em vários países. O americano Edwin S. Porter, em 1903, apresenta um trabalho pioneiro em *A vida de um bombeiro americano* e, com *O grande roubo do trem*, inaugura o *western*.

Despontam então dois grandes nomes dos primórdios do cinema: Georges Méliès e David Griffith. Méliès nasceu na França em 1861 e morreu em 1938. Foi um pioneiro na utilização de figurinos, atores, cenários e maquiagem, opondo-se ao estilo documentarista. Realizou os primeiros filmes de ficção, *Viagem à lua* e *A conquista do polo*, em 1902. O outro precursor é David Griffith, nascido nos Estados Unidos em 1875, onde morreu em 1948. No cinema foi o primeiro a tirar a câmera do tripé e a usar a montagem de maneira dinâmica e criativa. Com *O nascimento de uma nação*, de 1915, abriu caminho para a criação da indústria cinematográfica americana. (Dizem que Griffith visualizou o filme inteiro em sua mente e não escreveu um roteiro nem fez nenhuma anotação, mas não acredito nisso. Essa sentença “uma ideia na cabeça

e uma câmera na mão” é responsável por muita porcaria.) Com *Intolerância*, de 1916, Griffith fortaleceu o impulso dado com *O nascimento...*

Começaram a chamar o cinema de “A sétima arte”. Havia sido encontrada a almejada *Gesamtkunstwerk* do Wagner? Sim? Não?

Não. O cinema era mudo, não tinha a poesia dos textos falados, nem a música, essas formas de arte da maior importância. Como poderia arrogar-se o direito a *Gesamtkunstwerk*? Era um excesso de (bem-vinda) pretensão.

As primeiras experiências de sonorização, feitas por Thomas Edison, em 1889, são seguidas por Auguste Baron (1896) e Henri Joly (1900), mas os seus sistemas ainda tinham sérias falhas de sincronização imagem-som. O aparelho do americano Lee de Forest, de gravação magnética em película (1907), que permitia a reprodução simultânea de imagens e sons, foi adquirido em 1926 pela Warner Brothers. A companhia produziu o primeiro filme com música e efeitos sonoros sincronizados — *Don Juan*, de Alan Crosland, o primeiro com passagens faladas e cantadas, *O cantor de jazz* (1927), também de Crosland, com Al Jolson, grande nome da Broadway. E ainda o primeiro inteiramente falado, *Luzes de Nova York*, de Bryan Foy (1928). No ano seguinte, 1929, o cinema falado já representava 51% da produção americana. Outros centros, notadamente França, Alemanha, Suécia e Inglaterra, começaram a explorar o som. A partir de 1930, Rússia, Japão, Índia e os países da América Latina recorrem à nova descoberta. A adesão de quase todas as produtoras ao novo sistema abalou convicções e causou o afastamento de atores e diretores. A linguagem cinematográfica teve que ser reformulada. Diretores importantes, como Charlie Chaplin e René Clair, entre outros, resistiram, dizendo que o cinema não precisava da fala dos artistas. Mas os dois acabaram aderindo, como sabemos, embora o cinema falado de Chaplin seja muito inferior ao

que ele fazia antes. Alguns de seus filmes, como *A condessa de Hong Kong* (1967) e *Um rei em Nova York* (1957), são extremamente decepcionantes.

Durante a Primeira Guerra Mundial, a produção de filmes concentra-se em Hollywood, na Califórnia, onde surgem os primeiros grandes estúdios. Dos anos 1930 até hoje, Hollywood concentra a maior parte da produção cinematográfica mundial, mas muitos centros espalhados por todos os continentes produzem obras que merecem destaque.

Afinal, o que é o cinema, hoje? É chamado de “A sétima arte”, o que é correto. Mas ainda não podemos chamar o cinema de *Gesamtkunstwerk*, obra de arte completa. O cinema é, por enquanto, uma arte híbrida. E o problema principal é que o filme depois de algum tempo fica “datado”: um bom filme antigo não é fruído com a mesma admiração, como ocorre com as outras boas obras de arte. Pode-se ouvir Mozart, ou reler o *Dom Quixote*, ou contemplar a capela Sistina com o mesmo prazer da primeira visita. No cinema, um filme antigo, com algumas raras exceções, pode ser visto apenas como curiosidade histórica. (Há casos de sofisticados cinéfilos que gostam de rever filmes antigos, descobrindo novidades neles.) Essa datação que o cinema sofre me parece ser o problema que exige que a sétima arte, ou “The industry”, como os americanos a definem, seja um objeto de consumo renovado incessantemente.

Para finalizar este artigo, que já se estendeu demais, quero abordar a adaptação cinematográfica de obras literárias.

Antes de mais nada, devo dizer que escrever para o cinema é diferente de todas as outras formas de expressão escrita. Os elementos visuais são tão importantes quanto as descrições e diálogos. Como o investimento é muito grande, o roteiro tem que ser do agrado do produtor. E, como disse acima, o diretor também interfere sempre e o roteiro sempre passa por diferentes tratamentos, que levam em consideração uma porção de aspectos — um

deles, talvez o mais importante, a aprovação do público. O escritor de ficção não tem que se incomodar com isso. Contudo, sem a imaginação dos roteiristas, boas histórias nunca são contadas no cinema. O cineasta e teórico russo Lev Vladimirovich Kuleshov, que introduziu a arte da montagem, afirma em seu livro *A arte do cinema* que cinema é basicamente argumento e montagem, ou seja, as duas figuras mais importantes do filme são o roteirista e o montador. Eu concordo com ele quanto à importância fundamental do roteirista, mas acredito que a figura do diretor é ainda mais importante. Reconheço que o cinema é, como diz a propaganda, “a maior diversão”, que o cinema é a sétima arte. Ainda que não seja a obra de arte total, é uma arte que usa as outras artes como suporte, da melhor maneira possível.

Mas, apenas para provocar, faço a seguinte pergunta: o que é mais importante como arte, a palavra escrita — poesia, ficção, teatro — ou o cinema? Qual das duas pode atingir um nível de excelência mais elevado?

Que tal, apenas como exercício, compararmos as vantagens da literatura e as do cinema? Vamos, brevemente, examinar isso.

Vantagens da literatura

1. Polissemia e participação criativa. O David Neves, quando resolveu filmar a minha história “Lúcia McCartney”, disse-me que tinha a Lúcia “perfeita, exatamente como você a descreve no livro”, e marcou um almoço nosso. A Lúcia, “exatamente como eu a descrevia no livro”, segundo o David, era a Adriana Prieto, uma mulher jovem de cabelos louros, olhos azuis, lábios finos, um rosto bonito que lembrava as atrizes europeias nórdicas. “Não é igualzinha?”, perguntou o David. Evitei responder. Na verdade eu não descrevo a Lúcia na minha história, ela pode ser branca, mulata, negra, magra ou gorda. Porque essa é a grande riqueza da literatura, a participação do leitor, que preenche as lacunas deixadas pelo autor, do leitor que usa a sua imaginação recriando a história que leu, reinventando os personagens. O cinema não permite isso. A Lúcia era, axiomáticamente, uma linda e elegante mulher loura de olhos azuis. O espectador não precisava (nem podia) usar a sua imaginação. O leitor compartilha do livro não apenas estética e emocionalmente: ele tem uma participação criativa. Ele sempre “reescreve” o livro à sua maneira.

2. Permanência. Vejam que tipo de reação despertam os filmes clássicos, Griffith e outros. Eles ficam “datados”.

3. O filme necessita da palavra escrita, até o cinema mudo precisava. Lembrem-se de Kuleshov — argumento e montagem?

4. Literatura é tão importante que diretores do *mainstream*, como Scorsese, Spielberg e outros, aconselham os diretores a ler, por considerarem a leitura importante para o trabalho que realizam. Nenhum escritor aconselha outros escritores a ir ao cinema, por ser importante para o trabalho que fazem. Há uma frase interessante do escritor Gore Vidal, que, além de ser romancista famoso, escreveu vários roteiros. Vidal afirma: “Cinema é roteiro. Uma coisa é certa: o roteiro é fundamental para o filme.

Assim como para o corpo humano uma boa e simétrica estrutura óssea é que vai permitir ao corpo ser bonito e atraente, no cinema isso é feito pelo roteiro.” Cinema é argumento e montagem, estou repetindo Kuleshov. Chaplin usava menos de 10% do que filmava, o resto era cortado na sala de montagem.

Vantagem do cinema

Tem que haver uma razão para a popularidade do cinema.

Com exceção de alguns poucos ensaístas franceses rabugentos, não me lembro de nenhum escritor, músico, ou pintor que não goste de cinema. Todo mundo gosta de cinema. Talvez porque, mesmo tendo por enquanto falhado em tornar-se a *Gesamtkunstwerk* wagneriana, o cinema é a arte que mais se aproxima desse ideal, e talvez um dia venha a deixar de ser uma arte apenas híbrida para tornar-se uma arte completa.

JACK, O ESTRIPADOR

Assassinos em série, ou serial killers, existem no mundo inteiro, inclusive no Brasil. Entre os nossos podemos citar Febrônio, talvez o mais antigo de todos, Francisco Rocha, Chico do Picadinho, Marcelo Costa, o Vampiro de Niterói, Pedro Rodrigues, Pedrinho Matador, Francisco de Assis Pereira, o motoboy conhecido como Maníaco do Parque. Todos acabaram identificados e presos e gozaram, os daqui e os do exterior, de uma fama instantânea e evanescente. Mas um deles, que aterrorizou a cidade de Londres e nunca foi identificado ou preso, mantém a sua fama há 118 anos. Seu apelido: Jack the Ripper. Ele matava prostitutas e as estripava, ou seja, arrancava-lhes as tripas, daí o seu apelido, Estripador.

Há mais de um século, portanto, são realizadas especulações sobre quem seria o Estripador. Inúmeros livros foram escritos, reportagens foram realizadas, filmes foram produzidos sobre esse personagem, uns contradizendo os outros. Sua identidade e motivações ainda não foram estabelecidas de maneira irretorquível. Só existe acordo quanto ao seu modus operandi.

Tudo indica que o Estripador pagava para praticar coito anal com a prostituta — isso era feito na rua, sim, na Londres daquele tempo não havia motéis ou outros locais mais adequados para esse tipo de atividade — e no momento em que ela se curvava levantando as saias com as duas mãos, o assassino se aproveitava da situação indefesa da mulher para estrangulá-la. Ele não chegava a ter relações sexuais com a puta, nem se masturbava sobre o cadáver.

Depois de matá-la, o Estripador estendia sua vítima no chão, em decúbito dorsal, e começava por cortar-lhe a garganta. Em seguida retirava uma das suas vísceras, ao mesmo tempo troféu e assinatura, a comprovação do seu triunfo. O exame dos corpos das suas cinco (pelo menos) vítimas

levou os legistas à conclusão de que ele tinha algum conhecimento de anatomia, pois a remoção do órgão era feita de maneira hábil, fosse um rim, o fígado ou os órgãos genitais.

Era assim que ele operava. Mas quem era ele?

Seria M.J. Druitt, que uns dizem ter sido advogado, outros que era um médico? Não, muito improvável, segundo a maioria das pesquisas.

Aaron Kosminski, o judeu polonês que logo após os crimes foi internado num asilo de loucos? Podemos tirá-lo da lista de suspeitos.

Michael Ostrog? Era apenas um maluco.

Em 1970 surgiu a teoria de que o Estripador era o neto da rainha Vitória, o príncipe Albert Victor, duque de Clarence e Avondale. Essa tese era muito atraente, permitia visões conspiratórias, a própria polícia teria encoberto as pistas que levariam ao príncipe *etc.* Durante um longo tempo muita gente acreditou (e acredita ainda) que o príncipe foi de fato o Estripador.

A teoria moderna mais interessante é a da escritora de ficção Patricia Cornwell, que escreveu uma tese sobre o assunto.

Consagrada autora de romances policiais, ela sempre foi muito atraída pelo mistério de Jack, o Estripador. Depois de uma minuciosa pesquisa, na qual, segundo consta, despendeu mais de seis milhões de dólares, Patricia Cornwell escreveu o livro *Retrato de um assassino — Jack, o Estripador: caso encerrado*.

No livro, publicado no início do século XXI, ela afirma que o Estripador é Walter Richard Sickert, nascido em 1860, em Munique, conhecido pintor impressionista que retratava prostitutas ameaçadas por homens sinistros, frequentador da sociedade londrina, discípulo de Whistler e amigo de Degas. Segundo as pesquisas que a equipe de Patricia realizou, Sickert tinha personalidade psicopática, era um homem bonito e charmoso, gostava de manipular as mulheres.

Uma parte do dinheiro gasto pela escritora foi usada em testes de DNA, no caso DNA mitocondrial, que dura mais do que o DNA nuclear, ainda que não seja tão confiável. Também o exame das cartas que o Estripador teria escrito mostra que o papel era idêntico ao das cartas de Sickert. O exame grafotécnico comprova que a letra dos dois, do criminoso e do suspeito, era semelhante. Muitas outras pesquisas foram realizadas pelos peritos contratados por Patricia Cornwell, todas reforçando a sua teoria.

Muita gente acredita que a tese de Patricia Cornwell encerra o assunto. Tenho dúvidas, não creio que seja “a closed case”, como ela afirma, e não me surpreenderei se outras teses, também aparentemente verdadeiras, surgirem no futuro.

Finalmente, qual a motivação de Jack, o Estripador? As mulheres escolhidas eram prostitutas por serem mais fáceis de matar ou porque ele era um moralista que estava ministrando o castigo que elas mereciam?

Os modernos estudos sobre o perfil dos serial killers indicam que eles, em sua maioria, são homens brancos, com QI acima da média, desajustados no trabalho e na escola, de famílias instáveis, mães dominadoras, que odeiam os pais, vítimas de abusos — psicológicos, físicos e/ou sexuais — quando crianças, com tendências voyeuristas, fetichistas e piromaníacas, propensões suicidas, interessados em pornografia sadomasoquista, que padeceram de enurese (urinavam na cama quando crianças) e começaram suas carreiras torturando animais.

Todos nós conhecemos pessoas que se enquadram nesse perfil. Não?

VIAGENS

Já me fizeram todo tipo de pergunta: por que os escritores são alcoólatras, por que escritor não morre de Alzheimer (a Iris Murdoch morreu), por que os escritores se suicidam mais do que os músicos, por que os escritores são mais pervertidos do que os pintores, por que os escritores são gordos e suam muito. *Etc.*

A pergunta da moça ao meu lado no balcão foi a seguinte: por que os escritores gostam de viajar?

Antes da pergunta, porém, ela fez um prolegômeno, dizendo que adorava viajar, mas que tinha a mania de carregar muitas malas. Sabia que isso estava errado, fizera inclusive um curso chamado *Travel light*, que, apesar do nome, fora ministrado aqui mesmo, numa dessas associações que promovem cursos e discursos sobre praticamente tudo. O curso, cujo mote era *Mala singela*, ensinava o tamanho ideal dessa bagagem, como fazê-la e o que levar nela conforme o destino escolhido pelo viajante. A máxima do curso era uma frase de Alexander Soljenítsin: “Deixe sua memória ser a sua mala de viagem.” No entanto, apesar disso, confessou a minha interlocutora, ela continuava viajando com muitas malas e carregando roupas e objetos que nem sequer usaria.

Se os escritores gostam de viajar? Respondi que sim, pelo menos a maioria.

E eles carregam muitas malas? E o que carregam dentro? E para qual cidade preferem ir? E eles escrevem diários de viagem?

Eu fizera recentemente uma viagem a Israel, escrevera um curto relato sobre o país e gostaria de falar sobre aquela enriquecedora experiência, mas tinha um compromisso e não pude continuar conversando com ela.

Voltei para casa caminhando pela rua e pensando. Antigamente fazia-se muita “literatura de viagem”, mas o gênero saía de moda. Antes, certamente,

para os escritores viajar significava o desejo da aventura e da redescoberta do Eu através de incursões por lugares estranhos, exóticos. Algumas dessas narrativas de viagem, como as de Estrabo e Pausânias, na Grécia do século II a.C., têm valor apenas como repositório de opiniões de pessoas da época. Já os relatos de Marco Polo, no século XIII, possuem qualidade literária. Até o famoso Casanova produziu uma interessante história de viajante no século XVIII.

No início do século XX ainda andávamos a cavalo, no lombo do animal ou então puxados por ele dentro de charretes. Ir a cidades exóticas da China ou da Índia era uma verdadeira aventura. Mas, hoje, somos transportados por avião e chegamos em algumas horas ao nosso destino, por mais longínquo que seja.

Isso tira o charme da viagem. Com a internet não precisamos mais viajar pelo mundo, o mundo vem até nós. No computador escrevo num site de busca “Veneza”, e a cidade que encantou Rousseau e Chateaubriand e levou Bernard Berenson a chamá-la de “man’s most beautiful artifact” se revela inteiramente para mim.

Raramente escrevo relatos de viagem. Levo sempre um notebook, mas se soubesse escrever à mão, como o Antonio Callado e o Vladimir Nabokov, levaria duas canetas e um caderno. Como já disse, aprendi a escrever numa velha Underwood e a vida inteira fui um digitador. Isso não quer dizer que eu deteste histórias de viagens. Gosto dos relatos de Bruce Chatwin, para dar um exemplo. E gosto de viagens mirabolantes, como as inventadas por Swift, nas quais Gulliver encontra povos e mundos estranhos, histórias que, como acentuou um crítico literário, são, na realidade, metáforas dos vícios e do comportamento estúpido da humanidade. (Schiller dizia: “Contra a estupidez humana até os deuses lutam em vão.”) Entre os países imaginários visitados por Gulliver, gosto, especialmente, da ilha de Laputa, por causa do

nome e por ser povoada por sábios loucos. E gosto também do país dos Houyhnhnms, habitados por cavalos que dominam os Yahoos, animais entre o homem e o macaco. Yahoo é definido nos dicionários da língua inglesa como selvagem, brutamontes e também como uma interjeição, uma expressão de alegria e excitação, yippee!, oh yeah! O yahoo da internet vem daí.

As viagens de Gulliver são evidentemente uma fantasia, assim como *Alice no País das Maravilhas*, um clássico infantil, é uma aventura surrealista na qual Alice escapa da realidade da sua vida monótona e entra num mundo maravilhoso cheio de criaturas fantásticas. Nenhum dos dois pode ser considerado, *stricto sensu*, um livro de viagem.

E tem ainda o caso do Karl May.

Quando eu era menino gostava de ler romances de aventuras, como os de James Fenimore Cooper, Emilio Salgari, Edgar Rice Burroughs, além, é claro, dos de capa e espada de Michel Zevaco, Ponson du Terrail e Alexandre Dumas. Dentre os autores de aventuras eu gostava especialmente do alemão Karl May, que escreveu na virada do século XIX para o século XX.

Já adulto, quando Karl May não me interessava mais, descobri que ele era o autor favorito de Albert Einstein, Hermann Hesse, Heinrich Mann, Karl Liebknecht, Albert Schweitzer e Adolf Hitler, entre muitas outras figuras importantes. Como disse um crítico da época, “nem todos os europeus leram a Bíblia, mas todos nós lemos Karl May”. Porém os sessenta livros de May não eram lidos apenas na Europa, eram lidos no mundo todo e foram traduzidos para mais de sessenta idiomas, incluindo latim, volapuque e esperanto. Todo mundo conhecia as aventuras do índio Winnetou e dos demais personagens de May. Achavam que eram romances históricos que retratavam os lugares que ele visitara, na América do Norte, na África, na Ásia. (Um dos livros de May que mais me impressionaram

quando menino se intitulava *Pelo Curdistão bravio*.) Consta que Hitler estudava os livros de Karl May e aplicava os ensinamentos que neles aprendia em suas atividades de ditador todo-poderoso da Alemanha.

Na verdade May escreveu esses livros quando estava na cadeia, devido a vários crimes que cometera. Consta que na cadeia ele passava os dias lendo os livros populares da época, como, por exemplo, *O último dos moicanos*, de Fenimore Cooper, no qual se inspirou para escrever os seus livros passados na selvagem América do Norte, que May só viria a visitar depois de sair da prisão.

Se Karl May podia fazer isso sem nunca ter visto uma única paisagem da América, o que não faria hoje, com a ajuda da internet, um espertalhão como ele?

Dá vontade de fazer uma campanha para que as penitenciárias tenham um computador em cada cela.

REMINISCÊNCIAS DE BERLIM

Eu morava em Berlim, no lado ocidental, havia alguns meses, na rua Storkwinkel 14, um apartamento confortável que me foi cedido pela Deutscher Akademischer Austauschdienst. Um dia me disseram que o professor Erhard Engler, da universidade Humboldt, no lado oriental, precisava de livros de literatura brasileira. O professor Engler, titular da cadeira de literatura de língua portuguesa da universidade Humboldt, tinha dificuldade de conseguir livros em nossa língua. Havia problemas entre ele e o governo da RDA, e Engler não obtinha autorização para visitar outros países, apesar de ser constantemente convidado. Os livros enviados para Engler pelo correio não chegavam às suas mãos. Na fronteira, por portador, eram apreendidos. Decidi que levaria os livros contrabandeados, alguns de cada vez. Esses livros eram apenas de literatura brasileira: Clarice Lispector, Erico Verissimo, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e outros que não recordo e que encontrei numa livraria especializada em literatura brasileira, em Berlim ocidental.

Nas visitas que fizera ao lado oriental para ver os museus e perambular pela cidade, eu me familiarizara com a burocracia referente aos vistos de entrada e à compra dos 25 marcos que teriam de ser gastos durante a permanência na cidade. Já havia assistido várias vezes à maneira como os guardas observavam os que cruzavam a fronteira, fossem visitantes ou residentes do lado oriental voltando para casa.

Como era inverno no dia em que levei a primeira remessa de livros para Engler, vesti um largo casacão e enfiei os livros em torno da barriga e das costas. Os livros não podiam ser vistos, a não ser que eu tirasse o grosso sobretudo.

Ainda na fila, um guarda perguntou-me se eu carregava algum item proibido. Mais adiante outro fez a mesma pergunta. Esse teatro não me

incomodou nem um pouco, era uma rotina repetida mecanicamente pelos guardas com todas as pessoas da fila. Provavelmente eles nem ouviam as respostas dos indivíduos colocados uns atrás dos outros numa comprida coluna. Depois entrei numa estreita cabine e a porta de entrada fechou-se. Havia uma porta de saída, no lado oposto, que também estava trancada. Fiquei preso ali dentro daquele cubículo, aguardando, envolto no meu grosso casaco. Uma luz forte incidia sobre o meu rosto, impedindo que eu visse o meu interrogador oculto por trás de uma divisória escura de vidro. Após algum tempo de suspense, ele me pediu o passaporte. Em seguida disse algo que não entendi. Depois repetiu o que dissera, agora em inglês: “Raise your head”, como quem diz, deixe-me olhá-lo bem, para ver quais são os seus propósitos. Um sujeito que tivesse culpa no cartório começaria a suar frio e confessaria logo seus crimes. Mas eu, além de não sentir culpa alguma, tinha certeza de que os livros não seriam percebidos no escrutínio a que estava sendo submetido e sabia que não há ninguém, nem mesmo um policial alemão extremamente zeloso, que consiga suportar a tediosa rotina de ficar dentro de uma cabine escura durante horas a fio assustando velhos carregando garrafas de licor Metaxa. (A maioria das pessoas que atravessava a fronteira era composta de velhos voltando para casa com sacas de compras, os únicos que tinham permissão para ir ao lado ocidental sem problemas, e até para mudar-se para lá, se o desejassem.)

Parte dessas minhas primeiras experiências berlinenses foram incluídas no meu romance *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*, publicado na Alemanha pela Piper (*Grenzenlose Gefühle, unvollendete Gedanken*). É a cena em que o personagem atravessa a fronteira levando milhares de dólares para serem trocados por um exemplar de um romance apócrifo de Isaac Babel, apreendido quando da sua prisão e mantido durante anos num setor

de livros proibidos da Biblioteca Lenin, de Moscou, até ser roubado por um funcionário corrupto.

Gostei de Berlim. Quando, após alguns meses de permanência, regressei ao Brasil, estava decidido a retornar à Alemanha tão logo surgisse uma oportunidade.

Em outubro de 1989 voltei a Berlim, novamente como bolsista da Deutscher Akademischer Austauschdienst. O meu apartamento agora estava situado mais no centro, na Schlüterstrasse 52, muito perto da Kurfürstendamm, a principal avenida do setor ocidental. Não senti mudanças na cidade, mas no lado oriental dava para notar muitas diferenças.

Na noite de quinta-feira, 9 de novembro, eu estava trabalhando no meu apartamento quando ouvi ruído de gritos e buzinas na rua. Passava das 21 horas. Da janela da minha sala, que ficava no primeiro andar, vi que vários dos carros que buzonavam eram Trabis (apelido de certa maneira depreciativo dado aos toscos carros populares Trabant, fabricados na República Democrática da Alemanha). Tendo assistido cinco dias antes, em Berlim oeste, a uma manifestação na avenida Kurfürstendamm — ou Kudamm, como era mais conhecida — de centenas de milhares de pessoas repetindo o slogan da passeata de Leipzig no mês de outubro, *Wir sind das Volk* — Somos o povo —, eu estava como que preparado para o grito das ruas exigindo alguma forma de liberdade, como a de viajar, por exemplo. Era evidente que, se os Trabis estavam passeando pela Kudamm, o novo governo, chefiado por Egon Krenz, havia cedido de alguma maneira.

Corri para a Kudamm e notei um número grande de pessoas andando pelas ruas, além dos Trabis buzinando repetidamente, a comemorar a abertura das fronteiras entre os dois lados da cidade.

No dia seguinte, quando a população do leste da cidade teve certeza de que a abertura era para valer, um milhão de pessoas, segundo cálculo feito por um jornal, invadiu Berlim ocidental. Nesse dia eu tinha um encontro com Erhard Engler e Christina Vogel em Berlim leste às dez horas da manhã. Ute Hermanns, da Freie Universität, uma amiga comum, iria comigo.

Fomos pela S-Bahn da Friedrichstrasse. Entrar em Berlim leste, dessa vez, foi relativamente fácil. Pagamos cinco marcos pelo visto. Creio que havia sido cancelada a exigência de comprar os 25 marcos da RDA. Não havia as medidas de segurança que eu enfrentara em outras ocasiões. Permitiram que duas pessoas (eu e Ute) entrassem ao mesmo tempo na tal cabine intimidante e claustrofóbica onde, dessa vez, nossos passaportes foram perfunctoriamente examinados; e a primeira porta foi mantida aberta. Finalmente, não criaram problemas com os livros que eu levava para Engler, *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* em português, *Bufo & Spallanzani* em alemão e *Das viertes Siegel*, uma coletânea de contos meus, também em alemão, editada pela Piper, de Munique. Além disso, eu carregava uma porção de cassetes com música brasileira.

Atravessamos as barreiras e ficamos na estação esperando por Christina e Engler. Uma multidão se comprimia, ansiosa, em frente à estação. Durante a viagem de S-Bahn até a estação Friedrichstrasse, Ute e eu havíamos decidido que levaríamos Engler e Christina conosco, para conhecer Berlim ocidental. Ao ver aquela multidão, percebemos a dificuldade que teríamos para sair com eles.

Afinal Engler e Christina chegaram. Ela trazia de presente uma garrafa de vinho tinto húngaro, biscoitos e folhetos sobre Berlim leste.

Engler explicou que o trânsito estava horrível, todos os carros de Berlim leste convergiam para a estação Friedrichstrasse e ele não encontrara um

lugar próximo para parar o seu velho Trabi. Dissemos a eles que iríamos todos para Berlim ocidental.

Nosso convite foi recebido com excitação, mas também com apreensão. Christina nasceu em 1961, no ano em que o muro foi construído. Ela nunca havia estado em Berlim ocidental em toda a sua vida. Na verdade nunca estivera em lugar algum do mundo, a não ser Berlim oriental. (Atualmente eles já fizeram várias viagens, ao Brasil principalmente.) “E se não deixarem a gente voltar?”, disse Engler, meio brincando, meio a sério.

“Vamos assim mesmo”, respondi.

Ute ficara sabendo que os orientais não precisavam de passaporte para atravessar, bastava a carteira de identidade. Houve um momento em que tivemos que nos separar. Os estrangeiros, como eu e Ute, que era cidadã da RFA, teríamos que ir por outro caminho. Combinamos de nos encontrar na plataforma da estação. Afinal Christina e Engler surgiram, depois de nos deixarem apreensivos por mais de meia hora.

Pouco depois chegou o trem, que imediatamente ficou lotado. Quando o comboio começou a se movimentar, as pessoas bateram palmas. Alguns choravam. Christina, perto de uma janela, olhava fascinada para fora, vi os seus olhos arregalados no momento em que o trem passou por cima do muro. Muita gente havia morrido tentando fazer aquilo. Mas era um dia de sol e céu azul, tudo contribuía para criar para as pessoas dentro do trem um clima de festa e alegria.

Chegando em Berlim ocidental, saltamos na estação Zoo e fomos andando pela Kudamm. Passamos na porta de uma joalheria, em cuja vitrina vimos relógios de quarenta mil marcos.

“Não precisamos disso”, disse Engler, “precisamos de liberdade”.

Fomos para o meu apartamento. No caminho comprei uma garrafa de champanhe. Na varanda do meu apartamento, ao sol daquela manhã fresca,

tomamos champanhe e comemoramos a abertura do muro. (Antes de mim o lugar fora ocupado pelo cineasta russo Andrei Tarkovski, também bolsista do DAAD. Erguemos, igualmente, um brinde ao Tarkovski.) Perguntei aonde eles queriam ir. Christina e Engler ficaram pensativos algum tempo.

Afinal, Erhard disse: “Gostaria de visitar a Biblioteca Pública.”

Antes teríamos que comer alguma coisa. Ute telefonou para Berthold Zilly, da Freie Universität Berlin, e combinamos um encontro para almoçar perto da universidade, com outros professores do lado ocidental.

Depois do almoço, passamos a tarde na biblioteca do Instituto Latino-Americano e na Staatsbibliothek. Engler e Christina se encantaram com as bibliotecas, o conforto e a facilidade para consultar a profusão de títulos que possuíam, de todos os matizes e orientações políticas, sem interdições ou proibições. Essa liberdade de poder ler qualquer livro, que antes lhes era negada, tinha um grande significado para Engler.

À noite, a Kudamm estava intransitável. Centenas de milhares de cidadãos de Berlim oriental haviam atravessado a fronteira. As pessoas cantavam, se abraçavam, cheias de amor e esperança. Dançavam sobre o muro. Muitos, com martelos e picaretas, arrancavam pequenos pedaços da muralha.

À uma da manhã fomos levar Christina e Engler de volta. Alguns amigos brasileiros, entre eles a professora Ligia Chiappini Moraes Leite, que ministrava um curso na Freie Universität Berlin, já estavam incorporados ao grupo. Pegamos a S-Bahn da Savigny Platz. Zilly, que havia ido ao nosso encontro de bicicleta, entrou no trem com o seu veículo. Ele e Lígia pretendiam saltar na estação perto do portão de Brandemburgo, mas isso foi impossível, o trem estava tão cheio de pessoas voltando para o leste que ninguém podia se mexer a tempo de aproveitar a rápida abertura das portas.

Tiveram que ir até a Friedrichstrasse, de onde voltaram para ir ao portão de Brandemburgo.

Christina, Engler, Ute e eu descemos as escadas da estação Friedrichstrasse, na parte leste. Dois ou três bêbados rolavam por elas. Fazia muito frio. Christina se despediu com lágrimas nos olhos. “Foi o dia mais feliz da minha vida”, ela disse.

Ficamos acenando em despedida enquanto eles se afastavam, como se nunca mais fôssemos nos ver. Na verdade nos despedíamos da magia daquele momento, sabendo que aquilo, sim, nunca mais se repetiria.

No dia seguinte eu tinha um almoço com nosso embaixador na RDA. Como todos sabem, Berlim leste era a capital da RDA. A capital da RFA era Bonn.

O antigo embaixador brasileiro na RDA, Mário Calábria, também fora convidado para esse almoço e fomos juntos, no carro dele. Ninguém me pediu o visto, que eu esquecera de obter. O antigo embaixador brasileiro era muito conhecido, e nosso carro atravessou a fronteira sem problemas. Alertei Calábria para o fato de eu não ter o visto, mas ele não deu importância às minhas observações e logo estávamos no lado leste. O carro do nosso embaixador na RDA, Ernesto Ferreira de Carvalho, nos esperava. (Não tinha sido possível, para o motorista da embaixada, atravessar a fronteira a fim de nos apanhar, tal o fluxo de carros e de pessoas que passavam, naquele sábado, do leste para o oeste da cidade.) O almoço foi agradável, mas cheio de tensões. O embaixador Ferreira de Carvalho me convidara para almoçar uns vinte dias antes, mas eu tivera que ir a Frankfurt, depois a Viena, em seguida a Grenoble, e adiara o nosso encontro. O que fora planejado para ser uma reunião amena para comer rabada com agrião e discutir literatura (tanto Calábria como Ferreira de Carvalho eram conhecedores de arte e literatura brasileira, além de

possuírem uma sólida cultura geral, muito comum no Itamaraty) transformara-se num encontro cheio de apreensões e expectativas. Carvalho preocupava-se com os telefonemas oficiais que recebia, dando-lhe ou pedindo-lhe notícias sobre o desenrolar dos acontecimentos. Calábria tinha, naquela noite, um jantar com altos funcionários do governo, antigos amigos que fizera quando embaixador na Alemanha do leste, provavelmente sentindo-se inseguros em seus cargos, naquele momento de súbita e estarrecedora mudança. Na verdade o mundo inteiro acompanhava com extraordinário interesse o que acontecia naqueles dias em Berlim. A conversa sobre literatura resumiu-se em eu autografar uns livros para Carvalho. O resto foi política, OTAN, Pacto de Varsóvia, Krenz, Gorbatchev, Honecker (ele teria ordenado uma repressão violenta às passeatas, mas Moscou teria impedido), os acontecimentos na Hungria, na Tchecoslováquia. A rabada com agrião, iguaria brasileira típica e rara naquelas plagas, não foi degustada como merecia. Naquele momento até os mais sedutores prazeres sensuais cediam lugar à magnitude política dos acontecimentos.

Pouco depois das seis horas, Calábria retirou-se. Fiquei com Carvalho até as nove. Despedi-me do embaixador, mencionando que não tinha o visto. O muro caíra, mas ainda havia fronteiras, ainda havia dois países. E eu estava na RDA ilegalmente.

Ao chegar à fronteira, no Checkpoint Charlie, lado leste, pediram-me o visto e, como eu não o tinha, fui detido e conduzido à presença de uma simpática comandante da polícia, de uniforme e pronúncia inglesa irrepreensíveis. Ela disse que eu seria detido e teria que aguardar o procedimento de praxe nessas infrações, de que eu não tinha a menor noção, só sabia que certamente não seria fuzilado. Fui levado para uma sala, onde fiquei retido. Algum tempo depois, fui conduzido novamente à

presença da policial feminina que me detivera e junto dela estava o nosso embaixador. Carvalho, talvez porque eu tivesse mencionado durante nosso almoço que não possuía o visto, prevendo possíveis dificuldades, fora até o posto da fronteira. Ele solucionou meu problema com a habilidade dos consumados diplomatas.

O Checkpoint Charlie era um longo caminho descoberto — parecia ainda mais extenso do que era, enquanto eu transitava por ele naquela noite —, iluminado por fortes luzes de néon que detectariam até uma barata que se esgueirasse pelos cantos da calçada.

Fui caminhando sozinho pela comprida faixa de terreno, vazia àquela hora, pois todos os interessados em ir a Berlim ocidental já haviam atravessado a fronteira.

Do lado da RFA, continuavam de plantão os berlinenses ocidentais, que desde o início da abertura do muro se postavam na fronteira para dar flores e saudar os alemães do leste. Fui festejado por uma multidão que batia palmas para mim. Deram-me um ramo de flores (um símbolo que durante alguns dias identificou os indivíduos e os carros do leste que atravessavam a fronteira) e me ofereceram champanhe para beber. Eu ria e acenava, de boca calada, desempenhando divertido o meu papel de alemão oriental. Afinal eu tinha o direito de fazer isso, era um berlinense, e a minha Berlim sempre englobara os dois lados.

Entrei no U-Bahn que ficava logo em frente ao Checkpoint Charlie carregando o meu ramo de flores. No metrô apinhado, as pessoas persistiam em bater amavelmente nas minhas costas; uma mulher me beijou. Continuei calado para não decepcionar ninguém. Saltei na Adenauer Platz e fui andando pela Kudamm em direção a meu apartamento na Schlüterstrasse, sendo homenageado pelo caminho. Não foi difícil imaginar o que estaria

sentindo um verdadeiro alemão do leste. E também pensei que aquilo não podia durar para sempre. Como todos os contos de fada, teria um fim.

Fiquei pouco tempo em casa. As pessoas estavam abrindo uma nova passagem na Potsdamer Platz, um local cheio de histórias de Berlim, de antes da Segunda Grande Guerra e também dos tempos da Guerra Fria. E lá fomos nós, eu e a Ute, testemunhar o desenrolar da história. Fazia um frio ainda mais forte, nessa noite que passamos em claro. Quando o dia raiou, fomos para a porta de Brandemburgo, caminhando ao longo do muro. Ouvíamos o barulho das pessoas com picaretas e martelos procurando arrancar pedaços do paredão.

Eu passara noites sem dormir, desde quinta-feira, quando tudo começara, e estávamos na manhã de domingo. Naquele dia não tinha sido possível abrir o muro na porta de Brandemburgo, que adquirira um valor simbólico para os dois lados. Para o governo do leste, deixar o muro intacto naquele local era uma maneira de mostrar que não havia sido derrotado totalmente. Mas essa resistência duraria apenas 13 dias. A vibração popular, no dia 22 de dezembro, ao ser reaberta a porta de Brandemburgo, foi, como disse uma eufórica testemunha, algo que antes só se vira na queda da Bastilha.

E os escritores, de um lado e de outro, como reagiram? Robert Darnton, o conhecido ensaísta americano, que na época fazia parte do Instituto de Estudos Avançados de Berlim (e que me deu a honra de assistir a uma das minhas palestras na cidade), disse que os escritores do lado leste, que em geral eram a favor da manutenção do socialismo e de uma RDA independente, a partir do momento em que a multidão deixou de gritar em coro *Wir sind das Volk* e passou a gritar *Wir sind ein Volk* — Nós somos um povo —, desapareceram e ficaram à margem, desde então.

O certo é que os escritores não tiveram a menor influência na derrubada do muro (ou mesmo na sua preservação por tanto tempo). Quem derrubou

o muro foi a televisão, que atravessava as paredes de concreto na hora que bem quisesse. Numa sociedade de massa, tinha que ser um veículo de massa para influir nos acontecimentos. (Sempre que eu ia à casa de um morador de Berlim leste, ele estava vendo os programas da TV do oeste. Programas de entrevistas políticas e também programas de música pop ocidental. O rock talvez tenha tido mais influência na queda do muro do que a literatura.) Os escritores, a leste e a oeste, mostraram-se confusos e na maioria das vezes incapazes de uma visão imparcial. A paixão política sempre estraga o discernimento dos escritores. Esse é um assunto para outro artigo. E há também o problema da culpa. Joseph Brodsky, falando da prosa russa do século XX, diz que, hipnotizada pelo alcance da tragédia que assolou a nação, ela continua a lambar suas feridas, incapaz de transcender a experiência, tanto no plano filosófico quanto no plano estilístico. Mas me parece que a prosa alemã repetiu, e talvez ainda repita, esse comportamento. Provavelmente porque a experiência foi tão atroz que não pode e não deve ser esquecida. De toda forma, no mundo de hoje essa tarefa de não deixar que ninguém esqueça sempre é mais eficiente quando entregue às manifestações da cultura de massa, cinema e televisão, principalmente.

Quatro anos depois, voltei a Berlim. Descobri, nessa terceira visita, que muitos alemães dos dois lados ainda se sentiam divididos depois da queda do muro; a muralha continuava na mente deles, um muro intangível que não pode ser derrubado por picaretas, tratores ou dinamite.

Antes, as cidades divididas sentiam-se seguras, à sua maneira. Notei, então, que não mais existia a Berlim oriental mergulhada na protetora placenta comunista e que também acabara a Berlim ocidental, recipiente privilegiado das benesses capitalistas. A cidade unificada ficara diferente. Encontrei saudosistas dos dois lados, lamentando o paraíso perdido. Como

disse a escritora Monika Maron, que cresceu na antiga República Democrática Alemã, “quando terminou a fase de euforia pela reunificação alemã, em vez da esperada fraternidade, a desconfiança e o ressentimento passaram a definir as conversas, quando não as impediam”. Ou seja, aqueles quatro anos não haviam sido suficientes para fortalecer a união dos dois países.

Notei ainda que não era apenas Berlim que estava diferente. Naquele ano de 1993, quatro anos depois da queda do muro, muita coisa havia mudado. Fui à Alemanha para fazer conferências e participar de debates em cidades de todos os tipos, grandes e pequenas — Aachen (a igreja de Carlos Magno merece um capítulo à parte, que infelizmente deixarei para outro local), Hamburgo, Frankfurt, Berlim, Düsseldorf, Erlangen, Munique, Colônia, além de várias outras. Havia novas construções por toda parte, principalmente em Berlim.

O chanceler Helmut Kohl, quando da reunificação dos dois países, declarou que a Alemanha do leste ia ser transformada em um lugar onde seria vantajoso viver e trabalhar. Para cumprir essa promessa, foi feito um investimento de um e meio trilhão de dólares, pela antiga Alemanha Ocidental, na antiga Alemanha do leste. Segundo dizem, a maior transferência de capital feita na história. Mas o resultado, até agora, não foi o que se esperava. O desemprego na Alemanha Oriental é o dobro do da Ocidental, e o fluxo de jovens para a região ocidental à procura de emprego é imenso. O desenvolvimento da região tampouco foi o que se esperava. Recentemente uma comissão estudou o problema e atribuiu essa situação ao fato de que o grosso do investimento foi feito em obras, estradas, prédios.

Mas isso é outra história.

O MAIOR ÓRGÃO DO CORPO

Todo mundo sabe qual é o maior órgão do corpo humano. Mas todos sabem que a importância desse órgão equivale à do coração? O tamanho deles é diferente, o coração tem 13 centímetros de comprimento por nove de largura e seis de espessura; pesa entre 250 e 350 gramas. O outro pesa cerca de vinte vezes mais. Claro que estamos falando da pele.

Mas *isso* é um órgão? Não é um troço para a gente bronzear na praia e passar creme para compensar as rugas do envelhecimento? Uma espécie de roupa, que deve ser limpa, cheirosa e colorida? Uma conectiva, uma transferência de informação para o mundo exterior? “Ei! pessoal, sou ainda uma mulher jovem.”

A pele até que pode desempenhar esse papel, sendo tão rica e multifária. Antes de mais nada, é dotada de uma opulência de terminais nervosos que a tornam um importante órgão sensorial, fonte do primeiro dos nossos cinco sentidos — o tato. Ou seja, joga no mesmo time do olho, do ouvido, da língua e do nariz. Mas essa é a menor de todas as suas virtudes. A pele nos protege contra agressões químicas e físicas, age como um filtro, permitindo uma infinidade de mutações biológicas, sintetizando vitaminas essenciais ao crescimento e também à calcificação dos ossos. E finalmente os vasos sanguíneos que a cobrem mantêm a nossa temperatura constante e permitem o processo de exalação, através dos poros, de partículas líquidas, isso que chamam de transpiração. Resumindo, a pele protege, metaboliza, harmoniza, informa.

Mas ela tem vários inimigos. Talvez o pior deles seja a moda, as variações culturais que influenciam a indumentária, a fala, a recreação. Outros órgãos também são afetados pela moda: pulmão, coração, fígado — cigarro, batata frita, uísque —, mas nenhum deles é tão agredido quanto a pele. Por um simples motivo: ninguém está feliz com a pele que tem e todos

acham que ela, como uma peça de vestuário, pode ser tingida, esticada, alinhavada, trocada.

Já escrevi e reescrevi (esse assunto é uma ideia fixa minha) que, antigamente, no nosso país, as mulheres não saíam à rua sem uma sombrinha que as protegesse do sol. E os homens usavam chapéus de palha. Hoje, achar uma sombrinha para comprar é muito difícil, e chapéu de palha só conheço uma pessoa que usa, aliás um cara elegante que entende muito de vinhos. O que aconteceu? Mais uma daquelas influências culturais americanas idiotas. Nos States, a pessoa *suntanned*, bronzeada, era tida como de elite, alguém que passava as férias e/ou os fins de semana na Califórnia ou na Flórida, não tinha aquela palidez dos fodidos que moravam no norte do país. Então, como macacos colonizados, copiamos isso e jogamos as sombrinhas e os chapéus de palha no lixo: decidimos ficar todos bronzeados, com cara de proprietários de coberturas na praia.

O certo é deixar a pele com sua tonalidade natural. Uma pele assim é sempre atraente, não importa o matiz. (E a beleza física está mais na estrutura óssea do que na pele.) Aqui, no mundo ocidental, apesar dos riscos de câncer de pele, as pessoas querem ficar bronzeadas. As praias na minha cidade começam a receber sua maior afluência a partir das 11 horas, quando o sol está mais virulento, e essa massa ignara deita-se em toalhas e vai rolando o corpo para receber o sol, como um frango de padaria girando no espeto. Em outras partes do mundo ocorre o oposto, as pessoas querem clarear a pele. (As gueixas pintavam a pele de branco.) Acabo de ler uma matéria sobre a Índia em que essa moda se tornou compulsiva, as mulheres de compleição mais escura têm dificuldade de arranjar namorados e maridos e até certos empregos. O negócio dos cosméticos que se propõem a clarear a pele atingiu 250 milhões de dólares anuais e continua crescendo. Já existem sessenta mil salões de beleza especializados em

branquear a pele, que usam, entre outros métodos, máquinas que emitem rajadas fortes de areia fina projetadas sobre a pele com a finalidade de branqueá-la. Mais uma vez, é um imperativo da moda, condicionado por valores culturais, no caso estabelecidos pelos colonizadores caras-pálidas ingleses. Os de pele escura são vistos como cidadãos de segunda classe, humildes trabalhadores da gleba, que evidentemente ficam expostos ao sol.

Em síntese: nesse específico festival de estupidez cultural, quem tem se ferrado, de maneira consistente, é a pele, esse grande e importante órgão do nosso corpo.

Você está torcendo para fazer sol no fim de semana?

O MAR, A PRAIA E O SOL

O ser humano, na Antiguidade, tinha fortes temores e preconceitos contra o mar. Alguém já disse que não existia mar no Jardim do Éden, o mar imenso e misterioso não podia fazer parte da paisagem do Paraíso. Além do mais, o mar, com suas águas revoltas, sugeria a ameaça de um novo dilúvio. A navegação era um desafio à divindade. E esse anátema, no mundo cristão, permaneceu até os séculos XV e XVI.

Para os portugueses da época, o mar era simultaneamente uma fonte de alimentação, um caminho para as descobertas e um convite à aventura. Os portugueses levavam com eles, nas viagens marítimas, santinhos e imagens sagradas para atirar ao mar no meio das procelas a fim de que a divindade perdoasse a sua audácia e os demônios fossem exorcizados. O que não impedia que muitos morressem em todas as viagens. Mesmo assim, continuavam navegando e morrendo, o que levou o poeta Fernando Pessoa, séculos mais tarde, a escrever o seu poema “O mar português”, do qual vale a pena transcrever um trecho:

*Ó mar salgado, quanto do teu sal São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram, Quantos filhos em vão
rezaram!*

*Quantas noivas ficaram por casar Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena Se a alma não é pequena.*

O mar já tinha sido confrontado, e os seus monstros, ainda que apavorantes, não impediam as viagens marítimas. Mas em terra firme o preconceito continuava existindo. As praias eram um lugar a ser evitado, o suor do mar, aquela espuma que as ondas criavam, era repugnante. Não obstante, no século XVIII, alguns poetas bucólicos e árcades, que antes só

falavam da natureza campestre, começavam a falar da beleza das praias. Mas era algo apenas para ver, para tentar descobrir encantos proibidos. Entrar no mar, tomar banho de mar, isso seria visto como um absurdo. E construir uma morada na beira da praia era algo que apenas pescadores pobres faziam. As águas do mar ainda não eram aceitas para fins higiênicos ou medicinais, apesar de Hipócrates e Galeno as considerarem benéficas para quem sofresse de escrofulose, hipocondria, ninfomania e frenesi — do latim *phrenesis*, delírio, desvario, tresvario.

Já existiam, desde a Antiguidade, as práticas termais com água doce, embora muitos achassem que eram um ramo da magia. Um exemplo interessante são as termas romanas, como as construídas em 212 d.C. por ordem do sangrento imperador Caracala, ou então a construída por Diocleciano cem anos mais tarde. O espaço das instalações era imenso, permitia que centenas de pessoas as frequentassem ao mesmo tempo. Além dos exercícios e dos banhos com água quente, tépida e fria, os usuários podiam participar de jogos variados, ser massageados, tomar bebidas, fazer pequenas refeições, passear pelos amplos jardins e ler papiros e pergaminhos com os textos dos melhores autores gregos e latinos. Nas termas estavam representadas todas as artes, teatro, escultura e pintura, as termas eram o que alguém denominou de “um estilo de vida”, um lugar tão formoso que as pessoas saíam de lá rejuvenescidas.

As termas romanas foram as precursoras dos “balneários”, que eram de água doce e se espalharam pelo mundo como spas, e também das atuais academias que se dizem especializadas em physical fitness (em inglês soa mais importante), mas não creio que nos dias de hoje exista uma academia de ginástica ou spa tão atraente e de estilo tão sofisticado quanto as termas romanas. Jardins, eu sei que as modernas academias não têm, pois as melhores estão instaladas em grandes invólucros de vidro colorido e

alumínio rutilante; e livros também não possuem, os prazeres “culturais e artísticos” são oferecidos por programas idiotas de televisão.

D. João VI — que precisa ser mais admirado e respeitado por nós, brasileiros, por tudo o que fez pelo Brasil, principalmente a preservação da unidade territorial do país, quinto do mundo em extensão —, ao trasladar, em 1808, a família real para o Rio de Janeiro, fugindo da invasão francesa, criou o Jardim Botânico, o Museu de Belas-Artes, a Biblioteca Real, escolas, hospitais... Mas há, entre as suas inúmeras realizações, uma, pouco conhecida, que merece ser registrada. Ele mandou construir uma Casa de Banhos na praia do Caju, para tomar banhos de mar na praia em frente. (Lembro-me de ter visitado a Casa de Banhos, em ruínas, há aproximadamente vinte anos. Havia um projeto de recuperá-la, mas não conheço o resultado.) Bons tempos, em que as águas do interior da baía de Guanabara eram limpas; hoje, quase todas as praias da cidade, dentro e fora da baía, estão poluídas.

Mas, apesar do exemplo de d. João VI, as pessoas não queriam saber de praia nem de sol. O que depois se tornou o bairro de Copacabana não passava de um imenso areal, habitado por índios e sem outro acesso que não fosse o mar. Consta que duas baleias, provavelmente encalhadas, teriam aparecido na praia no final de agosto de 1858. Entre os dias 22 e 23 daquele mês e ano, centenas de pessoas, com o imperador Pedro II e sua comitiva à frente, deslocaram-se para vê-las. Para muitos, provavelmente, foi a primeira e única visita à praia.

Os homens, em nosso país, até o final do século XIX e início do XX, usavam chapéus de palha e as mulheres protegiam-se do sol com sombrinhas. Praia e sol, então, eram uma combinação horrível. Os ricos não queriam morar na beira da praia, e, mesmo quando o túnel da Real Grandeza foi inaugurado, em 1892, as pessoas importantes não pensavam

em morar à beira-mar. Para chegar lá era preciso usar um precário serviço de diligências. Isso começou a mudar quando foi inaugurado o túnel do Leme, em 1906, e criou-se uma linha de bondes para servir o local.

Mas certamente o que elevou o status do bairro e das suas praias, como decorrência disso, foi a construção do hotel Copacabana Palace, em 1923: um prédio imponente, de propriedade da família Guinle, projetado pelo arquiteto francês Joseph Gire, um empreendimento audacioso para a época.

Mesmo assim o mar continuava traiçoeiro e ameaçador. A primeira pessoa que tomou banho em frente ao hotel (talvez fosse um hóspede) entrou no mar com uma corda amarrada na cintura, cuja ponta era segura por quatro homens robustos. O mar era muito perigoso, mesmo para um gringo maluco.

Como eu disse, o sol era evitado por homens e mulheres. Mas começou a aparecer quem afirmasse que ele era um importante auxiliar na cura das doenças, que o banho de sol era reconhecido universalmente como meio terapêutico. Na verdade, aqui nos trópicos bastam 15 minutos de sol por dia para a elaboração da vitamina D e a obtenção de outros benefícios para o nosso organismo.

A partir dos anos 1920/30 começou a ocorrer uma mudança de hábitos e costumes no Brasil, por influência de uma incipiente globalização cultural. Os homens abandonaram seus chapéus de palhinha e as mulheres atiraram no lixo as sombrinhas de sol e candidataram-se todos a um bronzeado — e a um câncer de pele extra. (Um conhecido dermatologista, quando lhe perguntaram por que era difícil conseguir hora com ele, respondeu que o seu sócio lhe enviava diariamente muitos clientes; quando lhe perguntaram quem era esse sócio generoso, ele foi até a janela e apontou o sol que brilhava lá fora.) Vou parar por aqui, pois sinto que

estou tergiversando. Vamos para a praia antes das dez da manhã ou depois das quatro, o mar é belo, mesmo quando está poluído. Mas o ar também está poluído e a gente não deixa de respirar.

Lembre-se: bloqueador solar não impede que o sócio do dermatologista lhe envie, diariamente, mais e mais clientes.

MACACOS ESCRITORES

Os macacos sempre nos fascinaram, mesmo antes de Darwin dizer que eles eram nossos primos. Nos jardins zoológicos são os animais mais visitados e os mais longamente contemplados. Autores escreveram e escrevem obras de ficção em que o macaco é um personagem importante. Hollywood, evidentemente, não podia deixar de usar esse filão. Desde Kala, a chimpanzé do filme mudo de 1918, *Tarzan, o homem macaco*, baseado no romance de Edgar Rice Burroughs, até as várias aparições do gorilão King Kong, a última delas de 2005, com som digital e em cores, a meca do cinema não parou de produzir, de tempos em tempos, um filme sobre macacos. É claro que, aberto o caminho por Darwin, os cientistas também se interessariam por esse animal tão familiar e, ao mesmo tempo, tão estranho.

Os cientistas criam as suas teorias de várias maneiras. O matemático e físico Einstein, depois de muitas elucubrações em seu gabinete de trabalho, criou a fórmula $E=mc^2$ — uma nova ideia da equivalência entre massa e energia —, com a qual buscava demonstrar a sua teoria da relatividade. Evidentemente todas as teorias consagradas acabam sendo questionadas e reformuladas, depois de testadas por outros. O próprio Einstein contestou a célebre teoria da gravidade de Newton, afirmando que a gravidade não era uma força, como o físico inglês dissera, mas um campo no espaço *continuum*, criado pela presença de massa. Mas a famosa fórmula $E=mc^2$ ainda não perdeu sua credibilidade.

Thomas Huxley, outro renomado matemático, como Einstein, criou uma das suas principais teorias também fazendo cogitações e equações matemáticas em seu gabinete. Mas, antes de falar dessa teoria, uma curta observação: Thomas era avô de Aldous Huxley, célebre nos anos 1950 devido aos seus romances e ensaios, como *Contraponto*, *Admirável mundo novo* e *As portas da percepção*. Neste último ele advogava o uso da mescalina para abrir

as portas da percepção do mundo e do eu. Um livro que, durante algum tempo, foi a Bíblia do chamado movimento psicodélico.

Voltando ao velho Huxley. Ele era um ferrenho defensor do seu contemporâneo Darwin e de sua teoria da evolução das espécies. Em uma discussão num foro científico, Huxley disse que preferia ter como avô um macaco do que um daqueles intelectuais presentes, que pretendiam ridicularizar uma teoria tão séria quanto a de Darwin; declaração que causou enorme celeuma na comunidade científica do século XIX. Mas não foi por aceitar, como Darwin propunha, o nosso parentesco com os macacos que Huxley criou a sua teoria, e sim porque acreditava, como matemático, no papel que o acaso desempenha na evolução e no processo criativo.

Qual era afinal a teoria de Huxley? Muito simples: se um número infinito de macacos for colocado à frente de um número infinito de máquinas de escrever, os macacos acabarão produzindo as obras completas de Shakespeare.

Desde então, vários matemáticos, depois de colocar as devidas equações no computador, concluíram que a teoria da criação literária randômica dos macacos estava correta.

Permitam-me outra pequena observação: há também a teoria de que robôs dotados de inteligência artificial, num futuro não muito distante, serão escritores consagrados universalmente. Minha experiência com a criação literária robotizada, por enquanto, resume-se ao uso que fiz em certa ocasião de um software de tradução que diziam ser quase perfeito — considero a tradução uma forma de criação literária, também. Depois de instalar o programa na minha máquina, decidi fazer um teste de tradução do português para o inglês, um teste simples, apenas uma frase. Escrevi a primeira que me veio à cabeça: “Em rio de piranha jacaré nada de costas.” Em seguida dei o comando para que a tradução fosse efetuada para o

inglês. Foi instantânea: “In the piranha river alligator nothing of coasts.” “Nothing of coasts” como tradução de “nada de costas”? Desinstalei o programa na mesma hora.

Voltando a Huxley e sua teoria. Pesquisadores da Universidade de Plymouth, na Inglaterra, sob o patrocínio do Arts Council, decidiram testar a teoria do macaco escritor, que, como eu disse, era, e talvez ainda seja, aceita por muitos como uma concepção científica válida. Os macacos usados na pesquisa, apenas seis, eram primatas que, como seus parentes humanos, possuem mão preênsil de cinco dedos. Eram plenamente capazes de acionar o teclado de um computador.

A experiência foi feita com os macacos trancados durante um mês numa sala com computadores. A ideia era ter uma amostra do texto que eles iriam criar. Depois de um mês digitando as teclas dos computadores, os macacos não conseguiram produzir sequer uma palavra. Segundo o chefe da pesquisa, Mike Phillips, mostraram enorme preferência pela letra S, que foi a mais pressionada. Os macacos acabaram produzindo cinco páginas repletas de letras S e alguns, poucos, J, L e M.

Mas os que acreditam na teoria de Huxley não ficaram decepcionados com a pesquisa. Dizem que o projeto da Universidade de Plymouth, não obstante pareça testar a validade da fórmula de Huxley, na realidade enfatiza a falibilidade das hipóteses científicas. E se a criatividade não é randômica, também não é inteiramente predeterminada.

Esqueci de falar de um trecho das conclusões da pesquisa, conforme o chefe do projeto, Mr. Phillips: “Outra coisa pela qual os macacos se interessaram muito foi por defecar e urinar em cima do teclado.”

Resumindo: por enquanto os macacos estão defecando para a literatura.

ROSALÍA DE CASTRO

A Galícia está, histórica e culturalmente, ligada a Portugal. Os galegos e os portugueses foram separados como nação no ano de 1094, mas a Galícia, insulada na Espanha, manteve seu idioma e suas tradições culturais semelhantes às dos portugueses.

Até o século XV, galegos e portugueses falavam a mesma língua, que poderíamos denominar galaico-portuguesa. E ainda hoje os galegos estão mais próximos dos portugueses do que dos castelhanos. Temos inúmeras palavras idênticas, algumas somente encontradas em nossos vernáculos, como “saudade”, um termo que os poetas galegos usaram e usam em toda a sua riqueza semântica, uma palavra que, além de significar, como nas outras línguas, o sentimento da falta e o desejo de tornar a ver a pessoa ausente, é também eivada de nostalgia e tristeza, de pesar e infortúnio. Aliás, tanto os portugueses quanto os galegos souberam historicamente, e não perderam esse saber nos dias atuais, usar a beleza e a riqueza dos seus idiomas tão parecidos para criar grandes obras literárias, principalmente no campo da poesia.

Um país me atrai pela sua história, pela sua língua, pelo seu povo e, também, é claro, pela sua geografia. A história e a língua galegas eu conheço e admiro intensamente. Antes de visitar a Galícia, meus amigos que lá haviam estado, alguns para fazer a peregrinação a Santiago de Compostela, afirmavam não existir país mais lindo nem povo mais afável do que os galegos.

Ainda que fazendo parte da Espanha e não obstante possua fortes laços históricos e culturais com Portugal, a Galícia manteve, ao longo dos séculos, sua diversidade cultural e sua peculiaridade nacional. Quando a visitei, recentemente, comprovei que ela é única e especial, e entendo o orgulho que os galegos sentem pela sua terra.

O que caracteriza um povo é a sua cultura — cultura vista de uma perspectiva antropológica, esse complexo de atividades, instituições, tradições, hábitos, códigos e padrões sociais que regula a vida individual e coletiva e inclui da culinária à criação das artes e das ciências humanas.

De todas as manifestações culturais de um povo, a mais importante é a língua. O poeta português Fernando Pessoa disse num poema: “Minha pátria é a minha língua.”

Porém muitas línguas estão desaparecendo ou já desapareceram. Ainda que esse processo seja lento, há, hoje, uma preocupação com as línguas que correm o risco de deixar de existir, caso não forem fortalecidas em todos os contextos — no lar, na escola, no trabalho, nos meios de comunicação, e na vida social, cultural e econômica.

Um número crescente de povos está tendo a sua cultura debilitada, a sua história esquecida, a sua língua cada vez menos falada, os seus artistas desencorajados, a sua identidade nacional em declínio. Num mundo em que as modernas tecnologias removem os limites das fronteiras nacionais, a valiosa identidade cultural dos povos torna-se mais vulnerável e difícil de preservar. Todas as nações reconhecem, ou deveriam reconhecer, essa ameaça.

Ilhada na Espanha, tendo como vizinho Portugal, um país com o qual, séculos atrás, compartilhou o território, a Galícia conseguiu manter sua diversidade e identidade cultural, sua língua, sua esplêndida literatura. E um elemento valioso nessa inestimável preservação de valores foi, e continua sendo, a contribuição da família, dos educadores em geral e dos seus artistas e escritores, entre os quais se destaca a figura da poetisa extraordinária Rosalía de Castro.

Rosalía de Castro é uma voz representativa da Galícia e um dos exemplos mais destacados da opulência literária galega, em que poderíamos

incluir, entre muitos, nomes como Eduardo Pondal e Manuel Curros Enríquez, e, no século XX, Ramón Cabanillas, Ramón Otero Pedrayo, Eduardo Blanco-Amor e Álvaro Cunqueiro.

Nesse esplêndido cenário, a poesia de Rosalía de Castro se destaca pela originalidade, variedade temática e valores estéticos, por sua fusão do sentimento nacional com a inspiração poética, por sua linguagem lírica eivada de ternura, de amor, de misticismo e melancolia. É difícil definir a arte de Rosalía em poucas palavras. Segundo Otero Pedrayo, Rosalía desarma toda análise. “Fracasam diante dela os métodos, as experiencias, as comparacións. Unha alma sincera e forte vai espida polos camiños do mundo, soamente vestida coa súa propia esencia, e o mundo adquire a forma que lle presta a esencia da poeta...” (citação em galego).

O tempo consagrou Rosalía de Castro como uma lenda, um mito, como um importante nome, não apenas da literatura ibérica como da literatura universal.

MASTURBAÇÃO

Creio que já escrevi sobre esse tema, mas uma pesquisa que acabo de reler leva-me a fazê-lo novamente. Cientistas australianos especializados em pesquisas oncológicas descobriram que os jovens que se masturbam frequentemente são menos propensos a desenvolver tumores da próstata. (Lead da notícia de jornal sobre a pesquisa: “The solution to protecting yourself against prostate cancer could lie in your own hands, men have been told.”) O estudo mostrou que quanto mais os homens ejacularem entre os vinte e os cinquenta anos, menos serão sujeitos a sofrer do mais comum dos cânceres masculinos. Aqueles que ejaculam pelo menos cinco vezes por semana são menos vulneráveis ao câncer de próstata no futuro. A masturbação, e não a relação sexual, é responsável pelo efeito, dizem os cientistas. O professor Graham Giles, que liderou a pesquisa, disse que ejaculações regulares provavelmente limpam a próstata, evitando o surgimento de perigosos carcinógenos. “Quanto mais os dutos são descarregados, menos possibilidade de elementos estranhos permanecerem e danificarem suas paredes.”

No estudo, publicado na respeitada revista científica *New Scientist*, a equipe do doutor Giles entrevistou 1.079 homens com câncer na próstata e 1.259 homens saudáveis, da mesma idade, que preencheram um questionário sobre suas histórias sexuais, incluindo masturbação e intercurso sexual. O resultado mostrou um alto índice de masturbação naqueles livres da doença. Isso foi surpreendente, pois uma pesquisa anterior indicava que homens com muitas parceiras, ou com grande atividade sexual, podiam aumentar o risco da doença em cerca de 40%.

A diferença essencial entre os dois estudos é que o primeiro apenas se informara sobre relações sexuais, não sobre masturbação. O doutor Giles

afirmou que a masturbação é mais benéfica para o homem, sob esse aspecto, do que as relações sexuais.

Durante muito tempo, a masturbação foi um assunto proibido, considerado imoral, embora a pesquisa de Alfred Kinsey, de 1940, indicasse que na época 95% dos homens se masturbavam, índice aumentado, na pesquisa de Masters e Johnson, para 99%.

Hoje a masturbação é vista sem hipocrisia e considerada benéfica, física e mentalmente, tanto para os homens como para as mulheres. Movimentos a favor da masturbação organizam pelo mundo afora um tipo de ONG diferente. A organização “Masturbação pela Paz”, que alega existir em mais de noventa países e que nos Estados Unidos tem uma postura vociferante contra a guerra do Iraque, contra Bush e contra Blair, é um exemplo. Nos Estados Unidos, as mulheres onanistas elegeram o mês de maio como o National Masturbation Month, Mês Nacional da Masturbação.

A masturbação feminina nunca foi combatida como a masculina. O Talmude não é contra a masturbação feminina, nem a Bíblia, por motivos óbvios. No século XIII, o filósofo cristão Albertus Magnus recomendava que as meninas em idade pubescente esfregassem o seu clitóris para reduzir a tentação de se empenhar numa relação sexual e assim preservar a sua castidade. Mas quando se tratava da masturbação masculina, todos, médicos, teólogos, ensaístas, filósofos, escritores, estavam de acordo sobre os malefícios do onanismo. A masturbação causava distúrbios estomacais, perda de apetite ou uma fome voraz, vômitos, náusea, fraqueza pulmonar, tosse, rouquidão, paralisia, impotência, dores nas costas, cegueira e surdez, palidez, emagrecimento, espinhas no rosto, declínio da capacidade mental, perda de memória, surtos de raiva, loucura, oligofrenia, epilepsia, febre, suicídio. Até gente inteligente, como Jean-Jacques Rousseau (século XVIII), considerava a masturbação um vício, uma forma de estupro mental, sempre

focando na masturbação masculina. Um dos grandes teólogos da Igreja católica, Tomás de Aquino, na *Suma teológica*, arrola os “vícios contra a natureza” em quatro subcategorias: masturbação, zoofilia, homossexualismo e sexo não procriativo.

Felizmente os tempos são outros. As pessoas se masturbam e gostam da experiência. Mas ainda acredito que o sexo a dois é uma comunhão física e espiritual inigualável.

DESVENTURAS DE UM DENDRÓLATRA

É possível existir alguém que não goste de árvore? Não falo do sujeito, índio ou não, que faz a queimada para plantar mandioca, soja, cana-de-açúcar ou seja lá o que for. Esse vai direto para o inferno, mesmo jurando para São Pedro que fazia isso para conseguir o leite das crianças. Falo das pessoas que me cercam, que vivem na minha cidade e não têm nenhuma razão para destruir, desprezar ou até ignorar a existência das árvores.

O poeta polonês Czesław Miłosz tem um poema denominado “Anelo” (ou “Desejo ardente”) no qual diz que queria ser uma árvore, crescer sem ferir ninguém.

São assim as árvores. Não ferem ninguém e ainda dão sombra e frutos. Os druidas acreditavam que, quando nos aproximávamos de uma árvore, nos acercávamos de um ser sagrado que podia nos ensinar sobre o amor e nos dar conhecimento e sabedoria. O termo druida tem origem céltica, e acredita-se que seja um cognato da palavra grega *drus*, que significa “carvalho”, essa árvore de grande porte.

Nosso nome, “brasileiro”, é proveniente de uma árvore de cerne vermelho, manchado de escuro, o pau-brasil, de onde veio o nome do nosso país. Somos, assim, parecidos com os druidas: eles se relacionam com o carvalho, nós com o pau-brasil. Apenas não acreditamos, como eles, que as árvores possam nos transmitir conhecimento ou sabedoria.

Moro numa praça onde periodicamente a Fundação de Parques e Jardins planta algumas árvores, de maneira tão precária que elas morrem em pouco tempo. São sustentadas por pedaços finos de bambu, que mal se mantêm em pé e não têm nenhuma proteção de metal em torno. Da última vez, plantaram oito árvores dessa maneira tosca e apenas uma sobreviveu, um ipê, que cresceu não obstante alguns mendigos bêbados, malucos ou vândalos cretinos quebrassem constantemente os seus galhos.

Notando que ela não resistiria por muito tempo, pois a sua raiz não estava muito firme, telefonei para a Fundação de Parques e Jardins. Dei o meu nome e endereço e falei da situação periclitante daquela árvore, expliquei que ela necessitava de uma proteção de metal como as que existem na praça Nossa Senhora da Paz. Eles prometeram uma providência. Um mês depois, como nada tivesse ocorrido, liguei novamente e disse que estava disposto a pagar pela proteção de metal. Aquilo deixou a pessoa que me atendeu meio perturbada: pediu para eu esperar na linha, pois ia consultar alguém. Quando voltou, disse que eles mesmos providenciariam a proteção.

Sei que a Fundação Parques e Jardins é integrada por pessoas dedicadas, que têm o maior interesse em preservar as árvores da cidade. Entretanto, a Fundação dispõe de um orçamento tão parcimonioso que os seus responsáveis têm dificuldade para atender às inúmeras solicitações que lhes fazem.

Toda noite, munido de várias garrafas grandes de plástico cheias de água, eu ia regar o ipê, mas a sua raiz continuava bamba. Decidi solicitar o auxílio da BodyTech, uma academia de ginástica que anunciava, com cartazes, que estava tomando conta da praça. Consegui que uma petição, assinada por vários sócios, fosse enviada à direção da academia solicitando providências em relação àquela árvore. Aconteceu alguma coisa? Nada. Aqueles cartazes da academia eram apenas propaganda.

Então decidi contratar uma pessoa para tomar conta da árvore. Esse indivíduo colocou vários quilos de terra adubada na raiz, improvisou uma proteção de madeira em torno do seu caule e borrifa periodicamente líquidos protetores em suas folhas.

Mas a raiz continua bamba. Acho que ela, como dezenas de outras plantadas na praça, também vai morrer. Sei que existe quem diga que é

uma coisa idiota fazer esse estardalhaço por causa de uma árvore. É devido a esse tipo de pensamento que um, dois, três milhões de árvores são incessantemente destruídas em nosso país. E isso me preocupa, quer seja um milhão de árvores, quer seja apenas uma. Sou um dendrólatra incorrigível.

Não posso deixar de citar trecho de um poema de Joyce Kilmer: “I think that I shall never see a poem lovely as a tree [...] Poems are made by fools like me, but only God can make a tree”.

Esqueci de dizer que essa praça fica no Leblon, um bairro que teoricamente teria um tratamento privilegiado. Se for o caso, fico imaginando o horror que ocorre nas outras praças da cidade.

E o nome da praça é Antero de Quental, um poeta português que gostava de árvores.

COPA DO MUNDO: ALEGRIA E SOFRIMENTO

Sofro quando o meu clube joga, mas sofro muito mais ainda quando é a seleção do Brasil que está jogando. Fico nervoso, tenso, quer esteja ouvindo no rádio, vendo pela televisão ou indo ao campo (como em 1950, mas já volto a falar disso). Só deixei de acompanhar, como sempre ansioso, as copas de 1930, em que o Uruguai foi campeão, e as de 1934 e 1938, vencidas pela Itália. Eu era ainda muito criança.

Como todos sabem, a competição foi suspensa entre os anos 1942 e 1946 devido à Segunda Guerra Mundial. Em 1950 a Copa voltou ser realizada e o Brasil foi escolhido para ser a sede. Havíamos acabado de construir o Maracanã, o maior estádio do mundo, onde cabiam cerca de duzentos mil espectadores.

Assisti a todos os jogos do Brasil no Maracanã. Após o primeiro, Brasil 4 a 0 no México, eu já estava rouco. Depois empatamos com a Suíça, com um time só de paulistas. Em seguida ganhamos da Iugoslávia por 2 a 0. A Inglaterra foi eliminada pelos Estados Unidos, num jogo realizado em Belo Horizonte. A Itália, com um time desfigurado devido ao trágico acidente que matou todo o time do Torino, também foi eliminada cedo. Quatro times se classificaram para o quadrangular final: Brasil, Suécia, Espanha e Uruguai (esse esquema de “quadrangular” nunca mais seria repetido em copas do mundo).

Nosso primeiro jogo das finais foi contra a Suécia. O estádio estava tão cheio que ninguém podia se sentar. Entre uma arquibancada e outra postava-se em pé outra fila de torcedores. Mas ninguém se importava com aquele aperto que não permitia que a gente se mexesse, o nosso time jogava de maneira perfeita e ganhamos do ótimo time da Suécia por 7 a 1. Lembro que eu e os meus irmãos saímos exultantes do Maracanã, no meio de uma multidão que gritava os nomes dos nossos jogadores.

O jogo com a Espanha foi inesquecível. O estádio estava superlotado, como nas outras ocasiões. A Espanha tinha um timaço. Nós ganhamos por 6 a 1. Quando fizemos o quarto gol, aos 11 minutos do segundo tempo, o estádio começou a cantar a marchinha popular “Touradas em Madri”. Não demorou muito para que as duzentas mil pessoas (ou mais, consta que houve uma invasão de penetas por um dos portões) começassem a cantar em uníssono: “Eu fui às touradas em Madri, pararatibum, bum, bum, pararatibum, bum, bum, e quase não volto mais aqui, pra ver Peri beijar Ceci, pararatibum, bum, bum, pararatibum, bum, bum.” Quando a multidão cantava pararatibum, bum, bum, o som era tão estentóreo que o cimento e os vergalhões de ferro das arquibancadas tremiam e vibravam como se fossem se romper. Nunca houve, nem haverá, um coro de vozes tão faustoso, magnífico, pomposo, ruidoso, dantesco, apoteótico, em que centenas de milhares de pessoas empolgadas e felizes cantavam em uníssono, a plenos pulmões, celebrando de maneira fantástica uma vitória. Sou um velho escritor profissional, mas não tenho palavras para descrever aquele momento.

Gostaria que essa fosse a única lembrança da Copa do Mundo de 1950. Mas não foi. O nosso jogo final seria com o Uruguai, um time que chegara se arrastando ao quadrangular. Éramos os favoritos absolutos. Na véspera, a concentração do time brasileiro pululava de gente, jornalistas, fãs, bicões, publicitários, o diabo. As faixas de campeão do mundo já tinham sido feitas, e os jogadores posaram com elas para fotografias. O nosso time era o melhor do mundo, e era mesmo, só faltava sacramentar em campo num jogo com o timeco do Uruguai, cujo resultado todos já sabíamos qual seria. Naquela noite ninguém dormiu na concentração. Eu também, na minha casa, não dormi, aguardando excitado a hora em que seríamos campeões do mundo.

Era o dia 16 de julho de 1950. Quatro horas e cinquenta minutos. Como é que não consigo esquecer esse horrendo dia? Trinta — trinta, puta que pariu! —, trinta oportunidades de gol perdidas pelo nosso time e, inesperadamente, o Ghiggia chuta torto e a bola passa entre a trave e o nosso goleiro Barbosa, que fechara o ângulo corretamente. O nosso Barbosa e todos os duzentos mil espectadores — ninguém esperava que o Ghiggia errasse o chute, e errando nos causasse toda aquela desgraça. (Barbosa acabou sendo crucificado, ele e o Bigode, o lateral que teria levado um tapa do Obdulio Varela e não reagira. Também o técnico Flávio Costa foi culpado. Mas, por mais bodes expiatórios que fossem criados, a tragédia daquela derrota não tinha explicação.)

Quando o jogo acabou, o silêncio foi profundo, tão estrondoso (perdoem o oximoro) que doía em nossos ouvidos. Duzentas mil pessoas mudas e surdas. Até os choros eram silenciosos, e as lágrimas escorriam apenas dos olhos dos mais fortes, aqueles que não haviam ficado transidos, estarecidos e obnubilados com a desgraça que se abatera sobre nós.

O presidente da Fifa, Jules Rimet, conta no seu livro *L'Histoire merveilleuse de la Coupe du Monde*: “Ao término do jogo, eu deveria entregar a Copa ao capitão do time vencedor. Uma vistosa guarda de honra se formaria desde a entrada do campo até o centro do gramado, onde estaria me esperando, alinhada, a equipe vencedora (naturalmente, a do Brasil). Depois que o público tivesse cantado o hino nacional, eu teria procedido à solene entrega do troféu. Faltando poucos minutos para terminar a partida (estava 1 a 1, e ao Brasil bastava o empate), deixei meu lugar na tribuna de honra e, já preparando os microfones, me dirigi aos vestiários, ensurdecido com a gritaria da multidão... Eu seguia pelo túnel em direção ao campo. À saída do túnel, um silêncio desolador havia tomado o lugar de todo aquele júbilo. Não havia guarda de

honra, nem hino nacional, nem entrega solene. Achei-me sozinho, no meio da multidão, empurrado para todos os lados, com a Copa debaixo do braço.”

Jules Rimet estava perplexo com a derrota do Brasil e não sabia o que fazer. Nós, os brasileiros, estávamos agonizando, atormentados por uma tristeza pungente, por um padecimento insuportável. Eu estava lá, posso repetir, como no clássico poema “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias: “Meninos, eu vi.”

Já sofri em outras ocasiões, com a seleção do Brasil. Com aquela bola cruzada em frente à nossa área pelo Toninho Cerezo, em 1982, quando o Paolo Rossi aproveitou para destruir nossas mais que fundamentadas esperanças de ser campeões do mundo com o time dirigido pelo Telê Santana, o melhor da competição. (Rossi foi o nosso carrasco, fazendo os três gols da nossa derrota, por 3 a 2.) Com o pênalti perdido pelo Zico em 1986, pelo Zico que nunca perdera um pênalti na sua vida, defendido pelo goleiro francês Bats, que, se entrasse, nos classificaria. Com a nossa derrota para o time medíocre da França em 1998. E com outros reveses felizmente esquecidos.

Mas o sofrimento do dia 16 de julho de 1950 jamais esquecerei. Para descrever o que senti naquela tarde, vem-me sempre à mente a famosa frase de Conrad, em *O coração das trevas*: o horror, o horror, o horror.

É claro que a seleção brasileira me deu também muitas alegrias, afinal somos pentacampeões.

Mas, na verdade, o sofrimento da derrota é sempre mais avassalador e infundável do que a euforia da vitória.

MICHAEL JACKSON

Na época em que o caso Michael Jackson estava nas manchetes, as pessoas me perguntavam se eu era contra ou a favor dele. Algo como você é contra ou a favor do aborto?

Bem, sou a favor do aborto e do Michael Jackson. E dizia as razões aos perguntadores. Indagavam ainda por que eu não escrevia isso no site, certamente era mais interessante do que pipoca. (Não me perdoam o texto sobre pipoca.)

Até agora não escrevi no site por um motivo simples: não gosto de falar das coisas que estão na moda. Mas, já que o Michael Jackson caiu no esquecimento, vou falar das minhas razões a favor da sua absolvição no processo em que foi acusado de pedofilia.

Bastava ter visto a entrevista do promotor que acusava o cantor para você ficar contra ele. O cara, depois de demonstrar um animus condenandi que permitia supor sombrias motivações freudianas, afirmou que Michael Jackson era um pedófilo como os inúmeros que existiam e deviam ser condenados.

Falso. Não existe, entre os inúmeros pedófilos presos ou processados, ninguém com o perfil do Michael Jackson. Na verdade não existe entre os seis bilhões que habitam o planeta alguém que se assemelhe ao Michael Jackson. As pessoas se definem, se caracterizam e se limitam conforme o sexo, a etnia, a idade. Michael Jackson rompeu esses limites, isso é que o faz diferente dos outros pedófilos e das outras pessoas em geral. Ele “apaga e destigmatiza não só as fronteiras entre masculino e feminino, entre juventude e velhice, entre branco e preto. Ele internaliza as crises das categorias culturais e, ao internalizá-las, [...] possibilita uma nova fantasia de transcendência” (Marjorie Garber, *Vested Interests: Cross-Dressing and Cultural Anxiety*).

Então, responda: Michael Jackson é homem ou mulher? Você sabe? Ele sabe? É preto ou branco? É velho ou moço? Ninguém sabe. Se injetarem no Michael Jackson o soro da verdade, ele certamente não dirá que é homem, negro, com 49 anos de idade (nasceu no dia 28 de agosto de 1958).

Já existe quem diga que ele é um “mutante”. As mutações podem ter diversas origens: podem ser ocasionais, tomando parte na pequena probabilidade de erro espontâneo no momento da duplicação do DNA na mitose ou na meiose; podem ser provocadas por agentes mutagênicos de origem eletromagnética, química ou biológica; podem ser ainda induzidas em laboratório com o uso intencional desses mesmos agentes sobre organismos vivos.

Mutante induzido ou não, um cara desses não tem que ser trancado numa cadeia. Ele é, talvez, uma espécie de precursor. Vamos, pelo menos, entendê-lo.

O SOM E A FÚRIA

Meu primeiro desfile (e me surpreendo agora em chamar de meu primeiro desfile, pois fui apenas assistente) ocorreu quando eu era ainda estudante, em 1943. Foi na praça XI e não havia arquibancadas, e o público, na grande maioria pessoas humildes, seguia, dançando e cantando, as escolas cercadas por cordas carregadas pelos sambistas. Desde então só deixei de ver os desfiles quando morei no exterior. Às vezes, num acesso de empáfia, digo que já vi mais desfiles de escolas de samba do que o Sérgio Cabral, o Albino Pinheiro e o José Carlos Rego juntos. E acompanhei, ano a ano, as transformações dos enredos, das baterias, das fantasias, dos carros alegóricos, da composição étnica e social de desfilantes e assistentes e tudo o mais.

Este ano coloquei-me nas escadas de acesso aos camarotes de número par, que ficavam sobre o local de armação das baterias. Por me interessar mais pela percussão, esse foi o lugar onde permaneci por mais tempo. A bateria da Unidos da Tijuca chegou, vinda da Presidente Vargas, bem à frente do resto da escola. Veio batendo, e percebia-se logo que havia alguma coisa errada. Quando o mestre mandou que ela parasse, não ocorreu aquele crescendo que termina numa explosão uníssona seguida de um silêncio fortíssimo. Um estalar a mais de um único tamborim, um pequeno gemido da cuíca, uma batida sopitada de repicador, um contido estrepitar da caixa de guerra, um leve retinir de pratos, o ressoar arrependido de um bumbo põem tudo a perder. Pois foi o que aconteceu com a Unidos da Tijuca. O surdo repicador, um deles, deu mais duas ou três batidas após o estouro que marca a parada. O surdo é um dos instrumentos mais difíceis da bateria. É o mais cansativo de tocar. O bumbo é mais pesado, mas a sua batida é uniforme, de cadência simples e automatizável, e exige menos do ritmista. O surdo repicador tem liberdade dentro da congruência sonora dos

instrumentos. Ele faz cortes, divisões, cruzamentos, fortalecendo a coerência harmônica do compasso dos vários instrumentos, gerando essa grande cadência de ruídos brutos que é uma bateria de escola de samba. Quando você está no meio dela, o som entra pelos poros da pele, pela boca, pelo nariz, mais do que pelos orifícios dos ouvidos.

Da arquibancada, engaioladas nos seus poleiros, as pessoas não perceberam o desastre dos tijucanos. Mas no fundo do local de armação da bateria, longe dos olhares do público, um repicador foi cercado pelos companheiros. Uma feroz discussão se estabeleceu. O repicador tirou a sua fantasia e jogou-a no chão. De onde eu estava, não conseguia ouvir o que eles diziam, exaltadamente. Depois de alguns arrochos e pescoções, o rapaz foi obrigado a vestir a fantasia, mas o surdo foi entregue a um dos reservas. O ritmista ficou num canto, marginalizado, e mesmo à distância eu podia ver a tristeza de seu semblante infortunado. Dissimuladamente ele limpava do rosto as lágrimas que não conseguia conter.

Esse foi um momento de paixão. Como o ritmista da Unidos da Tijuca, outros também perderam, neste e em outros desfiles, a cadência — o que é a mesma coisa que ter um ferrete incandescente marcando seus corações para o resto da vida. Lembro-me de Waldemiro, da Mangueira, velho e mancando, o rosto enrugado torcido de ódio, partir para cima de um instrumentista e arrancar-lhe das mãos o tamborim e a baqueta. Nestes anos todos vi muito passista desengonçado, muito sambista desafinado, alas inteiras atravessando o samba, destaque caindo do carro alegórico no asfalto; já vi tudo de errado e vexatório que pode acontecer sem que os transgressores sofressem maiores agravos. Mas quando o ritmista pratica qualquer desacerto ninguém o perdoa, como se ele tivesse cometido um crime nefando. No panorama das grandes manifestações culturais

brasileiras, o músico de bateria só tem um igual na vulnerabilidade ao opróbrio: o goleiro de futebol e sua nêmesis, o frango.

O desfile é feito basicamente de paixão. Vendo-se o cortejo dos artistas e sua imensa plateia apertada nas arquibancadas ou recostada nos camarotes cantando, sambando, comendo, invadindo, bebendo, drogando-se, vituperando, poderiam vir à nossa mente as palavras de Marcos: do interior do coração dos homens é que saem os maus pensamentos, os adultérios, as fornicações, os homicídios, os furtos, as avarezas, as malícias, as fraudes, as desonestidades, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Nunca houve uma dessas ações que não fosse cometida em razão do desfile. E também estavam presentes os apáticos, os autômatos, os que tinham de estar lá porque todos estavam lá, os adesistas de última hora, os bocalivristas.

“Isto não pode durar muito”, disse um antigo especialista em Dante. “Ainda existe uma luz e algum sonho, um pouco de concórdia e melancolia atenuando o furor das paixões humanas. Depois disso, o inferno. Então tudo acabará.”

Ele concordava que o purgatório revigorava o homem, purificava-o da mácula do pecado e predisponha-o a subir às estrelas. “Mas o homem não supera o inferno.” Nesse instante passou a bateria de Vila Isabel e não entendi a sua resposta. A bateria havia amaciado o seu coração.

“E quindi uscimmo a riveder le stelle”, disse ele.

Confesso que naquele momento não estava interessado nas elucubrações filosóficas de meu amigo instalado em um camarote. Pode ser que o desfile oficial acabe dentro de alguns anos, como acabou o curso na avenida, como acabaram, ou perderam expressão, o concurso de misses e outros espetáculos e ocorrências que gozaram de grande prestígio popular. Mas o desfile das escolas de samba não é o Carnaval nem é o samba. O mais importante é o fenômeno cultural que está por trás dele, cultura entendida

como o conjunto de criações e valores que caracterizam uma comunidade, aí incluídas não apenas as manifestações artísticas contidas no desfile — a dança, a música, a poesia e as artes visuais —, mas também a organização social e todas aquelas aptidões que o indivíduo adquire e desenvolve numa sociedade determinada, no caso das escolas o morro, os conjuntos habitacionais e outras comunidades carentes e, colateralmente, nos últimos anos, certos núcleos da classe média. Todo fenômeno cultural sofre uma evolução espontânea. Na verdade, ela é imune à manipulação e às ameaças do inferno. O desfile, essa parada regulamentada e regimentalizada, tende mesmo a acabar, e isso não terá a menor importância para o Carnaval e para o samba. Só em Madureira havia mais gente brincando nas ruas do que em toda a Marquês de Sapucaí.

Mas era para a Marquês de Sapucaí que, neste ano de 1981, as atenções convergiam. Os jornais e as revistas de todo o Brasil destacaram para fazer a cobertura do espetáculo seus melhores repórteres, redatores e fotógrafos. As televisões deslocaram para lá suas tropas de elite. O mesmo fizeram as estações de rádio. E na Marquês de Sapucaí fez-se uma reprodução do mundo em que vivemos. Os ricos, que há alguns anos tinham de ir para as arquibancadas e que há mais tempo ainda tinham de ficar em pé no meio da negrada, agora refestelavam-se nos camarotes, servidos por garçons de libré. É na iniquidade dos camarotes que está o germe pervertido da decadência e da morte do desfile oficial das escolas de samba.

De volta ao meu posto de observação da bateria, fiquei admirando os velhos ritmistas da Mangueira. Eles são extremamente hábeis e muitos têm mais idade do que a própria escola. A Lygia Santos sabe o nome de todos eles, alguns foram amigos do seu pai, o Donga. Eu os conheço de vista há longos anos: o de cabelos grisalhos que canta empolgado o tempo inteiro, branco e de constituição física pouco característica de sambista, parecendo mais um

advogado ou contador de boa clientela; o mulato magro de óculos que bate no tamborim com uma vareta de duas hastes, sério e digno como um antigo mestre-escola, o bigode fino pintado de preto; e o outro velho baixinho e pálido e todos os demais veteranos da ala de tamborins na linha de frente da bateria, liderados pelo mais velho de todos, o octogenário Waldemiro, com seu perfil enrugado de falcão e seu andar manco de albatroz baudelairiano redimido. Eles fazem um som espesso e exato, constante, de precisão e distinção inigualáveis. Não são de inventar arabescos e hipérboles inúteis. Sua segurança e firmeza transmitem ao sambista da escola ânimo e confiança. Sua extrema coerência talvez insinue, após algum tempo, uma (pouca) monotonia, mas nunca a insipidez ou o tédio. Às vezes me agradam as baterias mais firulentas, quando porém preservam a sua consistência e virtuosidade. Registro com satisfação que as baterias estão a cada ano melhores, sob todos os aspectos, e talvez o futuro dos desfiles seja de apenas grandes baterias, com o povo solto dançando atrás.

O dia raiou, o sol surgiu abrasante e, com exceção dos turistas, ninguém havia ido embora. Já passava das dez horas quando a última escola, a Mocidade Independente, armou-se para o desfile. Na azáfama tumultuada que sempre se criou no momento da entrada de cada escola, o sr. Castor de Andrade, prócer da agremiação, antes que a porta corrediça de aço se descerrasse, num gesto que transcendia o mero apetite, deu uma dentada, e depois outra, no picolé que o coordenador de Carnaval chupava. O mestre da bateria, baleado na perna, dirigia seus ritmistas de uma cadeira de rodas. Dilson Carregal, que substituíra o lendário Mestre André, só deixaria de estar ali, fazendo aquilo que queria e sabia, se estivesse morto. O sol batia em sua perna engessada e, mais do que o espírito carnavalesco do carioca, ele representava a resistência e a obstinação do ser humano na preservação do seu estilo de vida.

VIVECA

Fui assistir à filmagem do último episódio da série *Mandrake*, produzida pela Conspiração para a HBO, baseada no personagem que aparece em vários dos meus livros, notadamente *A grande arte*. O episódio referido origina-se do conto “Dia dos Namorados”. Um sujeito sai procurando prostituta na avenida Atlântica e acaba levando para um motel o travesti Viveca. Ao perceber, ele se recusa a pagar e recrimina o travesti. A motivação desse indivíduo, um homem casado, é ambígua. Talvez ele soubesse que era um travesti e na hora tenha se arrependido, o fato é que o travesti pega uma gilete, diz que vai se matar e começa a golpear o braço.

Mas eu dizia que fui assistir à filmagem de “O Dia dos Namorados”. Eu já presenciara outras filmagens. Todo mundo sabe que sou um cineasta frustrado e que tudo que é ligado a cinema me interessa: direção, fotografia, som, montagem, mixagem, a interpretação dos atores e, evidentemente, o roteiro. Gosto de ver uma filmagem, ver o diretor em ação, o fotógrafo, os atores e os assistentes de direção, principalmente os terceiros assistentes de direção, quase sempre mulheres, melhor seria dizer meninas, tão jovens elas são. É um trabalho duro, que exige atenção permanente, resistência física e talento. Sim, também talento, e que é recompensado com uma pequena menção nos créditos do filme.

Nesse dia o trabalho da terceira assistente exigia uma atenção redobrada, pois a filmagem estava sendo feita na rua, com um monte de curiosos em torno. Mesmo assim duas mulheres se aproximaram para olhar a movimentação que ocorria antes da ordem de “ação” do diretor. Perguntaram: “Qual é a novela?” Quando respondi que não era uma novela de TV e sim um filme, elas perderam o interesse e se retiraram. (Isso merece um texto à parte.) Conversei com todos ou quase todos os membros da equipe e os atores. Uma tenda de maquiagem tinha sido improvisada numa

rua lateral menos movimentada, e dela surgiu, usando um vestido feito de cliques de metal, Viveca, a estrela do episódio, uma mulher alta, bonita, talvez excessivamente carnuda. Ao seu lado estava Marcos Palmeira, o protagonista da série. “Este aqui é o pai do Mandrake”, disse Marquinhos, apresentando-me à estrela. “Ele é o criador de todos nós”, disse Viveca, “tira uma foto comigo”. Ela apanhou uma câmera digital e pediu a alguém da equipe que fizesse uma foto nossa. Agarrou o meu braço e carinhosamente grudou em mim seu seio criado pelo engenho e arte humanos.

Depois alguém me perguntou: “Você que não gosta de tirar foto com ninguém, tirou com o travesti?” Respondi: “Tirei exatamente porque era um travesti, um homem que saiu do armário e enfrenta a discriminação gritando desesperadamente. Pelo mesmo motivo que me levou a dar apoio explícito ao projeto de lei da Marta Suplicy, legalizando a união civil entre homossexuais.” Se há uma coisa odiosa, é a discriminação, de qualquer tipo.

Por que o sujeito se torna um travesti? Por que uma pessoa assume uma identidade indefinida sexualmente e não reconhecida socialmente? Freud passou ao largo disso em *Totem e tabu*. E a simplória visão psicanalítica do complexo de Édipo, entre o desejo de penetrar sua mãe ou de ser penetrado pelo seu pai, não esclarece o problema. Muita gente tem escrito sobre o assunto, abordando os aspectos médico, ético, jurídico e psicanalítico do transexualismo. Volta e meia surge a explicação da “mulher fálica”.

Talvez os transexuais sejam iluminados pela sabedoria de Tirésias, essa figura da mitologia grega que, como punição, foi transformado pela deusa Atena em mulher. Tirésias permaneceu mulher durante sete anos, ao fim dos quais voltou a ser homem. Quando lhe perguntaram o que era melhor, ser homem ou ser mulher, ele respondeu que era ser mulher, pois os prazeres do amor eram mais bem-fruídos pela mulher do que pelo homem. Isso nos remete a uma série de perguntas. O transexual, então, desde cedo, sabe

misteriosamente que será mais feliz e verdadeiro como mulher do que como homem? Mas como operar esse milagre, como superar os obstáculos físicos sem os recursos da cirurgia, entre nós denominada “cirurgia de transgenitalização”, e sem o socorro de hormônios? A primeira operação conhecida ocorreu na Dinamarca, em 1952, e depois disso não se sabe quantas foram feitas em todo o mundo. Milhares, milhões? E mudar de aparência é suficiente?

Obviamente o problema não se resolve com uma simples modificação estética. E a ablação do pênis precisa ser feita? Umas acham que sim, para que nada de masculino reste nelas, outras se recusam a fazer isso, as profissionais do sexo principalmente, pois muitos clientes gostam também de ser sodomizados.

É preciso não confundir o transexual com o travesti e o homossexual. O travesti é um feticista, pode ser homossexual ou não. O homossexual sente atração apenas pelo mesmo sexo. E o transexual sente uma total inadequação entre a sua anatomia e o seu sentimento de identidade sexual. Mas acho que isso nada esclarece.

“Ação”, gritou o diretor. E Viveca, em seu vestido de cliques, atravessou a rua acompanhada de Mandrake.

LOJA DE BOTOX A VAREJO

Um dos primeiros contos que escrevi e publiquei, no livro *Os prisioneiros*, publicado em 1963, denominava-se “Teoria do consumo conspícuo”. É a história de uma mulher que o narrador encontra no Carnaval e que se recusa a tirar a máscara preta de cetim que usa, cobrindo quase todo o seu rosto, mesmo quando vão para a cama. Afinal ela confessa que não tira a máscara porque tem o nariz muito feio. Depois de algum tempo, o narrador a convence a tirar o disfarce que cobre a sua face. O nariz dela é lindo. A mulher conta que o seu grande desejo é operar o nariz, a parte mais visível do seu semblante; quer que todos contemplem o seu novo apêndice nasal. O narrador acaba dando dinheiro para ela operar o nariz.

Eu havia lido, ainda nos tempos da faculdade, *The Theory of the Leisure Class*, e ficara impressionado, em especial com o capítulo intitulado “Conspicuous consumption”. E quis escrever um conto em que o consumo conspícuo não fosse apenas de vestuário e outros bens que podiam ser exibidos como demonstração de afluência. Uma operação plástica desnecessária, para mim, caracterizava também essa síndrome.

Como sempre, apareceu alguém dizendo que eu cometera um erro, alguém que se gabava de conhecer Veblen e para quem o consumo conspícuo a que o autor se referia era o de bens materiais apenas. Desde quando, interrogava ele, desdenhoso, uma cirurgia do nariz é um bem material a ser exibido?

Em fins do século XIX, o norueguês-americano Thorstein Bunde Veblen era muito pouco conhecido. (Acho que ainda hoje ele não tem a fama que merece.) *The Theory of the Leisure Class* foi publicado em 1899.

Evidentemente eu achava que estava certo. Imaginava que num futuro próximo as operações desse tipo seriam corriqueiras e significariam uma forma de “consumo conspícuo”.

Não quero me jactar dizendo que previ o que aconteceria em pouco tempo, essa avalanche de cirurgias cosméticas. Não me esqueço das agruras que passei com *Feliz Ano Novo*, prevendo a onda de crimes e invasões a residências que aconteceria alguns anos depois, o que me acarretou um processo criminal por apologia do crime.

Mas o fato é que essas intervenções de cirurgia cosmética crescem sem parar. Duvido que exista entre os meus leitores um sequer que não conheça alguém que já passou por esse “procedimento”. É um fenômeno universal. Acabo de ler no *New York Times* uma interessante notícia. Na rua 59, a uma quadra da Bloomingdale’s, está sendo aberta uma loja, isso mesmo, uma loja, que realiza intervenções de botox sem necessidade de marcar hora. Dois cirurgiões especializados em cirurgia plástica e reconstrutiva são os donos da loja. Bastam duas visitas, explicam os dois especialistas, a primeira demora apenas meia hora e a segunda não passa de 15 minutos. Pretendemos, continuam eles em sua explicação, convencer a todos de que a intervenção é rápida, barata e sem nenhum perigo. Estamos interessados nas pessoas que gastam algum tempo fazendo compras na Bloomingdale’s, nas secretárias em suas horas de almoço, naqueles que vivem e trabalham na vizinhança, nos turistas que visitam a cidade. Numa época, diz um dos médicos, em que aplicam botox em spas, em consultórios e em shoppings, é inevitável termos um varejo de botox tipo Starbucks, como o nosso.

No ano passado, quatro milhões e quinhentas mil pessoas realizaram cirurgias cosméticas nos Estados Unidos. A firma farmacêutica Allergan Inc., que fabrica o botox, está aumentando fortemente a sua propaganda na mídia.

“Botox é a heroína das mulheres yuppies”, diz o dr. Rose.

Ou seja, o botox se tornou, além de um vício, algo trivial como ir ao salão, escovar os cabelos e pintar as unhas. Talvez dentro de pouco tempo se

realize nessas lojas de conveniência espalhadas pelos postos de gasolina.

DINHEIRO, MAGREZA & LIVROS

Uma pessoa entra numa loja e compra uma mercadoria sem perguntar o preço. Ela é rica? Não. Rico quer saber o preço do que compra, até daquilo que não compra. (“Sabe quantos cafezinhos você toma com a despesa de uma viagem aérea de ida e volta a São Paulo?”, perguntou um milionário a um sujeito que lhe dissera que esse custo era uma ninharia. O sujeito, que era pobre, não sabia o número de cafezinhos que ele compraria com o preço da passagem. Só uma pessoa rica sabe coisas desse tipo.)

Assim como quem ganha muito dinheiro, mais dinheiro quer ganhar, a pessoa, quanto mais magra fica, mais magra quer ficar. É conhecido o axioma da duquesa de Windsor: “Dinheiro e magreza nunca são demais.”

Em uma de suas cartas, lorde Byron escreveu: “I have imbibed such a love for money that I keep some sequins in a drawer to count, and cry over them once a week.” A palavra “sequin” é entendida pela maioria como “ducado” (designação comum das antigas moedas de ouro de Veneza, Turquia e outros países). Mas há admiradores de Byron que interpretam o termo como se fosse uma ironia do poeta, pois “sequin”, além de moeda de ouro, significa, também, “lantejoula”. Byron abrindo a gaveta para contar lantejoulas? Hum...

A pessoa magra sabe o valor de trinta gramas a menos. A gorda não sabe. Ou talvez saiba e finja que não sabe, racionaliza como Marlon Brando, que disse numa entrevista que não se incomodava de ser gordo, pois continuava ganhando o mesmo dinheiro; como Walt Whitman, que em seu poema “Song of Myself” afirma que não havia gordura mais agradável do que aquela grudada nos seus próprios ossos — de certa maneira comprovando que o obeso, como disse Baudrillard, vive em total delírio em sua anormalidade morfológica, em seu excesso, em sua redundância. Quero deixar claro que nada tenho contra os obesos. Orwell confessou que era gordo, mas que

interiormente era magro, já que sempre havia um homem magro dentro de todo gordo. Eu acredito que há sempre um homem gordo dentro de todo magro.

O que os livros têm a ver com dinheiro e magreza, conforme sugere o título deste pensamento imperfeito? Tudo. Os bibliomaníacos, quanto mais livros têm, mais livros querem ter, tornam-se também metacompulsivos, como os ricos e os magros.

E o excesso dessas coisas pode fazer mal? Vejamos.

Dinheiro: o sujeito que é muito rico pode tornar-se um harpagão, como o personagem de Molière, exatamente por saber quanto o dinheiro vale. Marx disse que todo capitalista é um avaro. E isso tem acontecido através da história. Um exemplo: no século XVIII havia uma aristocrata muito rica na Inglaterra, a duquesa de Marlborough, que para economizar tinta nunca punha os pingos nos is, em suas cartas (segundo Horace Walpole).

Magreza: a pessoa que é muito magra pode sofrer de doenças causadas por sua minguada morfologia. Menos resistentes a doenças, como tuberculose, são indivíduos expostos a maiores desgastes físicos do que os não magros. E costumam ter o apelido de caveirinha. Normalmente a magreza dessas pessoas é causada por algum distúrbio endócrino, metabólico ou de outra natureza. E livros? Existe o problema do excesso de livros, nesta época de internet, em que a pessoa tem acesso a todos, repito, todos os livros importantes da literatura universal, apenas clicando os endereços eletrônicos de alguns sites?

Sabemos que quem não tem um livro também não quer ter dois. Mas quem tem dois acaba querendo ter três, e depois quer uma estante pequena, e depois uma estante cobrindo toda uma parede. Começa a frequentar livrarias e sebos. Acaba igual ao José Mindlin. E isso é um problema? É. Vai faltar espaço. Até (ou principalmente) para as bibliotecas públicas esse

problema existe e sempre existiu, mesmo no mundo antigo, em que as coleções de escritos eram pequenos depósitos de manuscritos de pele de cabra ou rolos de papiro. Com a invenção de Gutemberg e as que se seguiram, a produção de livros cresceu vertiginosamente em todo o mundo. As bibliotecas públicas estão sufocadas de livros, pois partem do critério de que devem ter tudo que é publicado.

Os bibliômanos também acabam asfixiados pelos livros. Quando entro nos sebos ou passo por essas barracas de livros montadas periodicamente nas praças, contemplo aquela quantidade de livros, a maioria de autores obscuros e títulos desinteressantes, pergunto a mim mesmo o que faria com aqueles volumes se os tivesse nas minhas estantes já atulhadas de autores obscuros e títulos desinteressantes. Venderia? Doaria? Ninguém se interessaria por recebê-los de graça e eu teria que jogá-los no lixo seletivo de papéis e jornais velhos?

A verdade é que quando você tem muitos livros eles acabam se tornando um fardo pesado, mesmo se a sua casa for ensolarada e livre de mofo e cupins, o que é uma sorte grande. Sei que a maioria das pessoas tem poucas estantes em casa (ou nenhuma). Estão, portanto, fora destas cogitações. Mas alguns sofrem desse problema. O que fazer com os livros que você compra obsessivamente e que não encontram lugar nas suas estantes?

O problema do indivíduo não é tão complicado quanto o das grandes bibliotecas públicas, onde, segundo um bibliotecário, os livros crescem como ervas daninhas. Um pesquisador americano, Stanley J. Slote, lançou um livro, em 1973, denominado *Capinando as bibliotecas*, mas pelo que se sabe o seu livro ainda não foi capinado. Ele é um precursor do “monitoramento dos padrões de uso” das bibliotecas, sugerindo que os livros devem ser divididos em duas categorias: os que são lidos e os que não são lidos. Os que não são lidos devem ser removidos e guardados em um

depósito. Nos casos extremos devem ser eliminados. Ou seja, depois de algum tempo (vinte, cinquenta, cem anos?) só serão encontrados nas bibliotecas públicas os preferidos do grande público, os mais fáceis de ler, certamente.

O Machado de Assis que se cuide.

O MACHO ESTÁ COM OS DIAS CONTADOS?

No livro *Diário de um fescenino*, o narrador, que se autodenomina “um espalhador de sementes”, diz, citando um respeitado geneticista, que “os homens nascem com um veneno no sangue, a testosterona. Devido a essa fraqueza genética, a longo prazo o macho tende à extinção. Os métodos de concepção não terão mais a participação do cromossomo Y. O espermatozoide será apenas uma referência histórica. Aliás, a contagem de espermatozoides numa ejaculação está diminuindo continuamente”. Depois dessa elucubração científica o narrador pergunta: “Mil anos para pênis e testículos desaparecerem?” (Existe também a clonagem, com suas múltiplas e perturbadoras implicações. Mas isso é assunto para outros “pensamentos imperfeitos”.) As feministas dizem que os machos da espécie humana, subconscientes de sua inferioridade em relação à fêmea, historicamente mantiveram-na inferiorizada, mediante todas as formas de dependência — econômica, educacional, social, cultural — e de submissão — física, sexual, moral e espiritual. Na verdade, os homens sempre tiveram, e ainda têm, medo das mulheres. Mas, segundo algumas pesquisas recentes, esse conjunto de latências psíquicas que influenciam o comportamento do macho não é nenhum delírio paranoico. O cromossomo masculino estaria mesmo com os dias — melhor dizendo, os séculos — contados. Os machos espalharam sementes impetuosamente durante a evolução da espécie. Hoje, segundo as referidas pesquisas, a contagem de esperma está em constante declínio e o cromossomo Y, masculino, está diminuindo em relação ao cromossomo X, feminino. Com isso o cromossomo Y torna-se, aos poucos, incapacitado para fazer as permutas de DNA com o X, quando óvulo e espermatozoide se juntam. O cromossomo X, então, acabará realizando esse ajuste sozinho. Ou seja, depois de milhões de anos labutando furiosamente, o espalhador de sementes ficará sem trabalho, incapacitado e inútil.

Conforme um ensaio escrito por uma feminista, resta ao macho, enquanto espera o fim, adaptar-se, tornar-se mais passivo, converter-se em usuário de produtos de beleza e coisas afins, em síntese, transformar-se num “metrossexual” — uma nova palavra, segundo a ensaísta, que caracterizaria os homens efeminados.

Então, o macho está mesmo com os dias contados?

Os cromossomos Y e X têm sido estudados por geneticistas do mundo inteiro. E quando há muitos cientistas fazendo análises e criando teorias sobre algum fenômeno, são muitas as chances de chegarem a conclusões contraditórias.

Uma pesquisa ainda mais recente do que a acima referida, da qual participaram cerca de quarenta especialistas, publicada no mês passado em uma importante revista científica, afirma que “o cromossomo Y não está a caminho da extinção, pois tem a capacidade de autorregenerar-se. Além disso, possui cerca de 78 genes, o dobro do que se supunha anteriormente”.

Resumindo os dados da última pesquisa:

Os cientistas haviam subestimado os poderes de autopreservação do cromossomo Y. Os novos estudos revelaram que muitos dos cinquenta milhões de letras do DNA do cromossomo Y ocorrem em sequências conhecidas como palíndromos. Assim como a sua contrapartida gramatical, essas letras sequenciais têm a mesma leitura da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, mas são arranjadas em ambas as linhas da dupla espiral do DNA de maneira oposta — como a imagem de um espelho. E uma cópia (backup) de cada gene ocorre no fim de cada sequência. Quando o DNA se divide durante a reprodução, abre uma oportunidade para os genes se misturarem, fazerem permutas e apagarem as cópias defeituosas.

O que há de certo e de errado em tudo isso? Parece que é uma verdade incontestável o fato de que as mulheres ficarão cada vez mais independentes,

livres da tutela repressiva dos homens. Com o fim dessa sujeição, em pouco tempo vai se instalar no universo o matriarcado pleno e irrestrito. Mas os machos não precisam se desesperar, pois quando as mulheres assumirem o poder, eles, como os zangões do mundo entomológico, também não serão totalmente descartados.

SPAM

—Você quer se tornar um hacker e aprender a colocar crédito de graça em seu celular pré-pago; a usar sem pagar qualquer provedor da internet; a manipular, a seu critério, contas bancárias, contas de água, de luz e telefone; a invadir sites, elaborar e decifrar criptografias, criar vírus, worms e trojan horses?

— Você quer, sem tomar pílulas ou sofrer cirurgias, aumentar o comprimento do seu pênis entre três e sete centímetros, aumentar o diâmetro da verga e engrossar a glande, além de tornar mais abundante o fluxo da sua ejaculação?

— Você quer receber os endereços eletrônicos de 12 milhões de pessoas da área empresarial, política, artística e cultural, não apenas do Brasil, mas de outras partes do mundo, muitas delas famosas e influentes?

— Você quer sincronizar suas ondas cerebrais de maneira a combater o estresse, a insônia, a ansiedade, a impotência, a depressão, apenas instalando o nosso software e usando o nosso kit com óculos conectados ao computador 15 minutos ao dia?

— Você quer emagrecer cinco quilos por mês, sem remédios, sem exercícios exaustivos, sem sentir fome, frustrações e distúrbios neuróticos?

— Você quer saber se alguém está mentindo para você? Nós temos um aparelho que revolucionou a técnica de detecção de mentiras, desprezando a complicada parafernália dos medidores de ritmo cardíaco e apenas analisando o som da voz, seja pessoalmente, seja através do telefone. O nosso aparelho, que pode ser oculto na roupa do investigador, consegue descobrir, com absoluta precisão científica, o grau de dissimulação, cautela, tensão, emoção e medo da pessoa analisada, não importa o controle que ela tenha sobre o lobo frontal do hemisfério esquerdo do cérebro. Indispensável, no mundo em que vivemos.

— Você quer obter quinhentas sugestões criativas e lucrativas para conquistar o seu negócio próprio e desenvolver seu espírito empreendedor?

— Você está precisando de um detetive particular de extrema confiabilidade para ajudá-lo a esclarecer e a descobrir assuntos confidenciais do seu interesse? Temos o mais aparelhado escritório de investigação particular do país. Realizamos grampos com gravações em telefones, fixos ou celulares; instalamos, em qualquer ambiente, câmaras de vídeo e microfones ocultos; acampanamos, secretamente, qualquer pessoa. Fornecemos, além de relatórios circunstanciados, as respectivas gravações, fotos, vídeos e filmes feitos por nós.

Creio que todos aqueles que têm computador e usam o correio eletrônico recebem também muitas mensagens desse tipo. Mas recebi uma que me parece mais rara. Aqui vai ela, transcrita *ipsis litteris*:

José

O senhor provavelmente nunca ouviu falar de nossa associação, o Clube dos Estúpidos. Sou Secretário de Divulgação e Relações Públicas do clube. O nosso lema é a frase do grande poeta alemão, Friedrich Schiller: Contra a estupidez humana até os Deuses lutam em vão. A criação do Clube dos Estúpidos, no Brasil, segue o modelo dos clubes de estúpidos de outros países, como Inglaterra, Alemanha, Holanda, Estados Unidos, Rússia, França, Espanha, Portugal, Bélgica, África do Sul, Japão, Grécia e Luxemburgo. A estupidez tem como características principais a sofisticação e a ubiquidade, além de ser, para o indivíduo, um forte fator motivacional. É infundada a acusação comumente feita aos estúpidos de serem privados de inteligência e discernimento. Os neurofisiologistas sabem muito pouco sobre o funcionamento da mente humana. Se inteligência é, como dizem, a capacidade de resolver situações problemáticas novas mediante reestruturação dos dados perceptivos, os ratos de laboratório não fazem outra coisa senão

demonstrar tal aptidão. E essa disposição para compreender e adaptar-se facilmente é, na verdade, uma forma de conformismo. Nós, os estúpidos, não aceitamos as regras e valores convencionais impostos pela sociedade, por isso dizem que nos faltam sensatez e critério.

As atividades do clube, assim como a identidade dos associados, são mantidas em segredo. Existem várias enciclopédias, dicionários e teorias sobre a estupidez, sendo a mais conhecida *A teoria da estupidez*, do alemão Hans von Eitel, em oito volumes. Mas von Eitel, como a maioria dos outros autores que escreveram sobre o assunto, é um oportunista aproveitador: ele nunca foi membro, como alega, do clube de Bonn, um dos mais ativos da Alemanha. Porém von Eitel está certo quando afirma que estupidez não é a mesma coisa que falta de inteligência, e que, não obstante seja uma característica humana essencial, não se sabe o que a estupidez é, exatamente. Quando um ser humano nasce, Deus lhe concede, como suprema graça, a capacidade de ser estúpido. Aquele que exerce esse dom é sempre feliz.

Os associados fazem o juramento solene de não revelar o nome dos outros membros do Clube nem a identidade dos doadores de recursos que ajudam a financiar as atividades da associação, para não expô-los ao escárnio, à inveja e ao mau-olhado. Temos sede própria, mas mantemos nosso endereço e o local das nossas reuniões em segredo. Assim como ocorria antigamente na maçonaria, quando poucos sabiam que o imperador d. Pedro I dela fazia parte, o Clube dos Estúpidos tem vários sócios importantes, destacadas figuras dos setores político, econômico, social, educacional, acadêmico e cultural do país, cuja filiação associativa é desconhecida do público.

São aceitos sócios de todos os estados do Brasil, desde que comprovem, com palavras e atos, possuir condições para ser admitidos.

O clube se reúne uma vez por mês, em cidades diferentes, quando são feitas palestras dos sócios e debatidas as maneiras de se alcançar a condição conhecida como “estupidez plena”. Em nossa última reunião, dois sócios propuseram como temas para discussão o apotegma de Zenon “Temos duas orelhas e uma só boca, por isso devemos ouvir mais do que falar”, e a indagação filosófica de Joaquim Araújo, “Uma consciência pesada tem quantos gramas?”.

Os candidatos, com exceções especiais, como no seu caso, para serem aceitos como sócios são submetidos a uma entrevista prévia, na qual devem relatar, devidamente confirmada por testemunha idônea, uma ação pessoal taxada de estúpida por terceiros. O atual presidente do Clube, professor de uma importante universidade paulista, entre outras estupidezes cometidas, passou um mês de férias no Rio, na praia de Ramos, pensando que estava em Copacabana, além de ter levado para fazer cocô na praça um cachorro e um gato, juntos numa única guia com duas coleiras, inventada por ele com objetivo de educar esses animais fazendo cessar a hostilidade existente entre eles, mas que, lamentavelmente, causou a morte do gato.

O seu nome, prezado José, foi indicado por um dos membros do nosso quadro associativo. O Comitê de Seleção, depois de analisar o seu curriculum vitae e constatar suas qualificações, pediu-me que lhe escrevesse dizendo da nossa honra em ter o amigo como membro do nosso Clube. Estamos aguardando sua visita.

VISITANDO ISRAEL

Convidados pelo governo de Israel e sob o patrocínio da Conib — Confederação Israelita do Brasil —, um grupo de escritores brasileiros viajou para aquele país a fim de participar, entre outras atividades, da Feira Internacional do Livro de Jerusalém. Nosso avião fez escala em Londres, de onde fomos para Tel Aviv. É a maior cidade de Israel, com um comércio muito desenvolvido, largas avenidas, hotéis de luxo, belas praias e ótimos restaurantes. É também o maior centro cultural do país, com uma enorme variedade de museus, galerias de arte, teatros e salas de concerto. Assistimos a um concerto da Orquestra Filarmônica de Israel, uma das melhores do mundo, que executou, sob a regência de Zubin Mehta, a *Sétima sinfonia* de Mahler e o concerto para violino e orquestra de Sibelius, tendo como solista Sarah Chang. Visitamos o Museu da Diáspora, o Beit Hatfutzot, fundado em 1978 e localizado no campus da Universidade de Tel Aviv, e pudemos observar suas técnicas modernas e seus dispositivos audiovisuais para traçar a história das comunidades judaicas da Diáspora ao longo dos séculos e em todo o mundo. As exposições são organizadas em torno de temas, e cada andar tem sua área de estudo. O museu oferece ainda exposições temporárias sobre assuntos judaicos, uma visão geral da história judaica em apresentação audiovisual (Cronosfera), uma ampla variedade de programas educacionais e culturais, além de exposições ambulantes. Ainda em Tel Aviv participamos de uma agradável reunião com escritores e jornalistas judeus brasileiros residentes em Israel, como Nahum Sirotsky, no Centro Cultural Israel-Brasil, presidido pelo dr. Marcos Wasserman.

Um dos principais pontos de atração de Tel Aviv é a velha cidade de Jafa, que visitei com vagar. Jafa teria recebido esse nome em homenagem ao filho de Noé, Jafé, que a reconstruiu após o Dilúvio. Há quem acredite que o nome derive da palavra hebraica *yofi* (ou *yafa*), que significa “bela”.

Conforme descobertas arqueológicas, ela existe como cidade portuária há quatro mil anos, servindo a navegantes egípcios e fenícios. Os historiadores acreditam que é o único porto do mundo com atividade ininterrupta em toda a sua existência (um grupo de colonos judeus saiu de Jafa em 1909 e fundou Tel Aviv). Ambicionada por assírios, babilônios, persas e gregos e dominada por bizantinos, muçulmanos, cruzados, mamelucos (cujo nome significa, em árabe, “pertencente a alguém”, escravos que se distinguiram servindo o califado turco e que se organizaram e afinal dominaram a costa do Mediterrâneo, da Palestina até a Síria), turcos e ingleses. Cada um desses conquistadores deixou sua marca na cidade, alguma forma de construção, muitas destruídas, outras, como certos palácios ou fortificações, ainda exibindo sua pompa e suntuosidade.

A cidade é mencionada na Bíblia com a história de Jonas e a baleia. Jonas era um profeta, um servo de Deus, mas não era obediente. Deus lhe disse para ir à cidade de Nínive e advertir seus habitantes de que, se eles continuassem a fazer maldades, seriam duramente castigados. Mas como os de Nínive eram inimigos do seu povo, Jonas decidiu que não obedeceria a Deus. E fugiu. Andou e andou, até chegar ao mar. Perto da praia havia um navio. E Jonas embarcou no navio para atravessar o grande mar. Tinha tanto medo de que Deus o visse que se escondeu no porão do navio e adormeceu. Mas Deus, que estava vendo tudo, chamou a tempestade e mandou-a soprar com força contra o navio. As ondas batiam com tanta violência que quase quebraram o casco. Quando Jonas subiu ao convés, logo percebeu que Deus o tinha achado e falou que tudo aquilo acontecia por culpa dele, que o jogassem ao mar que a tempestade cessaria. Os marinheiros o jogaram no mar e a tempestade foi-se embora. Deus mandou um grande peixe para salvar Jonas e carregá-lo até a praia. Deus

levou Jonas de volta para sua terra. E lá ele disse a Jonas para continuar sua tarefa. Ele deveria ir a Nínive. Agora Jonas obedeceu a Deus. Foi a Nínive e falou o que Deus lhe pedira: que dentro de quarenta dias a cidade seria destruída. O povo de Nínive se assustou com a notícia e se arrependeu de seus pecados, fazendo com que Deus deixasse de castigá-los. Não obstante não seja um homem religioso, assisti a uma missa na igreja cristã de São Pedro, perto de onde saiu Jonas para Nínive. Em Jafa existem igrejas cristãs, mesquitas e sinagogas funcionando harmonicamente. No dia seguinte fomos para Jerusalém.

“Se eu te esquecer, oh Jerusalém, que a minha mão direita perca a sua destreza; se eu não me lembrar de ti, Jerusalém, como minha maior alegria, que a minha língua se imobilize em minha boca.”

Não é preciso fazer essa terrível promessa do rei Davi em seu salmo para que Jerusalém permaneça em nossa lembrança. Como alguém disse, “é uma cidade de cem nomes e mil facetas”, sagrada para judeus, cristãos, muçulmanos. É a cidade mais interessante de Israel (embora existam outras também muito atraentes, como Haifa, por exemplo). O sacrifício de Isaac, que Abraão se propunha a cumprir no monte Moriá, a fundação, por Davi, de uma pequena cidade jebusita como capital de Israel, e a construção do templo por Salomão converteram Jerusalém em um lugar venerado pelos judeus. Por sua vez, os cristãos relacionam a cidade com os últimos anos da vida de Jesus. Lá ele foi preso e crucificado, para depois ressuscitar. Quanto aos muçulmanos, vinculam a cidade a El Aksa ou Al Aqsa, que em árabe significa “lugar distante” e se relaciona com a visão de Maomé ascendendo aos céus, conforme descrito no Alcorão. Jerusalém, Meca e Medina são as três cidades santas do islamismo. A santidade e o misticismo de Jerusalém inspiraram durante muitos séculos profetas, artistas, poetas e estudiosos em

geral. É a capital do estado de Israel, localizada no centro do país, nas colinas da Judeia.

Em Jerusalém visitamos a Suprema Corte de Israel, o Knesset (parlamento) e o Ministério das Relações Exteriores, e nessas ocasiões tivemos oportunidade de conversar com importantes autoridades governamentais. Todas as pessoas que conheci — autoridades, escritores, museólogos, garçons, soldados e soldadas (as mulheres também fazem o serviço militar aos 18 anos), faxineiros, políticos, professores, transeuntes abordados ao acaso, todos, sem exceção, falavam inglês. Nessa noite jantamos com o arquiteto brasileiro-israelense David Resnick, que projetou alguns dos mais importantes edifícios modernos de Israel, presidente do Instituto Cultural Israel-Iberoamericano. Tivemos, posteriormente, o prazer de visitar e apreciar algumas das suas renomadas criações. Na Universidade Hebraica de Jerusalém foi realizado um encontro com professores do Departamento de Estudos Latino-Americanos, além de uma mesa-redonda com escritores oriundos da América Latina. Fizemos uma demorada visita ao Yad Vashem, o Museu do Holocausto, dedicado à perpetuação da memória dos seis milhões de judeus chacinados no Holocausto. Nele se encontram uma galeria de arte, o salão dos Nomes, a avenida dos Gentios Justos, um arquivo, o salão central de recordação, onde estão gravados no chão os nomes dos campos de extermínio, o pavilhão em Memória às Crianças, e o vale das Comunidades Destruídas. Fomos ainda ao Museu de Israel ver o Santuário dos Pergaminhos do mar Morto. Os pergaminhos do mar Morto merecem uma pequena anotação. É uma coleção de cerca de 850 documentos redigidos em hebraico, aramaico e grego entre o século II a.C. e o primeiro século depois de Cristo. Foram gravados em pele de carneiro, ovelha ou cordeiro preparada com alume, para que os caracteres se conservassem por muito tempo. Sua descoberta ocorreu por acaso no início

de 1947, por dois jovens beduínos que estavam cuidando de seu rebanho de ovelhas e cabras nas encostas dos penhascos alinhados ao mar Morto, perto de Qumran, e que nem sequer suspeitaram da importância do seu achado. A relevância dos textos dos pergaminhos resulta do fato de que são os únicos documentos bíblicos judaicos hoje existentes e que não só podem esclarecer os contextos relativos àquele período como também explicar os aspectos políticos e religiosos dos tempos do nascimento do cristianismo. Os pergaminhos contêm pelo menos um fragmento de todos os livros das escrituras hebraicas, excetuado o livro de Ester. Além desses itens bíblicos, contêm regras da comunidade, escritos apócrifos, entre outros documentos. Quando fomos visitar o mar Morto, cercado pelas montanhas de Judeia a oeste e pelas montanhas de Moab a leste; pelo vale do Jordão e pelo mar da Galileia ao norte; pelo deserto de Neguev e pelo mar Vermelho ao sul, o mar Morto, que baixa cerca de setenta centímetros por ano e hoje encontra-se quatrocentos metros abaixo do nível do mar, sendo o local mais baixo do mundo, passamos por Qumran e pudemos visitar a caverna onde foram encontrados os manuscritos. (Voltaremos ao mar Morto daqui a pouco.) A parte mais fascinante de Jerusalém é a cidade velha. As muralhas da velha Jerusalém, construídas em 1536 por Suleiman, o Magnífico, podem ser qualificadas como a mais completa fortificação medieval existente no mundo. As muralhas contêm sete portas, as mais importantes sendo a de Jafa, a de Damasco e a do Lixo. Caminhando pela muralha podemos ver a cidade de diferentes ângulos. O centro da cidade é um labirinto de ruas, onde se localizam os bazares e mercados tradicionais. A Via Dolorosa, ou Via-Crúcis, por onde Jesus carregou a sua cruz a caminho do Gólgota, corta esse emaranhado de ruas. Na ocasião já era a principal rua dos mercadores, e foi escolhida para que o castigo e a humilhação sofridos por Jesus servissem de escarmento. As várias “estações” estão marcadas em blocos de

pedra nas paredes das lojas. Onde Jesus caiu pela terceira vez, onde foi despojado das suas roupas, onde foi pregado na cruz e depois baixado e preparado para o sepultamento, e afinal a sua ressurreição. Uma quantidade enorme de visitantes enchia o local do Santo Sepulcro, assim como a igreja construída no local onde Jesus foi crucificado. Muitas pessoas se ajoelhavam para beijar o chão do Santo Sepulcro, algumas em pranto. Ainda de grande importância para os cristãos é o monte das Oliveiras, onde Jesus ensinou aos seus discípulos durante sua missão em Jerusalém e de onde, acredita-se, ascendeu aos céus. Do alto do monte podemos ver o jardim de Getsêmani com as suas oliveiras milenares e a bela igreja de Todas as Nações, com a sua magnífica fachada adornada de colunas e afrescos. Vemos ainda a igreja de Santa Ana e, no meio das árvores, a igreja ortodoxa grega de Maria Madalena. Vemos, à distância, o minarete dourado de uma mesquita, no povoado de Betânia, agora conhecido como El-Azariah, local onde Jesus realizou o milagre de devolver a vida a Lázaro. Do alto do monte temos uma visão impressionante da arquitetura granítica da cidade, com muralhas e seu cemitério de desadornadas e simétricas lápides de pedra.

No dia seguinte seguimos para Cesareia. Inicialmente erigida pelos fenícios durante o domínio persa, foi conquistada pelos romanos, que a deram como prêmio a Herodes. Ele construiu um porto e a chamou de Cesareia, em honra ao seu protetor romano Otávio Augusto César. Herodes construiu estradas, templos, anfiteatros, mercados e conjuntos residenciais. A cidade tornou-se um centro comercial e o quartel-general do governo romano na Palestina. Sua população incluía judeus e gentios. Durante o período bizantino, Cesareia floresceu e ficou sendo a cidade mais fortificada do país. No ano de 640 da era atual, foi conquistada pelos árabes e perdeu sua importância econômica. A maior parte dos seus cidadãos abandonou o lugar. No dia 17 de maio de 1101, Cesareia foi conquistada pelos cruzados.

Em 1265 os mamelucos invadiram a cidade e a destruíram. O aqueduto, que trazia água potável de uma distância de sete quilômetros, ainda mantém a imponência. E também o seu anfiteatro. É sítio arqueológico, à beira do mar de águas límpidas, e lá estão sendo realizadas escavações por especialistas dos Estados Unidos e de Israel, para recuperar algo da antiga arquitetura, restos do hipódromo, termas *etc.*

Em seguida fomos para Haifa, o maior porto de Israel e um importante centro comercial e industrial. População: 250 mil habitantes (Israel tem um total de cerca de seis milhões de habitantes). Do alto do monte Carmelo vemos o mar, o porto, o mosteiro carmelita Stella Maris. Em destaque, a cúpula dourada do templo Bahá'í, entre os belos jardins persas construídos em vários planos, que depois visitamos demoradamente. Em Haifa conheci o escritor Sami Michael, que nos levou para comer, num botequim ordinário, um falafel, um sanduíche grosseiro, com verduras e legumes e bolas de grão-de-bico fritas, tudo dentro de um pão árabe. (O falafel merece uma descrição mais competente que a minha.) Foi a refeição mais saborosa que comi em Israel, e note-se que estava hospedado nos melhores hotéis e participei de alguns banquetes. Haifa é uma cidade muito interessante. Pareceu-me ser o lugar em que cristãos, judeus e palestinos vivem em melhor harmonia. E é bonita.

De Haifa fomos para Safed. Essa cidade é conhecida pela sua parte na mística judia chamada Cabala. Lá, à noite, visitamos o Centro Místico da Cabala. Fomos recebidos por um rabino que aparentava mais de cem anos, com suas longas barbas, que nos levou para uma gruta, onde nos sentamos em volta dele e o ouvimos falar em inglês sobre os mistérios da cabala. Mencionar em detalhes esse encontro tornaria ainda mais longo este artigo. Depois de conversarmos algumas horas, já noite fechada, o rabino nos convidou para visitar o cemitério do Centro Místico. Subimos, no meio da

noite cerrada, uma escada que parecia infundável. Não sei que forças o rabino convocou para poder subir aquelas centenas de degraus. Afinal chegamos a um platô e ele disse: “É aqui que enterramos os nossos mortos.” Algumas luzes cintilavam, flutuantes como pequenos vaga-lumes. Subitamente ouvimos um adágio de vozes angelicais entoando uma canção que, no meio da noite escura, criava uma aura de magia e beleza. O rabino explicou que naquele dia da semana crianças iam ao cemitério entoar aqueles emocionantes cânticos. Mais uma experiência inesquecível, entre as muitas da viagem.

Nessa noite nos hospedamos no kibutz Guinossar, às margens do mar da Galileia. O primeiro kibutz foi fundado há mais de um século por jovens emigrantes judeus da Europa Oriental inspirados por ideais socialistas e sionistas. Propunha-se a ser uma comunidade unida e igualitária, baseada na propriedade comunal dos meios de produção e consumo, onde todos tomavam conjuntamente as decisões, por voto majoritário, e assumiam a responsabilidade coletiva. Os kibutzim se difundiram por toda Israel, mas, durante os anos 1980, a inflação e as taxas de juros exorbitantes cobradas pelos bancos quase levaram a maioria das comunidades à ruína econômica. Alguns kibutzim tiveram que vender suas terras para saldar dívidas e muitos tiveram que reduzir os custos operacionais, com cortes em despesas com alimentação, tratamento médico, educação, transporte. Outros fatores também influíram. As novas tecnologias de comunicação global, as TVs a cabo ou satélite, o uso de computadores e da internet, no trabalho e no lar, espalharam-se rapidamente. Como resultado, ocorreu um reexame de princípios e valores básicos, mudanças que aumentaram com o correr dos anos e fazem-se sentir hoje provavelmente com mais intensidade. Assim, a quantidade de kibutzim está diminuindo e o número de membros é cada vez menor, composto principalmente de pessoas mais idosas. Ao me hospedar

no kibutz Guinossar e ao visitar o kibutz Ein Gev tive oportunidade de conversar com os respectivos membros sobre esses problemas.

Uma ocorrência que também quero deixar registrada foi o casamento judeu ortodoxo a que assisti na cidade de Bene Beraq. Os homens ficam separados das mulheres o tempo todo, e o noivo só vê a noiva depois que a cerimônia do casamento se realiza plenamente. Chegando ao local, fui levado a um enorme salão ocupado por mesas com várias iguarias e bebidas, repleto de homens de todas as idades, vestidos de preto, com chapéu preto na cabeça, entre eles o noivo, que me foi apresentado e que logo em seguida passou a rezar, balançando o corpo para a frente e para trás, pois assim você reza com o corpo inteiro, sua prece é mais profunda. Uma orquestra tocava uma melodia pungente que me encheu de melancolia. Depois de algum tempo — em que o noivo não parou de rezar —, dois rabinos o tomaram pelo braço a fim de conduzi-lo ao local em que o casamento se efetuaria. Segui o noivo até um terraço onde havia uma espécie de dossel, sob o qual ele se posicionou. Nesse único momento, homens e mulheres podem se juntar para assistir à cerimônia. Logo chegou a noiva, com o rosto completamente coberto, não por um véu, mas por um pano branco, provavelmente cetim, que não permitia vislumbrar coisa alguma das suas feições. A mãe da noiva e a mãe do noivo, de braços dados, deram sete voltas em torno da noiva. O noivo não parou de rezar um segundo, continuamente sacudindo o corpo para a frente e para trás. Como havia sete rabinos presentes, todos usaram da palavra e cantaram com suas vozes sofridas; muitos demoravam alguns minutos cantando. Afinal foi lido o contrato de casamento e o noivo pôde tirar o pano que cobria o rosto da noiva, uma jovem muito bonita. Depois os homens voltaram para o seu lado e as mulheres para o delas. Durante apenas vinte minutos o noivo ficou trancado com a noiva, sob a supervisão de duas testemunhas, e logo em seguida os

dois foram ao encontro dos seus convidados, devidamente separados. Quando o noivo chegou, a orquestra tocou uma música alegre e todos os homens presentes começaram a dançar uma coreografia caótica; ele foi colocado nos ombros de alguém e os presentes rodavam, cantando pelo salão e gritando “mazel tov” como se tivessem enlouquecido. Consegui uma maneira de espiar o salão das mulheres. Elas também dançavam, porém de maneira muito mais ordeira, tranquila e silenciosa. A festa ia durar a noite inteira. A toda hora, mais comida e bebida eram trazidas para os bufês. Quando a madrugada se aproximou, sem que a festa desse sinal de acabar tão cedo, nos retiramos para o hotel.

Durante a abertura da Feira Internacional do Livro, participamos do projeto “Todos escrevem a Bíblia”. Escritores do mundo inteiro escrevem, em sua língua mater, um trecho da Bíblia. Esse trabalho, que constará evidentemente de inúmeros volumes, será arquivado num museu. A mim couberam estes versículos de Isaías, conhecido como o profeta da misericórdia divina: “2 Ouvi, céus, e tu, ó terra, escuta, porque o Senhor é quem falou. Criei filhos e engrandeci-os, porém eles me desprezaram. 3 Conhece o boi o seu possuidor, e o jumento o presépio do seu dono: mas Israel não me conheceu e meu povo não entendeu. 4 Ai da nação pecadora, do povo carregado de iniquidades, da rale maligna, dos filhos malvados! Abandonaram o Senhor, blasfemaram o Santo de Israel, tornaram para trás alienados.”

A nossa ida ao mar da Galileia, seus locais sagrados e as colinas de Golã, foi também muito interessante. O mar da Galileia é na verdade um extenso lago de água doce, o maior de Israel, com o comprimento aproximado de 19 quilômetros e largura máxima de 13 quilômetros. Segundo o Novo Testamento, Jesus andou sobre essas águas. A região do vale do Jordão e do mar da Galileia, além da sua beleza, tem uma história que remonta ao rei

Davi; é o local de compilação do Talmude e fonte de inspiração para a moderna poesia hebraica. Jesus, nessa região, fez pregações aos pescadores. Perto fica a vila de Cafarnaum, onde Jesus viveu algum tempo. Próximo temos o rio Jordão e nele o Yardenit — o Lugar do Batismo. Apreciei de uma posição privilegiada várias pessoas ataviadas de roupas brancas serem imersas de costas nas águas santas do Jordão até terem a cabeça completamente coberta, um ato de devoção e piedade que faz recordar a tradição da Sagrada Escritura. No parque de Tiberíades está enterrado Maimônides, o filósofo escolástico e rabino judeu nascido na Espanha e considerado um dos maiores teólogos do judaísmo. Mas talvez a visita mais impressionante tenha sido ao mar Morto e Massada. Depois dessa visita subimos a montanha de pedra em cujo topo Herodes, eleito rei da Judeia com apoio dos romanos, mandou construir imensos palácios e fortificações. Quando Herodes morreu, em 4 a.C., Massada passou para o seu filho Arquelau, mas logo em seguida foi ocupada pelos romanos. Massada tornou-se um acampamento armado judeu quando os zelotes dela se apoderaram, expulsando os romanos. No ano 72, a Décima Legião Romana iniciou um forte ataque a Massada. Os zelotes resistiram durante um ano e afinal decidiram suicidar-se, depois de matar as respectivas mulheres e filhos para que não fossem capturados pelos romanos. As ruínas dos palácios e fortalezas construídos por Herodes ainda podem ser apreciadas em sua dilapidada grandeza.

Num dos últimos dias de nossa visita foi realizado um banquete em homenagem ao grande escritor brasileiro Erico Verissimo, que nos anos 1960 escreveu um importante livro relatando a sua visita a Israel. A esse jantar compareceram inúmeras pessoas, escritores, autoridades e representantes das principais organizações israelenses ligadas ao Brasil e à América Latina. Luis Fernando Verissimo, que fazia parte do nosso grupo,

agradeceu a bela homenagem ao pai. Finalmente, um dos momentos que mais me emocionaram, como dendrólatra que sou: plantar uma árvore em Modi'im, um parque onde as mudas recém-plantadas recebem um cuidado especial. Antes de plantar a árvore recitei o poema de Czesław Miłosz, o grande poeta polonês. Declamei em inglês, para que todos os que me ouviam entendessem:

LONGING Not that I want to be a god or a hero.

Just to change into a tree, grow for ages, not hurt anyone.

Em Israel foram plantados 250 milhões de árvores. Fico feliz em saber que a minha vai crescer e ser uma delas.

O QUINTO SUSPEITO

Costumo usar, alternadamente, dois relógios de pulso. O que prefiro, por motivos sentimentais, mostra apenas o dia do mês. O outro, além do dia do mês, tem o dia da semana. Desde criança nunca lembro, sem fazer algum esforço mnemônico, qual é o dia do mês. Nos últimos anos, trabalhando apenas em casa, também não consigo recordar, sem mobilizar minha memória, o dia da semana.

Rotineiramente, depois de usar algum tempo o relógio que mostra apenas o dia do mês, cansado de ficar verificando nos meios disponíveis qual o dia que está transcorrendo — é sábado ou domingo? —, volto a usar o relógio que informa também o dia da semana.

Ponho sempre o relógio que não estou usando sobre uma mesinha da sala. Segunda-feira, depois de usar um dos relógios por vários dias, fui trocá-lo pelo que mostra, além do dia do mês, o dia da semana, mas ele não estava na mesinha. Eu tinha certeza absoluta de que o vira naquele local. Alguém tinha tirado o relógio dali. A moça que trabalha na minha casa, ao ser indagada, disse que não havia mexido no relógio. Assim como os meus filhos, que constantemente me visitam, ela está acima de qualquer suspeita. Mas eu tinha quatro suspeitos, pessoas que haviam estado naquela sala nos últimos dias.

O primeiro suspeito: o técnico que veio consertar as cortinas. Ele possuía uma cara patibular, de alguém que está tramando um crime ou sofrendo de um tormentoso remorso. Só que, desde Lombroso (1835-1909), está totalmente desmoralizada a tentativa de descobrir alguma predisposição à delinquência analisando as características físicas do indivíduo. Não existem caras honestas se contrapondo a caras desonestas. Existem, apenas, convencionalmente, caras feias e caras bonitas. Mas podia ser ele.

O segundo suspeito: o eletricista. Seu olhar era esquivo, como o de um bicho em situação de perigo. Olhava de esguelha, fingindo que não estava observando coisas e pessoas à sua volta. Quando eu me aproximava, ele parava de trabalhar e ficava contraído, como se fosse dar um bote ou fugir. Eu tinha de reconhecer, porém, que se ele não agisse com cautela corria o risco de levar um choque elétrico. Mas podia ser ele.

O terceiro suspeito: o relojoeiro que veio consertar o relógio de parede, uma velha peça mecânica em forma de oito que fica sobre a mesinha onde estava o relógio de pulso. Era um homem gordo, de aspecto bonachão. Costumamos achar todos os gordos felizes, confiáveis e bondosos — ao contrário dos magros, que desde Shakespeare são vistos como famintos e perigosos. Mas esse é mais um embuste da falsa ciência conhecida como fisiognomonia. (Quem estiver interessado nessa “arte de conhecer o homem segundo as feições do rosto” — e parece que muita gente ainda acredita nessa falácia do século XVIII —, que leia *Arte de estudar a fisionomia*, de J.K. Lavater. É um livro interessante.) O relojoeiro era gordo e bonachão, mas podia ser ele.

O quarto suspeito: o rapaz da farmácia, que, para entregar-me uma encomenda no local da casa onde eu estava trabalhando, passou pela mesinha em que estava o relógio. Ele ficava olhando em volta, alerta, astuto, como um desses assaltantes de rua. Nem a paisagem que se via da janela escapou do seu olhar curioso. Podia ser ele.

Eu tinha uma lista de quatro pessoas com oportunidade de cometer aquele crime. A questão era descobrir o delinquente. Então me lembrei das aulas de direito penal, na faculdade de direito, das nossas discussões de que não havia delinquentes, mas indivíduos antissociais, nem crimes, mas fatos indicativos da antissociabilidade do autor. E lembrei-me também do brocardo (estou citando de memória): “O testemunho é a prostituta das

provas”, testemunho incluindo as declarações da vítima e a confissão de autoria.

Para provar essa teoria de que a prova testemunhal não é fidedigna, foram feitas muitas pesquisas curiosas. Estas duas, entre várias, são clássicas:

Uma mulher vestida de vermelho, com o braço numa tipoia, atravessa uma sala onde estão várias pessoas e desaparece. Mais tarde os pesquisadores perguntam aos presentes se viram uma mulher passar pela sala e como ela estava vestida. Conforme as respostas — alguns nem sequer a viram —, ela estava de preto, cinza, bege, e uma pessoa disse que viu passar um homem vestido de vermelho. O braço na tipoia passou totalmente despercebido.

Um professor de direito e dois alunos criam este ato dramático: os dois alunos, no meio da aula, de acordo com rigorosa marcação teatral, começam uma violenta discussão, e um deles, de acordo com o script, saca um revólver e atira no outro, que também está armado e revida atirando por sua vez. Os dois caem ao chão feridos e pretensamente são transportados para um hospital. O professor pede que os alunos permaneçam na sala para que a polícia tome conhecimento exato do que aconteceu. Os alunos são ouvidos em separado. Nenhum depoimento coincide. A iniciativa da agressão ora é atribuída a um, ora a outro; as palavras ensaiadas que os brigões trocaram na discussão são reproduzidas de maneira diferente e muitas são inventadas pelos depoentes.

Ou seja: o testemunho é mesmo a prostituta das provas. Caberia aqui uma discussão filosófica sobre os motivos pelos quais o mesmo objeto ou situação é percebido de maneira diferente por pessoas diferentes, mas ficaria muito longo. A questão é que, depois de pensar isso tudo, concluí que até então eu havia deixado de lado um quinto suspeito.

O quinto suspeito era eu. O meu testemunho, a minha certeza absoluta de que havia visto o relógio de pulso na mesinha talvez não expressasse a verdade. Então comecei a solucionar o mistério partindo do quinto suspeito. E isso não apenas foi confortável espiritualmente, pois desconfiar dos outros é muito desagradável, como acabou resolvendo a charada: eu havia, inconscientemente, por algum motivo, deixado de seguir a rotina e posto o relógio em outro local. Minha certeza de que o vira na mesinha não passara de mais um equívoco testemunhal. Estou com o relógio no pulso, neste momento. Sábado, dia 3.

JOSÉ — UMA HISTÓRIA EM CINCO CAPÍTULOS

1. *Aprendendo a imaginar*

As memórias preservadas desde a infância e que carregamos durante nossa vida são talvez a nossa melhor educação, diz Aliocha Karamazov. E se apenas uma dessas boas memórias permanece em nosso coração, ela talvez venha a ser, um dia, o instrumento da nossa salvação.

Mas há quem pense o contrário do personagem de Dos—toiévski: os que acreditam, como Joseph Brodsky, que “a memória trai a todos, é uma aliada do esquecimento, é uma aliada da morte”.

Ao falar de sua infância, José tem de recorrer à sua memória e sabe que ela o traiu, pois muita coisa está sendo lembrada de maneira inexata ou foi esquecida. Porém ficou claro para ele que, na verdade, a memória pode ser uma aliada da vida. Ele sabe que todo relato autobiográfico é um amontoado de mentiras — o autor mente para o leitor e mente para si mesmo. Aqui, se alguma coisa foi esquecida, nada foi inventado.

Até os oito anos de idade ele morava em uma confortável casa em outra cidade do Brasil, Juiz de Fora, localizada no estado de Minas Gerais. Além dele, moravam o seu pai, a sua mãe e dois irmãos. Mas ele não vivia ali. Durante aqueles oito anos de sua vida, ele viveu em Paris. Não a Paris dos bulevares de Haussmann, de Longchamp, de Napoleão III, nem a Paris festeira de Hemingway, nem a do Beaubourg e do quai d’Orsay, e sim a Paris das vielas estreitas, do Pátio dos Milagres, de Richelieu, contada por Zévaco e Du Terrail.

Ele talvez passasse mais tempo na companhia da pérfida princesa Fausta (“ela era paciente; isso é que a fazia tão forte e temível”), do intrépido cavaleiro Pardaillan e do prodigioso Rocambole do que com a sua família. (Os Três Mosqueteiros eram uma equipe, o que os tornava menos

interessantes.) Os livros e os fascículos de Michel Zévaco, de Ponson du Terrail, de Alexandre Dumas lhe eram enviados periodicamente do Rio por sua tia Natália, que era atriz de teatro na capital do país.

As narrativas desses autores fizeram-no íntimo de reis, papas, duques, cardeais, grandes inquisidores, espadachins formidáveis, princesas e estalajadeiras lindas, áulicos sicofantas e astuciosos bobos da corte. Essas pessoas o envolviam em golpes de Estado, regicídios, fratricídios, homicídios, parricídios, genocídios, conluíus criminosos, intrigas palacianas, envenenamentos, defenestrações, lutas de capa e espada e cenas de amor e altruísmo. José atravessava embuçado numa capa negra as ruas de Paris, frequentava as estalagens, as mansardas, os salões e os boudoirs de princesas, os gabinetes de cardeais e bispos poderosos e devassos; participava de intrigas políticas, traições, paixões, duelos, assassinatos; assistia à matança de hereges queimados em fogueiras por monges sinistros em meio ao entusiasmo enfurecido do populacho; enredava-se em aventuras amorosas; participava da ascensão e queda dos poderosos; testemunhava as humilhações e os sofrimentos dos fracos e dos miseráveis; convivia, nos castelos, com os reis e rainhas de França, e nos porões da Bastilha com o conde de Montecristo e o Homem da Máscara de Ferro. E comia o mesmo que aqueles aventureiros: uma omelete, uma empada, um pastelão, acompanhados de um Vouvray “espumoso e crepitante”.

Ainda que sua mãe fizesse deliciosos pratos da terra dela — seu pai e sua mãe eram portugueses —, ele se imaginava degustando a comida dos espadachins, não obstante se deliciasse com as tripas à moda do Porto, o bacalhau com batatas, o cabrito assado no forno e as alheiras e os chouriços de carne de porco temperados com alho e vinho, curados num fumeiro aceso num galpão de chão de pedras, especialmente construído para essa finalidade num terreno atrás da sua casa. O vinho tinto maduro português,

que seu pai lhe dava diluído com água e açúcar, ainda que fosse quase um suco de frutas, parecia-lhe bastante pertinente ao mundo da sua imaginação. (Ele supunha que o Vouvray fosse um tinto maduro e surpreendeu-se ao saber que era um branco do Loire.) Ele também gostava do que o seu pai chamava de sopa de cavalo cansado: vinho com açúcar e pão. Sua mãe não bebia vinho, quando muito um cálice pequeno de licor ou de Porto, ou então uma taça de champanhe. Não era da boa tradição as mulheres tomarem vinho, ainda mais da maneira copiosa dos homens. (Jean-François Revel conta que na Antiguidade beber vinho era proibido às mulheres, e que há relatos históricos de maridos que mataram as esposas por terem ido beber vinho às escondidas na adega.) Apesar de “viver” em Paris, ele consegue lembrar episódios da sua existência familiar em Juiz de Fora. Sua mãe dizia que ele aprendeu a ler sozinho aos quatro anos (provavelmente ao ver os seus irmãos mais velhos estudando), ainda que José pronunciasse mal muitas palavras, pois aprendera a ler sem soletrar, e as palavras para ele não tinham som, apenas significado. A mãe acreditava que isso talvez explicasse a obsessão de José com a leitura, as noites que ele passava acordado lendo, e os dias também. A mãe não tinha conhecimento, é claro, da emocionante vida de José em Paris, aquela que Zévaco e os outros inventavam para ele.

Sua mãe acreditava que se José não dormisse podia ficar doente, provavelmente tuberculoso, uma doença que a aterrorizava. Do seu quarto ela podia saber se a luz do quarto dele estava acesa e o mandava dormir. Assim, para poder ler, José esperava que ela e o seu pai dormissem, utilizando-se de vários truques para manter-se acordado: andava dentro do quarto de um lado para o outro; deitava nu no chão frio de ladrilho, isso funcionava bem no inverno parisiense (digo, juiz-de-forano), com a vantagem de, às vezes, deixá-lo doente, e um garoto doente fica de cama e

ninguém se incomoda se permanece o dia inteiro fora de casa, em Paris. (Devo dizer que Paris representava, lato sensu, a França, pois os personagens de José atuavam também em outras cidades francesas. Uma vez ou outra, José ia com eles à Itália para conversar com os Bórgia e ver a ponte dos Suspiros.) É bem verdade que sua mãe o enchia de gemadas, torturava-o com ventosas e cataplasmas de mostarda fervente no peito. Mas valia a pena aquele sofrimento todo. Ele podia ler o dia inteiro e, quando afinal todos dormiam, acendia a luz e novamente pegava o livro e a leitura o despertava totalmente, ele sentia uma febre pelo corpo que o alimentava a noite toda e o dia seguinte.

Aprender a escrever foi ainda mais fácil, numa velha máquina Underwood que havia na casa. No princípio José escrevia apenas para ver as palavras aparecerem no papel. Criava frases sem nexos. A primeira frase com lógica que escreveu foi decorada de um livro. Sempre que sentava na máquina e não sabia o que escrever, batia esta frase: “De todas as artes, a mais bela é sem dúvida a arte da palavra.” Na frase, as palavras eram escritas sem o acento agudo, pois o teclado americano da Underwood não fora adaptado para o português. A máquina fê-lo adquirir dois hábitos, duas propensões: ele só conseguia escrever com conforto teclando (ou digitando) as palavras numa máquina; e essas palavras nunca eram acentuadas. No entanto, por alguma misteriosa razão, José não sentia vontade de escrever uma só palavra sobre Paris, a cidade onde ele vivia, nem mesmo sobre os fascinantes personagens que povoavam a sua mente.

Preferia ler do que jogar bola de gude, ou mexer com soldadinhos de chumbo, ou qualquer outra brincadeira. Também não havia muitos outros meninos na vizinhança, e de toda forma José não se juntaria a eles. E mesmo a companhia dos irmãos, Manoel e Carlos, apesar de serem muito amigos, atrapalhava as suas fabulações e descobertas. As únicas atividades lúdicas

das quais ele realmente gostava era jogar futebol, andar de velocípede e observar no porão da sua casa a vida dos escorpiões e das aranhas-caranguejeiras, tipo de entretenimento, aliás, que viria a ser descrito num dos seus livros. José não se lembra de brincar com os cães da casa, talvez porque fossem ferozes, dois pastores alemães, uma fêmea de nome Guadiana e um macho, Tejo, nomes de rios de Portugal, pois, segundo uma tradição supersticiosa da terra dos seus pais, dar nomes de rios aos animais impedia que se tornassem hidrófobos. Mas hoje José gosta mais de cães do que antigamente.

Como José lia tudo que lhe aparecia na frente, em determinado momento, além dos romances franceses de capa e espada, devorou os livros de autores portugueses que tinham em casa — Camões, Eça, Antero, Guerra Junqueiro, Fernão Mendes Pinto (*Peregrinação*, lido já adulto, lhe deu mais prazer), Albino Forjaz de Sampaio, Feliciano de Castilho, Júlio Dantas, Gil Vicente, Camilo Castelo Branco, Júlio Dinis e muitos outros — e começou a ler outros autores que a tia Natália lhe enviava, acreditando, talvez, e acertando, que seriam livros cuja leitura lhe daria prazer, como Karl May, J. Fenimore Cooper, Edgar Rice Burroughs, Edgar Wallace, seu primeiro autor de mistério. (Nunca leu os livros clássicos infantis, afinal ele não era propriamente uma criança. Alguns desses livros só foram lidos quando ele já era adulto, por curiosidade profissional.) Mas continuou gostando dos folhetins — o Curdistão bravo, as pradarias americanas, a África selvagem. Os crimes na nevoenta Londres não lhe interessavam tanto assim. Tudo mudou quando veio para o Rio, aos oito anos.

2. Os curtos anos de afluência. A mudança

O pai de José, Alberto, e sua mãe, Julieta, dois jovens imigrantes portugueses, haviam se conhecido no Rio de Janeiro quando Alberto trabalhava no magazine Parc Royal e Julieta em A Moda, uma elegante loja de roupas femininas. O Parc Royal fora fundado em 1873 pelo português Vasco Ortigão, filho do conhecido escritor português Ramalho Ortigão, e tornara-se em pouco tempo o mais importante estabelecimento comercial do Rio, com inovações que cativaram os consumidores, como a exibição dos preços de todas as mercadorias e a distribuição de catálogos ilustrados. O prédio da loja, que ocupava um quarteirão inteiro da rua que um dia se chamou rua das Pedras Negras e depois receberia o nome de Ramalho Ortigão, entre a rua Sete de Setembro e o largo São Francisco, possuía 140 janelas, 48 vitrines externas e cinco portas de acesso.

Alberto era muito trabalhador, como a maioria dos imigrantes, e, sendo particularmente dedicado à firma, nela alcançou o posto de gerente, certamente com alguma participação nos lucros, o que lhe permitiu economizar o suficiente para estabelecer o seu próprio negócio.

Alberto ouvira falar no potencial de uma cidade, Juiz de Fora, perto do Rio de Janeiro, conhecida como a Manchester mineira. E, com muita ambição e esperança, usando as economias que conseguira fazer em anos de vida frugal e alguns empréstimos, abriu naquela cidade (onde todos os filhos dele e de Julieta nasceriam) um grande magazine, que pelo desejo de Alberto seria grandioso como o Parc Royal. A esse sonho, Alberto deu o nome de Paris n'América. O pai de José, como todos os portugueses da sua geração, era fortemente influenciado pela cultura francesa, e isso com certeza o levava a escolher aquele insólito nome afrancesado, repetindo, de certa maneira, o que fizera Vasco Ortigão. Além disso, é provável que ele conhecesse a loja Paris em Lisboa localizada na rua Garret, no Chiado, quase em frente ao famoso café A Brasileira, frequentado por Fernando Pessoa e outros escritores.

Durante alguns anos o empreendimento de Alberto foi um grande sucesso. José e sua família moravam numa casa confortável, Alberto e Julieta jogavam tênis, a mãe estudava bandolim e pintura e em pouco tempo estava pintando a óleo quadros religiosos; seus irmãos brincavam e José lia. Entre as pinturas da sua mãe que não se perderam, destacam-se um São José com o Menino Jesus no colo e um Sagrado Coração de Jesus — Cristo com o coração rubro aparecendo no meio do peito. Mais tarde Julieta pintaria figuras terrenas e também nus femininos, que sempre estiveram em moda junto aos amadores. José tem até hoje, na parede de sua casa, o quadro a óleo de uma mulher nua recostada num sofá, contemplando, de perfil, um colar de pérolas que ela sustenta com a mão levantada em frente ao rosto. Além de pintar, Julieta tangia com habilidade o bandolim e cantava em saraus para a família, nunca para estranhos; dirigia um Oakland conversível e fumava com uma piteira. O pai pedira que a mãe de José fumasse, achava elegante uma mulher fumando, mas Julieta detestava o cigarro e só fumava quando Alberto estava por perto.

Julieta foi provavelmente a primeira mulher da “sociedade” que dirigiu um automóvel e fumou em Juiz de Fora. A família possuía dois automóveis, um excesso numa cidade pequena, ainda mais dispondo de motorista particular, cujo nome poderia ser de derivação patronímica ou uma alcunha sinônima de patranha, pois Mário Gamela era um grande contador de casos de autenticidade duvidosa. De complexão robusta e tez muito vermelha, era uma figura imponente em seu uniforme e boné escuros. Mário Gamela era um homem disposto, que ajudava os outros empregados (o jardineiro, a cozinheira e as duas arrumadeiras) nas épocas em que se faziam as alheiras e chouriços no galpão especial construído nos fundos da residência.

Uma das possessões mais apreciadas da casa, mais do que os tapetes persas, os quadros, os móveis de madeira de lei, os cristais e a prataria, era

uma vitrola do último tipo onde a mãe de José escutava diariamente árias de ópera com os cantores da moda: Caruso, Tito Schipa, Tita Ruffo. José cresceu ouvindo óperas, e certas árias lhe causam, hoje, um inefável sentimento de nostalgia.

Duas ocasiões eram importantes no calendário de festejos da família: o dia dedicado a são João e o Natal. Não era uma festa de são João brasileira; faltavam as roupas caipiras, a dança conhecida como quadrilha, o casamento na roça e o quentão, cachaça com gengibre levada ao fogo. Mas eles faziam uma grande fogueira no quintal dos fundos, em torno da qual os convidados (empregados da loja e suas famílias eram incluídos) se reuniam para cantar enquanto bebiam licores e vinhos portugueses, bagaceira, vinho do Porto, vinho Madeira. Assavam batatas na fogueira, e havia ainda uma enorme mesa de comidas e doces. Eram lançados fogos de artifício que explodiam no espaço. Bastões e estrelinhas, além de outros fogos de salão, eram distribuídos entre os convidados. Por algum milagre, parece que nunca chovia nesse dia.

A outra festa era o Natal, a consoada do dia 24, com arroz de polvo, bacalhau, um leitão e um cabrito inteiros assados, alheiras, chouriços, sarrabulho, pão de ló, fios de ovos, pastéis de santa Clara e toucinho do céu, e frutas portuguesas, cerejas, peras, maçãs, uvas, morangos. Um dia José perguntou a sua mãe se jaca era uma fruta gostosa e ela respondeu, desdenhosa, “Nós não comemos isso”. Jaca era uma fruta que crescia em qualquer quintal, no meio do mato. Era uma fruta de gente pobre, como a banana.

(Não havia, porém, desperdício de comida na casa de José. Uma parte dos alimentos preparados, e não somente o que sobrava, era distribuída para os pobres. Era comum as famílias com recursos terem o “seu pobre”, que costumava receber roupas e alimentos periodicamente. A família de José “tinha” vários, que nos dias de festa faziam uma fila para receber presentes e

alimentos. A comida era considerada, apesar da fartura, com reverência mística. Nada se podia deixar no prato, no qual só se colocava aquilo que realmente seria ingerido, pois jogar alimento fora era uma espécie de pecado. E se um pedaço de pão, por menor que fosse, tivesse que ser atirado no lixo, teria antes que ser beijado com contrição, um pedido de perdão pelo herético gesto de desperdício.) Era uma vida afluyente, cheia de conforto e tranquilidade. Mas não demoraria muito para que a família ficasse na miséria.

Sem recursos para bancar seu ambicioso projeto comercial (“No Paris n’América você pode comprar desde um alfinete até um automóvel” era o slogan da loja), o pai de José começou a enfrentar problemas financeiros. Para evitar a vergonha da falência ou mesmo da concordata, que a maioria dos comerciantes consegue enfrentar com algum lucro, teve que fechar a loja. Todos os credores foram pagos na íntegra, um motivo de orgulho para toda a família. Mas para isso os bens tiveram que ser vendidos: as joias, os móveis, as pratas, as louças, os quadros, os tapetes, os livros, os discos, tudo, inclusive, evidentemente, a casa. Apenas foi mantido um relógio Omega de bolso, de ouro maciço, muitas vezes empenhado e sempre resgatado da caixa de penhores, um símbolo não de evocação nostálgica dos tempos de abundância, mas de advertência dos reversos do destino. O relógio está hoje com José. Abrindo-se a placa externa, pode-se ler em outra, interna, que fecha o mecanismo, uma gravação com os dizeres “Omega, Grand Prix, Paris, 1900”.

Julieta e Alberto (ele não tomava nenhuma decisão importante sem consultar a mulher) decidiram voltar para o Rio de Janeiro, a Manchester mineira não oferecia ao pai de José condições para um recomeço, e talvez Alberto e Julieta não se sentissem bem em continuar vivendo num lugar onde ruas e pessoas lembravam a opulência perdida e o sonho fracassado. José e

seus irmãos não participaram das providências logísticas que foram tomadas para a mudança. O certo é que José cuidou de colocar seus livros favoritos numa mala grande, para carregá-los consigo. Ou seja, de toda maneira ele não pretendia deixar de viver em Paris.

3. A descoberta de um mundo novo, graças à ruína da família

Na verdade os transtornos da mudança para o Rio de Janeiro e as carências da pobreza não causaram à família e a José maiores sofrimentos. O bem mais importante para todos era a união da família, e isso eles não haviam perdido, e para Alberto e Julieta a única coisa realmente intolerável seria perder a dignidade. As marcas da pobreza seriam, no máximo, roupas ordinárias, isso quando as roupas boas que possuíam ficassem inutilizáveis. As maiores virtudes de ambos eram a bondade, o orgulho, a dignidade e a altivez, que não dependiam dos bens materiais, e assim eles mantiveram a cabeça erguida e o coração apaziguado, e isso não podia deixar de ter uma influência benéfica nos filhos.

Apesar de passarem necessidades, ninguém se lamentava pelo fato de morar sem nenhum conforto num sobrado destinado a depósito de mercadorias, sobre a loja onde o pai conseguira estabelecer um modesto negócio, na rua Sete de Setembro, quase na esquina da rua Uruguaiana, uma parte nobre do centro da cidade. A casa era, na verdade, um pavimento comprido, sem paredes, que começava no balcão que dava para a rua — no meio uma claraboia, por onde entrava alguma iluminação durante o dia —, e terminava numa área de serviço com um pequeno banheiro, que não tinha nem banheira nem chuveiro, apenas um vaso sanitário e uma pia, o que obrigava todos a tomar banho de cuia — a metade de uma lata de queijo do Reino que, ao abrir, fornecia duas cuias perfeitas —, a água sendo retirada de uma lata de banha vazia de vinte quilos que era enchida na pia. A cozinha

era um fogareiro improvisado na área de serviço, o que exigia que a comida fosse de uma frugalidade franciscana. José e os seus irmãos nunca tinham um único tostão no bolso, então, quando queriam tomar um refrigerante, eles mesmos o faziam com pasta de dentes diluída em água, quando havia dentifrício suficiente.

Não obstante todas as vicissitudes, ninguém, nem mesmo o pai, que sem dúvida fora o mais atingido de todos, estava particularmente infeliz. O único grande desgosto sofrido por ele com a sua volta ao Rio foi o incêndio do Parc Royal, o magazine de nome francês do qual fora gerente. Numa noite de junho, ao saber do incêndio, perto da sua casa, a família foi se juntar à multidão que via o quarteirão inteiro ocupado pelo Parc Royal ser consumido pelas chamas. Entre os homens, mulheres e crianças estarrecidos com o espetáculo, havia frades do Convento de Santo Antônio, localizado próximo, no largo da Carioca, e da Igreja de São Francisco, que ficava ao lado e corria o risco de também se incendiar. Jamais acontecera no Rio de Janeiro um incêndio como aquele. Os vidros das janelas da grande loja explodiam com o calor, o mesmo acontecendo com aqueles dos prédios vizinhos; até os antigos vitrais da igreja estouraram e as cordas de todos os seus sinos consumiram-se em chamas. As paredes do maior magazine comercial da cidade ruíram com um fantástico estrondo, causando pânico entre a multidão.

José, durante o incêndio, afastou-se de perto da família para não sofrer com a consternação do pai e também para que ele não percebesse o fascínio que a grandiosidade da cena lhe causava, e assim poder fruir sem culpa, em toda a sua pureza, o “belo horrível” do espetáculo, uma frase contraditória que antes lhe parecia apenas um oximoro poético, mas cujo significado ele agora entendia. Os surrealistas diziam que a beleza ou seria “convulsiva”, ou nada seria. José sempre vira beleza em raios e trovões, e ali estava um

verdadeiro cataclismo à sua frente, para ser gozado em seu convulsivo esplendor.

No início dos seus dias no Rio, José continuou lendo tudo o que aparecia, de preferência os folhetins que sua tia Natália lhe emprestava logo que publicados.

Mas agora a leitura encontrara uma rival, a cidade, e José parava de ler a fim de perambular pelas ruas do Centro, quando conseguia escapar da vigilância da mãe. E as imagens, sons e cheiros daquela cidade chamada São Sebastião do Rio de Janeiro o despertaram para uma outra realidade e o fizeram descobrir um novo e atraente mundo, deram-lhe uma nova vida. E, por sorte sua, o primeiro emprego de José, aos 12 anos — todos tinham que ajudar na renda familiar, a mãe “costurava para fora” —, foi numa pequena oficina que fazia bolsas e carteiras de couro, localizada num sobrado do centro. O seu trabalho era de entregador, e para levar as encomendas dos fregueses, que nunca eram demasiado pesadas, pois a produção da oficina era vendida no varejo, José circulava pela cidade inteira, no Centro caminhando, e nos bairros e subúrbios andando de trem e de bonde, de preferência no estribo; e “saltar do bonde andando” na velocidade máxima era um esporte emocionante para pirralhos como ele. Entre as muitas ocupações que José teve em sua vida, essa de entregador foi a mais agradável de todas, certamente mais prazerosa do que a de escritor.

(Recentemente, José tem encontrado nas suas caminhadas pela manhã bem cedo, por volta das cinco horas, os entregadores de um jornal matutino. São adultos que usam camisas estampadas com o nome do jornal no peito e nas costas, e na manga escrito “Runner”, o termo inglês que significa, entre outras coisas, mensageiro, indivíduo que entrega mensagens, encomendas *etc.* No tempo de José, o nome dessa função era entregador mesmo, não estávamos numa época de eufemismos, como a de hoje. Ele encontrava

durante o seu trabalho muitos “entregadores de marmita”, garotos como ele, carregando um conjunto de vasilhas de alumínio empilhadas e adaptadas a um suporte, com refeições fornecidas pelas pensões. Na hierarquia estabelecida pelos entregadores, essa era considerada a menos nobre das atividades de entrega.) José lembra-se da primeira vez em que ele, teoricamente um montanhês, viu o mar. Ao contemplá-lo teve uma sensação de tranquila e alegre familiaridade, como se fosse o reencontro com um velho conhecido, afinal seus ascendentes portugueses eram “marinhos” (“ó mar, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal”, disse o poeta Fernando Pessoa), e ele possuía e mantivera uma forte ligação “genética” com as massas de água salgada do globo terrestre. Do sobrado da sua casa chegava, em dez minutos de caminhada, à avenida Beira-Mar, e podia contemplar a baía de Guanabara, o Pão de Açúcar, o morro Cara de Cão, os fortes protegendo a entrada da baía, por onde às vezes um navio, vindo certamente de muito longe, penetrava devagar. Podia nadar na praia das Virtudes ou em Santa Luzia, pois as águas da baía ainda não estavam poluídas, ou então na praia do Flamengo, que ficava a uma distância que percorria flanando, beirando o mar, e onde apanhava tatuís escondidos na areia, um pequeno crustáceo de coloração branca que a mãe dele cozinhava junto com arroz. Nos dias de ressaca, brincava de “pegar jacaré”, uma maneira de deslizar sobre as ondas usando o corpo como se fosse uma prancha de surfe.

Naquela época, as praias frequentadas ficavam dentro da baía — Ramos, Ilha do Governador, Paquetá, Flamengo, Botafogo; o grosso da população da cidade morava no Centro, nos bairros e subúrbios da zona norte e numa parte da zona sul. A ocupação ainda não se estendera de fato a Copacabana e demais zonas litorâneas, as restingas dessas áreas eram muito pouco visitadas, e, não obstante o Hotel Copacabana Palace tivesse sido construído havia mais de dez anos, em 1922, consta que as primeiras pessoas que

tomaram banho de mar em frente ao hotel o fizeram amarradas em cordas, com medo de se afogarem.

Podia-se ir de bonde até o Alto da Boa Vista para passear na floresta da Tijuca, a maior floresta do mundo localizada dentro de um perímetro urbano, a única inteiramente planejada e criada pelo engenho humano, plantada em uma área que fora devastada para a cultura do café, cujas duas primeiras mudas haviam sido plantadas no Rio de Janeiro em 1771.

Mas os encantos maiores ficavam a menos de cinco minutos a pé do sobrado onde ele morava, e não estavam na paisagem natural do Rio. Eram as caminhadas pelas ruas do centro cheias de transeuntes, ruas onde se encontravam os cinemas e teatros, as confeitarias, as lojas, os bondes elétricos trafegando pelos trilhos, os carros e os monumentais edifícios do Teatro Municipal, do Museu de Belas-Artes e da Biblioteca Nacional, sendo que nos dois últimos lugares ele podia entrar sem pagar.

Para qualquer lado que fosse, só deparava com atrativos. Se seguisse para o largo da Carioca e dali pela Treze de Maio até a Cinelândia, encontrava os teatros e cinemas, além da elegante confeitaria A Brasileira. A Cinelândia, ou praça Marechal Floriano, não era, como hoje, frequentada por marginais de vários tipos e multidões de pombos que sujam até mesmo os transeuntes. José não tinha dinheiro para ir aos cinemas, mas conseguia frequentar um dos melhores do local, o Odeon.

Um dia, ele devia ter uns 12 anos, passando pela rua Álvaro Alvim notou uma porta giratória nos fundos do Odeon. A porta rodava apenas em um sentido, um dos lados era desimpedido para permitir a passagem dos que se retiravam do cinema, e o outro lado possuía fileiras horizontais de ferros pontiagudos que impediam a entrada indevida das pessoas. José percebeu que podia entrar rastejando, com o corpo bem rente ao chão, e assim, dessa maneira astuta e infame, pôde ver todos os filmes que aquele

cinema exibia, durante um tempo que não consegue precisar: meses, certamente. Era sempre uma aventura cheia de medo, vergonha e conquista. O lanterninha ocasionalmente era avisado de que um moleque havia penetrado pela porta giratória e percorria a plateia e o balcão com a lanterna acesa procurando o penetra, um escrutínio assustador. Às vezes o facho da lanterna era colocado em cima dele, que se mantinha tranquilo, e o lanterninha ficava na dúvida se ele seria um dos moleques invasores. Tendo sido rico a maior parte da sua curta vida — só recentemente entrara na categoria dos pobres —, ele ainda tinha cara de rico e se comportava com a segurança deles. Algumas vezes acontecia que outros meninos, vendo-o penetrar no cinema daquela maneira incômoda, faziam o mesmo e eram sempre postos para fora ou porque tinham cara de pobre — eram meninos negros e malvestidos —, ou porque ficavam nervosos e se denunciavam.

O Odeon o fez redescobrir o cinema. (A lembrança mais antiga da sua infância é a de uma tela de cinema com movimentadas imagens em preto e branco; depois soube que a sua babá namorava o lanterninha e ia para o cinema se encontrar com ele, e que deixava José sentado olhando as imagens, o que devia alegrá-lo, pois nunca reclamou.) E cinema e literatura se juntaram para dar-lhe grandes prazeres.

Se andasse pela rua da Carioca, que ficava paralela à rua Sete de Setembro, onde ele morava, até a praça Tiradentes, passava em frente ao cinema Íris, um cinema que fora elegante, com suas escadas com elementos decorativos de ferro batido, mas que se tornara um “poeira”, nome que designava os cinemas de ingresso barato que exibiam filmes em série. (Depois virou cinema pornô, passou a ser um reduto de gays e hoje é um ponto de encontro para festas de jovens burgueses.) Mais adiante ficava o cinema Ideal, cujo teto, graças a um sistema mecânico, se abria durante as

noites, refrescando a sala e permitindo ao espectador ver também outras estrelas que não as da tela. (Constava que Ruy Barbosa havia sido frequentador assíduo do Ideal, e havia uma cadeira, que seria aquela em que o grande jurista se sentava habitualmente, marcada com uma placa comemorativa. Mais tarde, o prédio virou uma sapataria.) E logo em seguida ficava a praça Tiradentes, que tinha má fama por ser frequentada por travestis, homossexuais procurando parceiros, prostitutas, corruptores de menores, rufiões, batedores de carteira e vadios em geral, mas que também era um local em cujos bares podiam ser encontrados músicos e artistas de teatro, pois havia na praça e em suas imediações teatros de bulevar ou de “revista”, como o Recreio, e “teatros de comédia”, como o João Caetano e o Carlos Gomes. Estes últimos existem ainda hoje. Caminhando da praça Tiradentes pela avenida Passos, ele podia chegar ao cinema Primor, outro “poeira”, na esquina da rua Larga, como era conhecida a rua Marechal Floriano.

A maior de todas as criações do ser humano é a cidade. É no centro delas que o seu passado pode ser sentido e o seu futuro concebido. Ainda que leitura e imaginação disputassem o mesmo espaço e certamente o mesmo tempo em sua mente, José percebia agora que habitava aquela cidade estuante de vida, que as outras eram descritas nos romances de Zévaco, Du Terrail e Dumas em diálogos longos e entediantes, as ações dos personagens e as referências históricas eram excessivas, tudo com a finalidade de tornar mais extensa a narrativa e assim possibilitar a produção de mais fascículos que reunidos se tornariam muitos livros. (*O visconde de Bragelonne*, que ele possuía, consistia de vinte volumes.) Naquela cidade, no Rio de Janeiro, ele descobriu a carne, os ossos, o gesto das pessoas; e os prédios tinham forma, peso e histórias suas.

No Museu — e uma cidade sem museus também não é uma verdadeira cidade — ele se encantava ingenuamente com a monumentalidade heroica da *Batalha dos Guararapes*, de Victor Meirelles, da *Batalha do Avaí*, de Pedro Américo, de *O último tamoio*, de Rodolfo Amoedo, ou então com o impressionismo de Eliseu Visconti. Postado em frente à fachada iluminada do Teatro Municipal, via as pessoas entrarem e imaginava como seria lá dentro daquele teatro que diziam ser um dos mais luxuosos do mundo, o que só descobriria mais tarde, quando se tornou um claqueur, para poder assistir de graça aos espetáculos de ópera e balé, além de ganhar alguns mil-réis.

No início da adolescência de José, sua família se mudou para um sobrado na rua Evaristo da Veiga, quase na esquina da Treze de Maio, que ficava sobre uma loja que vendia peças de automóvel chamada Casa Serafim Ferreira. Bem em frente, do outro lado da rua, ficava um dos lados do prédio da atual Câmara de Vereadores. O lugar conseguia ser ainda melhor do que o sobrado da Sete de Setembro. Da sua janela ele podia ver, um pouco adiante, na Rio Branco, a Biblioteca Nacional, e ainda mais perto, na Treze de Maio, o Teatro Municipal. Havia um bonde especial para transportar homens e mulheres vestidos a rigor que iam assistir aos espetáculos do teatro, conhecido como “bonde de ceroulas”, pois todos os seus bancos eram cobertos por uma capa de imaculado linho bege-claro. José olhava essas pessoas descerem do bonde, que parava ao lado do teatro, na rua Treze de Maio. As mulheres desciam com alguma dificuldade devido aos modelos que usavam, já que os estribos do bonde eram altos; e depois as via caminharem para o teatro ajeitando saias, estolas e casacos de pele, enquanto os homens se acomodavam em seus paletós de smoking e gravatas-borboleta, preparando-se para a entrada, que esperavam ser triunfante, no foyer brilhantemente iluminado do

teatro. (Os bondes deixaram de existir, e seu lugar não foi ocupado por nenhum outro tipo de veículo movido a energia elétrica. Não havia preocupações com a poluição atmosférica.) O Teatro Municipal foi inaugurado em 1909. A leitura dos jornais da época mostra que os poetas de então gozavam de prestígio idêntico ao dos astros da música popular e da televisão de hoje.

“Inaugurou-se ontem o suntuoso monumento com que a prodigalidade municipal dotou a cidade. O edifício colossal e soberbo parecia uma imensa mole de granito, mármore, ouro, bronze e vidros, resplandecendo à luz branca que jorrava do seu bojo numa fulguração que deslumbrava. A multidão olhava para o teatro como tomada de assombro ante aquela grandeza, fruto de uma megalomania, e abria alas para os que lá dentro iam assistir ao espetáculo de inauguração. [...] Carros e automóveis, numa fila interminável, chegavam apressados, desde oito horas da noite, e despejavam na rua Treze de Maio e na avenida Central homens encasacados e enluvados e senhoras que escondiam sob vistosas capas e amplas mantas o luxo das toaletes, a riqueza das joias, as nuvens de rendas, as ondas de perfume.

“Na plateia completamente cheia de cavalheiros e senhoras, destacavam-se estas pelo luxo, riqueza de adereços, formosura das cabeças; e os cavalheiros pela sua uniforme e correta casaca preta. Nas luxuosas frisas e camarotes, como nos balcões e galerias nobres superiores, era a mesma encantadora beleza de contraste, tão comum, e sempre admirável e pomposo, expandindo-se até a orla última — a galeria, onde, curiosa, embevecida, a nossa mocidade acadêmica, misturada com o povo de todas as classes, fechava o ambiente que a cúpula ilustrada por Visconti coroava.

“Uma grande orquestra executou o hino nacional, a sinfonia *Insomnia*, de Francisco Braga, o noturno da ópera *Condor*, de Carlos Gomes, bem como a abertura da ópera *Moema*, de Delgado de Carvalho. Mas o que fez

mais sucesso foram as palavras do poeta Olavo Bilac, que ao concluir um discurso foi ‘delirantemente aplaudido e chamado ao proscênio.’”

Na Biblioteca Nacional, o prédio, as pinturas de Eliseu Visconti, Modesto Brocos, Henrique Bernardelli e Rodolfo Amoedo, as esculturas de Correia Lima e Rodolfo Bernardelli, e principalmente as estantes cheias de livros, causavam em José um grande enlevo — ele podia satisfazer o seu vício, a leitura, que então já era incurável e do qual nunca conseguiu se livrar, tendo se tornado ainda mais exacerbado com a idade.

José descobrira, também, que era fácil ler em pé nas livrarias os novos lançamentos que ainda não tinham sido catalogados pela Biblioteca Nacional. Meia hora numa livraria, meia hora noutra, ele conseguia ler um livro inteiro; os vendedores não se incomodavam, as livrarias nunca estavam muito cheias. Mas ler, agora, começava a lhe proporcionar uma incipiente compreensão das coisas e de si mesmo, lhe dava um prazer diferente, pois lia os autores que escreviam sobre o seu país, originalmente na sua língua, que em riqueza e beleza não perde para nenhuma outra. Eram escritores do norte, do sul, do centro, de toda parte, do campo e da cidade, uns já mortos e outros que estavam em pleno apogeu. Gostava de ler especialmente os autores mineiros. Não obstante, por formação e paixão, o Rio seja a sua cidade e o cenário da maioria dos seus livros, ele se orgulha de ter nascido em Minas e gosta quando o chamam de escritor mineiro.

A literatura feita em Portugal também teve uma participação importante nessa época em que, junto com o amor à literatura, cresceu o seu amor pela língua portuguesa, e poderia citar dezenas de notáveis autores lusitanos, de história, ficção e poesia, que o marcaram e provocaram nele grande enlevo e admiração. Seu pai gostava de recitar sonetos de Camões e versos de António Nobre e Guerra Junqueiro. José lembra-se dele recitando, deste

último, “O melro” e “Oração à luz”. Junqueiro não era um dos seus poetas favoritos, não obstante Fernando Pessoa tenha afirmado, em carta a um editor inglês, sugerindo a publicação do poema “Oração à luz”, que ele é o “maior de todos os poetas portugueses, tirou Camões do primeiro lugar quando publicou ‘Pátria’ em 1896 [...] ‘Oração à luz’ é provavelmente a maior realização poético-metafísica desde a grande ‘Ode’, de Wordsworth”.

Todos os dias José passava uma parte do seu tempo lendo na Biblioteca, e mesmo ao entrar para o curso ginásial, quando trabalhava durante o dia e estudava à noite, conseguia arranjar tempo para ir até lá. Nas ocasiões em que tinha muita pressa para voltar ao trabalho ou ao colégio, que também ficava no centro da cidade, preenchia rapidamente uma ficha de pedido de livro, sentava-se numa das cadeiras marrons do imenso e acolhedor salão de leitura, e enquanto aguardava o livro, que era entregue por um funcionário, entretinha-se a olhar as fileiras de estantes superpostas até o teto, que na época podiam ser vistas do salão, e sentia como era bom viver. Ficar, por pouco tempo que fosse, no meio daquela infinidade de livros do mundo inteiro, era, para José, como estar no Paraíso. Ele considerava da maior importância os inúmeros tradutores anônimos que verteram para o português os livros que lia então, escritos nas línguas que não conhecia. Sem o tradutor, não existiria isso que se chama “literatura universal”. Tem, até hoje, um button usado num congresso de tradutores, na Alemanha, que diz, com razão, “Übersetzer unersetzlich” — o tradutor é insubstituível.

E havia as mulheres, que ele contemplava nas ruas tão logo chegou ao Rio, e que, apesar da sua idade, o atraíam e seduziam pela beleza, muito mais do que as mulheres dos livros. José se tornara precocemente sensível ao encanto feminino, o que pode ser explicado por Freud e suas teorias sobre sexualidade infantil, ou então por Jung, algo ligado ao inconsciente coletivo, mas provavelmente não é nada disso.

Perto da sua casa, na esquina, ficava a confeitaria Cavé, que parecia ser frequentada apenas por mulheres bonitas. E um pouco adiante, na rua Gonçalves Dias, a confeitaria Colombo. O fato é que ele foi o primeiro e certamente o único menino de nove anos a ficar na porta da confeitaria Colombo, o que era considerado um passatempo de senhores fesceninos, para muitos desfrutáveis e ridículos, olhando o desfile das mulheres mais elegantes da cidade, que depois de apreciar as vitrines das lojas de roupas da rua Gonçalves Dias iam tomar chá na confeitaria.

A confeitaria, que existe até hoje, era um local ricamente decorado em estilo belle époque, com largos espelhos de seis metros de altura cobrindo as paredes e garçons vestidos a rigor servindo com esmero mulheres elegantes, enquanto uma orquestra na parte superior do salão tocava valsas vienenses. Visto da rua, parecia-lhe um local mágico. Ao chegar em casa, José se deitava, fechava os olhos e via novamente as mulheres desfilarem, uma após outra, talvez ainda mais deslumbrantes em sua imaginação. Não havia (e não há) nada mais agradável de se ver do que uma bela mulher em movimento.

4. Um menino andarilho na zona boêmia da cidade

Do sobrado onde José e sua família agora moravam, na rua Evaristo da Veiga, seguindo na direção oposta à rua Treze de Maio, ele chegava à Lapa, que passou a incluir no roteiro das suas deambulações. Naquela ocasião a Lapa era conhecida como o reduto dos legítimos boêmios do Rio, mas já estava decadente, não era mais, como no dizer de um dos escritores que a frequentavam, um “bairro literário e artístico, uma alegre miniatura de Montmartre, Soho ou Greenwich Village implantada nos trópicos”.¹ Ainda havia na região vários cabarés, dancings com taxi-girls, bares e leiterias que ficavam abertas a noite inteira e que por algum motivo eram muito frequentadas pelos boêmios, que teoricamente não eram muito chegados às

bebidas servidas nesses locais que vendiam laticínios. (Antigamente eram inúmeras as leiterias no centro; hoje existem poucas.) Na Lapa, na rua Conde Laje e adjacências, localizavam-se os bordéis elegantes da cidade — os prostíbulos ordinários ficavam na “zona do Manguê”, próximo da praça Onze, onde surgiu o samba. (“Zona” passou a significar local de prostituição. Quando se queria comentar que uma mulher se prostituíra, dizia-se que ela “caiu na zona” ou era “uma mulher da zona”.) A Lapa, para José, sempre foi um lugar tranquilo. O escritor Ribeiro Couto, um dos cronistas da cidade, escreveu: “Na Lapa posso olhar melhor os homens decaírem, decaírem, roídos pelo vício.” Mas isso foi em 1924, antes de José ter nascido. Para ele, os frequentadores da Lapa — cafetões, putas, vagabundos, mendigos, artistas e os boêmios em geral — não pareciam “roídos pelo vício”, porém normais e bem-comportados.

Mas existia uma mitologia perversa e romântica ligada à Lapa: o lendário Madame Satã, um malandro homossexual capaz de enfrentar a polícia e de vencer brigas fantásticas; os cafetões assustadores que desfiguravam com navalhadas o rosto das prostitutas que exploravam; os suicídios e mortes e ruínas de burgueses de boa família, causados por deslumbrantes hetairas francesas; o tráfico de escravas brancas, comandado por uma lendária entidade internacional conhecida como Zwig Migdal.

Tomavam leite ou comiam coalhadas ao lado de José, na leiteria Bol (a da Lapa, não a da rua Gonçalves Dias, que tinha outra freguesia), homens e mulheres que exigiam algum esforço de imaginação para que ele pudesse lhes atribuir coisas perniciosas e perigos ameaçadores. Na verdade, José notava neles uma certa formalidade: a cidade, como um todo, era mais formal. Não se viajava descalço nos bondes, havia um bonde especial de carga que era usado pela gente malvestida, conhecido como “taioba”; para entrar nos cinemas, com exceção dos chamados “poeiras”, era preciso usar paletó e gravata, mesmo nas

matinês. Não havia consumo de drogas, com exceção de cigarros e álcool; a maconha nem sequer era proibida, usada que era por poucos entre a população mais pobre; aliás, o consumo de drogas era tão ínfimo na cidade que havia um cidadão que era famoso exatamente por ser um, na verdade o carioca viciado em cocaína, que também não era proibida. João do Rio fala da sua visita a uma casa de “comedores de ópio”, no beco dos Ferreiros (que ficava no Centro, mas não na Lapa), onde “chins magros, chins gordos, de cabelos brancos, de caras despeladas, chins trigueiros, com a pele cor de manga, chins cor de oca, chins com a amarelidão da cera dos círios [...] preparam-se para a intoxicação”. Mas isso, se não for produto da imaginação do cronista, teria acontecido, de maneira episódica e inexpressiva, em 1908.

As putas francesas da rua Conde Laje eram, de certa forma, fascinantes — assim como os suntuosos palacetes com grandes janelões onde os bordéis funcionavam e que antes haviam sido ocupados por famílias ricas. Os porteiros dos bordéis da Conde Laje, apesar das inúmeras tentativas de José, não o deixavam entrar por ele ser menor, e também certamente por estar malvestido — aqueles bordéis eram frequentados por homens importantes, do mundo da política e dos negócios. José se postava na rua e via, através das largas janelas, nos salões iluminados por grandes lustres de cristal, aquelas mulheres muito brancas, jovens e bonitas, elegantes em seus ricos vestidos longos decotados, de seda e cetim, tomando champanhe em taças de cristal, provavelmente falando francês com os seus clientes, trajados formalmente de roupas escuras, alguns de smoking.

José nunca sentiu atração por prostitutas, mas essas da Conde Laje ele não considerava como tais, nada tinham em comum com aquelas do Mangue, que ficavam na porta de suas casas rústicas, gordas ou raquíticas, malvestidas, feias, algumas velhas, aliciando os potenciais clientes que passavam com palavras encantatórias como “buchê”, corruptela francesa que significava sexo

oral, uma extravagância luxuriosa importada, diziam, da terra da marquesa de Maintenon. Cobravam cinco mil-réis dos clientes (nessa época uma entrada de cinema custava 1.100 réis). A moeda de cinco mil-réis tinha num dos lados a efígie de Santos Dumont, o inventor da aviação, e no outro uma asa. Era chamada por todo mundo de “voando para o Mangue”.

José não conseguia ter da zona do Mangue uma visão romântica, como a de Stefan Zweig, ao visitá-la poucos anos depois: “Também outra originalidade do Rio”, disse Zweig, “em breve será vítima da ambição civilizadora e talvez também da moralidade, o que ocorreu em muitas cidades, como Hamburgo e Marselha. Refiro-me às ruas proibidas, a zona do Mangue, a grande feira do amor, a *yoshiwara* do Rio”. Oxalá ainda à última hora aparecesse um pintor, a fim de retratar aquelas ruas quando elas, à noite, brilham com luzes verdes, vermelhas, amarelas e brancas, e sombras fugitivas, constituindo um espetáculo oriental, misterioso pelos destinos acorrentados uns aos outros e semelhante ao qual não vi outro em toda a minha vida. Nas janelas, ou melhor, nas portas se acham, como animais exóticos por trás das grades, mil ou talvez mil e quinhentas mulheres, de todas as raças e de todas as cores, de todas as idades e naturalidades, negras senegalescas ao lado de francesas que já quase não podem cobrir com arrebiques as rugas produzidas pelos anos, caboclas franzinas e croatas obesas, esperando os fregueses, que em incessante préstito espiam pelas janelas, a examinar a mercadoria. Por trás de cada uma dessas mulheres se veem lâmpadas elétricas de cor, que iluminam com reflexos mágicos o aposento posterior, no qual se destaca, na penumbra, o leito, que é mais claro, um *clair-obscur* de Rembrandt, que torna quase mística essa atividade cotidiana e, além disso, assombrosamente barata. Mas o que é mais surpreendente, o que, ao mesmo tempo, é brasileiro, nessa feira, é a calma, o sossego, a disciplina; ao passo que em ruas como essas em Marselha, em Toulon, reina grande barulho, se ouvem risadas, gritos, chamados em voz

alta e gramofones, ao passo que lá os fregueses bêbados, os europeus, berram nas ruas, aqui, nas do Rio, reinam calma e moderação. Sem se sentirem envergonhados, os homens passam diante daquelas portas, para às vezes desaparecerem ali, como um rápido raio de luz. E por cima de toda essa atividade calma e oculta está o firmamento com suas estrelas; mesmo esse recanto, que em outras cidades, de qualquer modo, consciente e envergonhado do seu comércio, se concentra nos bairros mais feios e decaídos, no Rio ainda tem beleza e se torna um triunfo de cor e de luzes variadas.”

Mas para José as trabalhadoras do Mangue, que na adolescência ele “espiava através das janelas”, eram pessoas que lhe despertavam apenas compaixão, ao contrário das mulheres da rua Conde Laje, que provocavam enlevo, mulheres saídas das páginas de Henri Murger ou de Balzac, que tinham seus encontros galantes nas salas privadas dos restaurantes de luxo de Paris, para comer finos acepipes e beber voluptuosos vinhos de cepa nobre, antegozando uma refinada noite de prazer.

O certo é que a Lapa nos anos 1930/40 perdeu a sua importância. Os bordéis de luxo da Conde Laje fecharam por falta de freguesia. Em 1950 um samba de Carnaval de sucesso repetia o refrão “A Lapa está voltando a ser a Lapa”, mas isso não aconteceu, ela não voltou aos seus tempos de glória. Chico Buarque, anos depois, apenas confirmou essa situação ao compor a conhecida canção que diz “Eu fui à Lapa mas perdi a viagem, pois a tal de malandragem não existe mais”. A decadência da Lapa ocorreu simultaneamente a uma mudança de costumes no que concerne aos encontros galantes. Até então havia para isso apenas um motel, o Colonial, na avenida Niemeyer, aonde só se podia ir de carro. A maioria das pessoas se utilizava de rendez-vous, eufemismo afrancesado usado para denominar os quartos alugados à hora por cafetinas discretas, e os havia de todo preço; o termo adquiriu uma conotação pecaminosa e não podia ser pronunciado em casas de família. Os indivíduos

de posses montavam um apartamento, que era conhecido como *garçonnière*, no linguajar elegante (ainda que impróprio em uma casa de família), ou vulgarmente como “matadouro”. Mas então novos motéis para esses encontros começaram a ser construídos, principalmente na Barra da Tijuca. As zonas de prostituição para a classe média acabaram, e as dos pobres quase que desapareceram. A “zona” praticamente não existe mais, nem mesmo como símbolo. As putas agora podem ser encontradas em bares ou acionadas por telefone, divulgado através de anúncios de jornal, e passaram a se chamar *call-girls* ou garotas de programa. Há, ainda, aquelas que ficam nas calçadas, sobretudo de Copacabana — à espera, quase sempre, de um estrangeiro —, cuja ação é esporadicamente coibida pela polícia.

(No início dos anos 1980 a Lapa teve uma espécie de renascimento e entrou na moda junto à classe média da zona sul, notadamente jovens.)

5. *O Carnaval*

Para aumentar a sedução da cidade, a atração que ela exercia sobre José, alguns meses depois de morar no Centro e de explorar e conquistar avidamente seu novo território, aconteceram os quatro dias de Carnaval. As ruas e praças em volta da casa dele, a avenida Rio Branco, a Treze de Maio, o largo da Carioca, a Cinelândia, se encheram de repente de mulheres lindas fantasiadas de odaliscas, colombinas, tirolesas, índias, ciganas, que pareciam ter vindo de um outro mundo; foram ocupadas por grupos de pessoas fantasiadas cantando e dançando ao som de bandas de música; pelos carros abertos fazendo o curso; pelo desfile dos préstitos das Grandes Sociedades — os Fenianos, os Pierrots da Caverna, os Tenentes do Diabo, o Clube dos Democráticos. E havia as serpentinas e os confetes coloridos, no ar o aroma do lança-perfume, éter perfumado em bisnagas de vidro ou metal, que as

peessoas esguichavam umas sobre as outras e que, quando aspirado em pequenas doses, o que era comum, causava embriaguez instantânea, mas de curta duração. (Alguns sujeitos brigões, ou cretinos, gostavam de jogar o éter das bisnagas nos olhos dos outros, o que causava forte ardência, também passageira.) No último dia de Carnaval, a terça-feira gorda, que os franceses chamam de mardi gras, e que antecede a quarta-feira de cinzas, as pessoas cantavam com uma desesperada e masoquista alegria: “É hoje só, amanhã não tem mais, é hoje só, amanhã não tem mais!”, e naquele dia — e muito depois, em outras terças-feiras carnavalescas — esse refrão enchia José de tristeza, o Carnaval ia acabar. Não entendia por que as pessoas faziam questão de gritar esse inútil estribilho doloroso de alerta. Naquele dia, ele foi para casa e ficou até o sol raiar no balcão do seu sobrado, para ver os últimos blocos deslocando-se pela rua Sete de Setembro, entre a praça Tiradentes e a Rio Branco. Ouviu, ao longe, na madrugada cinzenta, o derradeiro bloco se aproximando, apenas o barulho cadenciado dos tamancos no asfalto, uma anunciação misteriosa, não assustadora, apenas melancólica, do fim do mundo. Quando, naquela manhã cinérea, o bloco se aproximou e passou em frente à sua janela, marchando num compasso lento de rancho, José pôde ver a todos, homens e mulheres e crianças, pretos, mulatos e brancos, pobres, com suas fantasias consumidas, cansados mas com um sentimento de coragem resignada, ou de esperança, ou de seja-o-que-Deus-quiser; e pôde ouvir o samba que cantavam — “O orvalho vem caindo, vai molhar o meu chapéu, e também vão sumindo as estrelas lá no céu... Tenho passado tão mal, a minha cama é uma folha de jornal”.

No dia seguinte, o mundo tinha se modificado, pessoas estranhas e feias e sem alma caminhavam pelas calçadas. De uma hora para outra a alegria e o amor tinham desaparecido da face da Terra, e ele, imprevidente ou impotente, não conseguira tornar permanente a imensa felicidade que havia

sentido, estava tudo acabado e perdido, o que vira e sentira parecia impossível de ser revivido em seu coração — amanhã não “tinha” mais. Hoje, ele vê as fotos antigas do Carnaval, e aqueles foliões e foliãs, mortos e esquecidos, são efemeramente ressurrectos pela sua imaginação.

As crônicas do José

Sérgio Augusto

Recluso e avesso a entrevistas, Rubem Fonseca já foi comparado a J.D. Salinger, Dalton Trevisan e até a Greta Garbo, mas se mantém firme em suas convicções. “O que tenho a dizer está nos meus livros” é sua resposta-padrão aos que ainda teimam em entrevistá-lo. Falar de si próprio, de seus gostos, suas idiossincrasias, suas ideias sobre o mundo e as coisas, só mesmo por interpostas personas (ou *personae*, como o autor deve preferir) e difusos alter egos, como alguns de seus personagens, notadamente Mandrake, os vários Josés espalhados por sua ficção e o acronímico Rufus de *Diário de um fescenino*. Nem para os incontáveis amigos que tem na imprensa se permite abrir uma exceção. A que tinha (ou sentiu-se na obrigação) de abrir, abriu faz muito tempo, quando do lançamento de seu primeiro livro de contos, *Os prisioneiros*.



No afã de ajudar o editor Gumercindo Rocha Dorea, que tanto acreditara em seu talento, aceitou conversar com a jornalista Edna Savaget, para o suplemento literário do jornal carioca *Diário de Notícias*. Naquela histórica entrevista, publicada em 8 de dezembro de 1963, o então

desconhecido escritor revelou sua admiração por Kafka e Ezra Pound, ressaltou a superioridade dos americanos na literatura moderna (desde os clássicos Faulkner, Hemingway, Fitzgerald e Dos Passos), conceituou sobre o conto (“está mais próximo da concisão dramática do teatro que da fluência narrativa do romance”), e entre os autores patricios destacou Guimarães Rosa (“sua obra é definitiva, ele pode morrer amanhã sem susto”), Campos de Carvalho, Carlos Heitor Cony, Autran Dourado, Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade (“um dos três maiores poetas da língua em todos os tempos”, Camões e Fernando Pessoa, os outros dois).

Em seguida, fechou-se à curiosidade dos críticos e leitores. Mas não por escrito. Se algum assunto lhe despertava especial interesse e a seu ver justificasse uma reflexão, escrevia um artigo, uma crônica ou um ensaio, em geral publicados no *Jornal do Brasil*, na revista *Status* ou no semanário *Pasquim*. Nem assim amainou a curiosidade dos jornalistas, incessantemente ávidos por descobrir quais seus escritores favoritos, os livros que mais o marcaram, seu método de trabalho, seus hábitos de leitura, se prefere a prosa à poesia e a literatura ao cinema, se acha que o romance morreu, se gosta de viajar, futebol e Carnaval, o que fez quando morou em Nova York e Berlim, que charutos lhe dão mais prazer, que recordações guarda de sua atuação como delegado de polícia, executivo da Light e anônimo resenhista de filmes nos primórdios da revista *Veja*, para não falar de suas reminiscências infantojuvenis e suas experiências sexuais e gastronômicas.



Ainda que boa parte dessas perguntas tivesse sido respondida em seus textos não ficcionais, dispersos e quase inacessíveis, eles continuavam virtualmente inéditos — até que a internet facilitou-lhes a difusão, através do site *Portal Literar*. Não de todos, saliente-se. O longo, sério e erudito artigo sobre o palavrão que escreveu para o *Pasquim*, por exemplo, não ganhou sobrevida no *Portal*. Publicado em dezembro de 1969, com o jornal ainda livre da censura prévia imposta pela ditadura militar, faria um ótimo *pendant* com o segundo texto desta coletânea (“A pornografia começou com a *Vênus de Willendorf?*”), originalmente lido na *Status* e, como os demais, extraído do *Portal*.

Tema aprofundado em outro texto do *Portal* (“Prefácios Literários”) não incluído nesta edição, a pornografia serviu de inspiração ao último conto de *Feliz Ano Novo*, centrado na figura de um misto de escritor e bandido, inventor da “pornografia terrorista” e autor de um romance de título e conteúdo provocativos (*Intestino grosso*), devotado à desexcomunicação do corpo e suas “ainda secretas e obscuras” relações com a mente. Para ele, não havia salvação fora da pornografia. Ou ela, ou a doença mental, a violência e a bomba nuclear, proclamava o blasfemo beletrista, para pasmo e horror das

“almas simples”. Como, além de pornoterrorista e escritor, o personagem também preferia árvores a crianças, alguns críticos arriscaram compará-lo ao dendrólatra Rubem Fonseca, que, interrogado a respeito, uma vez mais desconversou.

Lembranças de outras ficções do cronista bissexto afloram ao longo dos 28 textos aqui enfeixados: a bebedeira do narrador de “Véspera” (o décimo terceiro conto de *Lúcia McCartney*), hospedado no nova-iorquino hotel Chelsea, com direito a um brinde a Dylan Thomas; as ruminções literárias de Gustavo Flávio em *Bufo & Spallanzani*; a Berlim e as discussões sobre cinema e literatura de *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*; as evocações de Paulo Mendes, vulgo Mandrake, que na adolescência também morou num sobrado da rua Evaristo da Veiga, quase na esquina da Treze de Maio, de onde apreciava a grã-finada carioca chegar ao Teatro Municipal, tal e qual o José das oblíquas memórias que fecham esta coletânea. Resta esclarecer se o moleque José (Rubem Fonseca), a exemplo de Mandrake quando ainda Paulo, também se divertia cuspiendo nos enfarpelados passantes.

Fonseca exhibe lado íntimo em coletânea²

Marcelo Pen

Com o declínio da prática da crônica no jornal, sem falar da morte do folhetim em periódicos, o gênero hoje encontrou outro suporte em blogs e sites, nos quais os escritores têm a oportunidade de dar vazão a suas impressões, críticas e reminiscências. Muitos desses escritores, como também ocorre, não ficam satisfeitos com a base eletrônica e depois publicam esses apontamentos em livro.

É o caso de *O romance morreu*. Este último livro de Rubem Fonseca deriva sobretudo de textos escritos para seu site, ancorado no *Portal Literal* (portalliteral.terra.com.br/rubem_fonseca). Com curadoria de Heloísa Buarque de Hollanda, este portal hospeda sites, entre outros, de Lygia Fagundes Telles, Zuenir Ventura e Ferreira Gullar.

Para a publicação, inseriram-se ligeiras modificações, cortes (como no texto “Cinema e literatura”) e mudanças de título (o texto que dá nome a este volume chama-se “A literatura de ficção morreu?” no site). (...)

Dois aspectos logo saltam à vista. Primeiro, é o fato de Fonseca, em geral um escritor arredo, exhibir um lado, digamos, mais íntimo (quem sabe seu “lado B”, como se diz no site?). Neste livro ele descreve sua briga para salvar uma árvore em uma praça do Rio, seus percalços em Berlim na época da derrubada do Muro, seu fraco por ler e armazenar bulas de remédio. Um pouco do cotidiano do autor, estampado no meio virtual, espalha-se pelas páginas deste livro.

O melhor exemplo desse mergulho no “eu” está em “José — uma história em cinco capítulos”, uma reminiscência em terceira pessoa sobre a infância

do autor em Juiz de Fora, onde nasceu, e no Rio de Janeiro, para onde se mudou aos oito anos de idade.

A desconfiança com o gênero memorialístico pode ter levado ao emprego da terceira pessoa, José, diz o narrador, “sabe que todo relato autobiográfico é um amontoado de mentiras — o autor mente para si mesmo”. O disfarce é tênue, pois o personagem tem o mesmo primeiro nome do escritor, José Rubem Fonseca, chamado, aliás, de Zé Rubem pelos amigos.

“Belo Horrível”

É na cidade grande que o garoto deixa de lado a imagem da Paris dos folhetins que abrasava sua imaginação e compreende a dimensão do “belo horrível”, ao ver o incêndio que destruiu o maior “magazine” carioca da época, o Parc Royal.

E aí se chega ao segundo ponto: em *O romance morreu* há um arrefecimento desse “belo horrível” — da violência, do humor cáustico e da descrição crua de suas narrativas mais famosas. Decerto se fala de onanismo, dos atributos eróticos de esculturas paleolíticas e até dos crimes de Jack, o Estripador, mas, mesmo nesses casos, o caráter medonho vem amainado por outras considerações (o ponto de vista mais plácido do autor?).

Algumas das melhores crônicas saíram na imprensa antes de figurar no site, como “A pornografia começou com a *Vênus de Willendorf?*” (revista *Status*), “O som e a fúria” (*Jornal do Brasil*) e “Primeiras lembranças de Nova York” (novamente na *Status*), em que Fonseca descreve a cidade onde morou em 1953.

Foi no bar do hotel Chelsea, em Nova York, que o brasileiro conversou com o poeta galês Dylan Thomas. Na madrugada desse dia, o poeta seria levado ao hospital, onde viria a morrer. Fonseca percebe, sob a tensão e os gestos violentos do interlocutor, um cerne vulnerável. É justamente esse núcleo mais caroável que o leitor encontra, aqui e ali, neste livro.

O autor

Contista, romancista, ensaísta, roteirista e “cineasta frustrado”, Rubem Fonseca precisou publicar apenas dois ou três livros para ser consagrado como um dos mais originais prosadores brasileiros contemporâneos. Com suas narrativas velozes e sofisticadamente cosmopolitas, cheias de violência, erotismo, irreverência e construídas em estilo contido, elíptico, cinematográfico, reinventou entre nós uma literatura *noir* ao mesmo tempo clássica e pop, brutalista e sutil — a forma perfeita para quem escreve sobre “pessoas empilhadas na cidade enquanto os tecnocratas afiam o arame farpado”.

Carioca desde os oito anos, Rubem Fonseca nasceu em Juiz de Fora, em 11 de maio de 1925. Leitor precoce porém atípico, não descobriu a literatura (ou apenas o prazer de ler) no *Sítio do Pica-pau Amarelo*, como é ou era de praxe entre nós, mas devorando autores de romances de aventura e policiais de variada categoria: de Rafael Sabatini a Edgar Allan Poe, passando por Emilio Salgari, Michel Zévaco, Ponson du Terrail, Karl May, Julio Verne e Edgar Wallace. Era ainda adolescente quando se aproximou dos primeiros clássicos (Homero, Virgílio, Dante, Shakespeare, Cervantes) e dos primeiros modernos (Dostoiévski, Maupassant, Proust). Nunca deixou de ser um leitor voraz e ecumênico, sobretudo da literatura americana, sua mais visível influência.

Por pouco não fez de tudo na vida. Foi office boy, escriturário, nadador, revisor de jornal, comissário de polícia — até que se formou em direito, virou professor da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas e, por fim, executivo da Light do Rio de Janeiro.

Sua estreia como escritor foi no início dos anos 1960, quando as revistas *O Cruzeiro* e *Senhor* publicaram dois contos de sua autoria.

Em 1963, a primeira coletânea de contos, *Os prisioneiros*, foi imediatamente reconhecida pela crítica como a obra mais criativa da literatura brasileira em muitos anos; seguida, dois anos depois, de outra, *A coleira do cão*, a prova definitiva de que a ficção urbana encontrara seu mais audacioso e incisivo cronista. Com a terceira coletânea, *Lúcia McCartney*, tornou-se um best-seller e ganhou o maior prêmio para narrativas curtas do país.

Já era considerado o maior contista brasileiro quando, em 1973, publicou seu primeiro romance, *O caso Morel*, um dos mais vendidos daquele ano, depois traduzido para o francês e acolhido com entusiasmo pela crítica europeia. Sua carreira internacional estava apenas começando. Em 2003, ganhou o Prêmio Juan Rulfo e o Prêmio Camões, o mais importante da língua portuguesa. Com várias de suas histórias adaptadas para o cinema, o teatro e a televisão, Rubem Fonseca já publicou 14 coletâneas de contos e 12 livros, entre romances e novelas. Em 2011, lançou *Axilas e outras histórias indecorosas* e a novela *José*. Em 2013, chegou ao público seu livro mais recente, *Amálgama*.

COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO

Sérgio Augusto

EQUIPE EDITORIAL

Daniele Cajueiro

Maria Cristina Antonio Jeronimo

Janaína Senna

Ana Carla Sousa

Guilherme Bernardo

Adriana Torres

Leandro Liporage

Pedro Staite

Allex Machado

Maicon de Paula

Vinícius Louzada

DIAGRAMAÇÃO

Filigrana

CAPA

Retina 78

Notas

- 1 Luís Martins, *Lapa*.
- 2 Crítica publicada em 27/10/2007 no jornal *Folha de S. Paulo*.